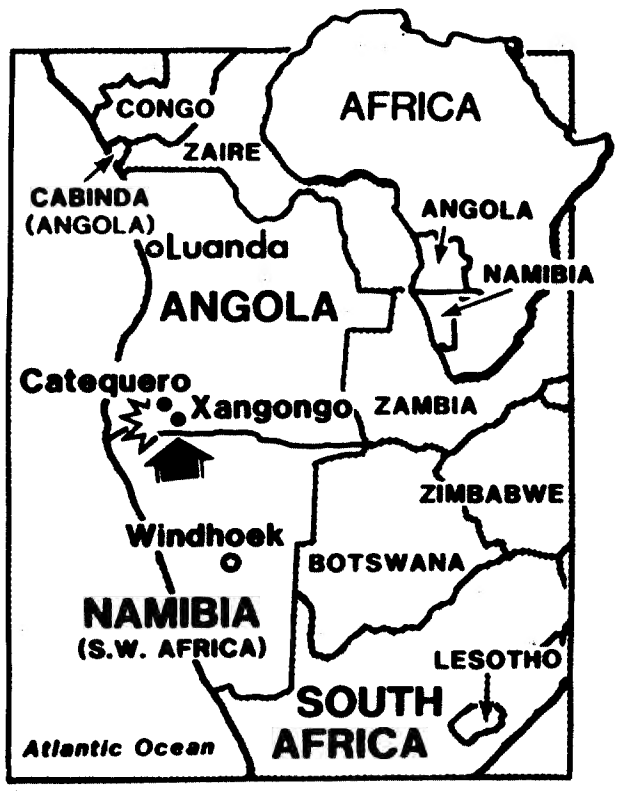
Diário de Lisboa

Fundador Joaquim Manso | Director A. Ruella Ramos | Director-adjunto Fernando Piteira Santos

ANO 61.º N.º 20 637
Agosto 1981
Quinta-feira
27
15$00

Agressão motiva protestos em todo o mundo

África do Sul prepara retirada de Angola?



O mapa assinala a penetração das forças sul-africanas até às localidades de Catequero e Xangongo

A invasão sul-africana contra Angola prossegue, mas, segundo um editorial da agência ANGOP, as tropas de Pretória confrontadas com a resistência das Forças Armadas angolanas, e com a pronta denúncia internacional, estão já a preparar-se para uma «retirada discreta». Na verdade, a opinião pública internacional reagiu com extremo vigor a esta agressão, e diversos governos ocidentais convocaram os embaixadores sul-africanos nas suas capitais, para lhes manifestarem o repúdio por esta acção. O Presidente angolano, que ontem dirigiu apelos a diversas instâncias internacionais, tem recebido amplo apoio, nomeadamente da Organização da Unidade Africana, que convidou todos os Estados do Mundo a cessarem as relações com Pretória e apelou a que a África do Sul fosse expulsa da ONU. Nas Nações Unidas é viva a inquietação que este acontecimento provoca, receando-se que se generalize o estado de guerra por toda a África Austral. O secretário-geral da ONU, Kurt Waldheim, considerou a situação extremamente grave e interrompeu as férias que estava a passar no seu país natal – a Áustria – para regressar a Nova Iorque. Prevê-se que o Conselho de Segurança das Nações Unidas se reúna em sessão de emergência para analisar a situação. Em Washington, o Departamento de Estado considerou «deplorável» o que está a passar-se no sul de Angola.

Págs. Centrais

O País arde ante a passividade do Governo

Há fogo em Sintra e na serra da Estrela

A onda de incêndios continua. Chamas ateadas por mãos criminosas ou acidentalmente, impõem dia a dia a sua lei às florestas portuguesas. Perante o desespero das populações afectadas e dos bombeiros, impotentes para deter este flagelo. As serras da Estrela e de Sintra regressam deste modo às páginas dos jornais, por força de violentos incêndios declarados desde ontem e ainda não dominados. À hora em que encerramos esta edição, o fogo assinalado nas zonas da Penina e Guincho (Sintra) estava praticamente dominado, mas consumiu mais de 200 hectares de vegetação. O comandante dos Bombeiros de Almoçageme afirmou, entretanto, haver provas da origem criminosa do sinistro. Enquanto a lista das áreas incendiadas e o montante dos prejuízos cresce vertiginosamente, as populações urbanas por seu turno, começam também a manifestar sintomas de justificada inquietação perante a passividade dos poderes públicos.

Pág. 7

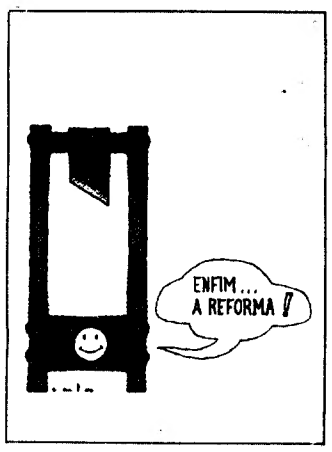
Hoje: ler/escrever

Artigos, contos, notícias, comentários literários e culturais, profusamente ilustrados, constituem as quatro páginas do suplemento «Ler/Escrever» de hoje, que insere colaboração de Luís de Miranda Rocha, Manuel da Fonseca, Hajime Shinoda, Karl Heinz Baab e Manuel Cintra, além de um poema bengali de Jibanananda Das e dois poemas inéditos de José Manuel Mendes.

Cumprindo uma promessa eleitoral

Mitterrand decide abolir a pena de morte em França

O Conselho de Ministros francês decidiu, entre outras importantes medidas (nomeadamente no domínio da economia) propor à Assembleia Nacional a abolição da pena de morte. Deste modo, e dada a confortável maioria de que Mitterrand dispõe no parlamento, podemos dar como certa a abolição da pena capital em França, já a partir de Setembro. A controvérsia sobre a pena de morte há muito se vinha arrastando em França, onde, no entanto, as execuções sereavam cada vez mais. Durante a sua campanha eleitoral, Mitterrand prometeu que um dos primeiros actos do seu Governo seria a abolição dessa pena, considerada inaceitível pela esmagadora maioria dos Estados Europeus Ocidentais. Um condenado à morte foi salvo da guilhotina já sob o mandato do actual presidente, que usou dos poderes que a lei para tal lhe confer. A decisão do Governo francês mereceu a aprovação de diversos Governos europeus e de diversas associações jurídicas internacionais.



Págs. Centrais

Reportagem "DL"

Lisboa, doce Lisboa

Ainda que um tanto ambiciosamente, propomo-nos, a partir de hoje dar ao leitor, uma imagem de Lisboa, na globalidade. Abarcar a cidade sobre vários ângulos: o espaço, os factores que a fizeram, quem a produziu, quem a usufruiu, a cultura ou as muitas culturas que nela convergem, os mimetismos que a banalizam, como se diverte, o que tem para oferecer ao turista, as estruturas que a suportam por baixo e por cima. Em suma: Como vive?

Capital, desde 1383, deste Portugal tão maneirinho, pai e mãe de gente tão lamecha, abraçou-se com força ao rio Tejo. Depois decidiu crescer: Espalhou-se por aí fora, ao acaso, em dormitórios programados e bairros clandestinos, contendo chagas medonhas no seu corpo.

Pág. 9

Numa manifestação frente à Capitania

Vários pescadores feridos em carga da PSP em Portimão

Pág. 20

Greve suspensa nos CTT:

Governo e administração aceitam negociar

Por ter sido acordado ontem à noite uma reunião conjunta com os ministros dos Transportes e Comunicações e do Trabalho e o secretário de Estado das Comunicações, a Federação das Comunicações e Telecomunicações decidiu suspender a semana de greves nos CTT, que deveria ter início hoje. Outra das razões que levaram à suspensão das paralisações e da recusa ao trabalho extraordinário foi a decisão do Conselho de Administração daquela empresa pública de iniciar negociações directas com os representantes dos trabalhadores, segundo revelaram fontes sindicais. A reunião realizar-se-á na próxima quarta-feira, dia 2 de Setembro, no Ministério do Trabalho.

Os trabalhadores dos CTT, que já efectuaram paralisações em Julho e no corrente mês, exigem um aumento de 24,5% e um subsídio de refeição de 150 escudos, ao passo que a administração não vai além dos 22%, que foram aceites por alguns sindicatos paralelos do sector.

Pág. 13

tem a palavra o leitor

«Desvirtualiza, afronta e desprestigia»

Senhor director,

Fico surpresa com a foto reproduzida no vosso jornal de 7-8-81 – Hiroxima 36 anos depois – referente à Marcha da Paz 81, que partiu de Copenhaga em 21-6-81 e terminou em Paris em 6-8-81, pelas seguintes razões:

– Não apresenta qualquer sinal identificativo, em contradição com as fotos que junto envio.

– Desvirtualiza os objectivos da marcha: desnuclearização em todo o mundo.

– Afronta os mortos de Nagasaki e Hiroxima (junto envio o programa das manifestações em França).

– Desprestigia o vosso jornal, que sempre tem mantido uma linha coerente, tomando posições em defesa da liberdade, democracia e esclarecimento do povo português.

Bárbara Maria Pereira do Canto Simões Torres Novas

Nota da Redacção: Esta carta era acompanhada de um exemplar do programa das manifestações em França relacionadas com a marcha em questão e por quatro fotos de que reproduzimos um exemplo.

A foto em questão

Uma das fotos enviadas pela nossa leitora

Não desvirtualiza não afronta e não desprestigia

Não estamos de acordo com a sr.ª D. Bárbara Simões, pelas seguintes razões:

– Há um sem número de documentos fotográficos do maior interesse jornalístico que não apresentam «qualquer sinal identificativo» e que não perdem, por esse motivo, esse mesmo interesse. Seria ocioso enumerar exemplos em abono desta afirmação. No entanto, damos o seguinte: a maioria das fotos de cadáveres de vítimas dos nazis em campos de concentração não apresenta sinal confirmando que se trata de fotos obtidas em campos de concentração. Nunca, no entanto, alguém pôs em dúvida o carácter verídico desses documentos. Porquê? Porque se faz confiança ao autor das fotos, ou a quem as distribui, ou a quem as publica. No caso em questão (a nossa foto de 7/8/81) verificam-se estas três condições. Há um quarto critério contra a dúvida: a consulta de quem confirme tratar-se de documento reproduzindo a verdade dos factos. Também quanto a este critério, o documento que publicámos é inteiramente viável.

– Quanto às restantes acusações («desvirtualiza os objectivos da marcha», «afronta os mortos» e «desprestigia o jornal»), e uma vez que a nossa correspondente não explica porque é que tal, em sua opinião, acontece, somos levados a crer que o que desvirtualiza, afronta e desprestigia é o facto de a maioria dos fotografados se encontrarem nus. Nesse caso, temos simplesmente a dizer que, no «Diário de Lisboa», as fotos do corpo humano nu, porque nunca as utilizamos com objectivos de pornografia ou meramente comerciais, nunca desvirtualizam, nem afrontam, nem desprestigiam.

João Mendes

Virgílio Martinho

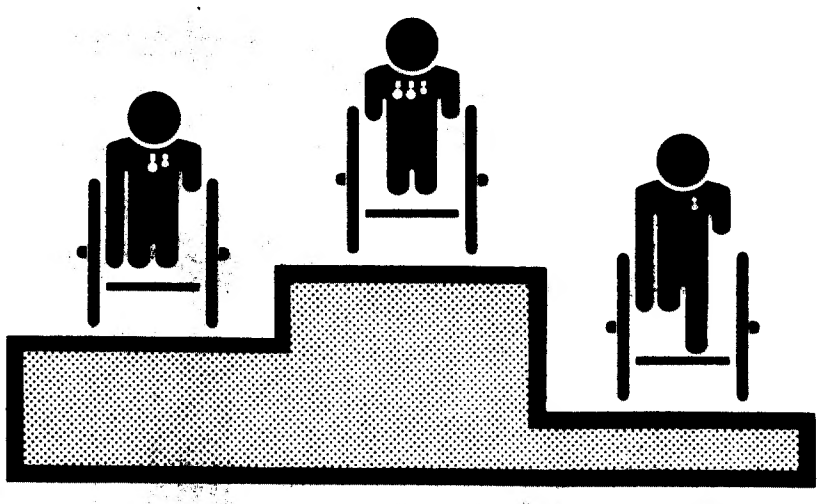
Textos de teatro, por um autor experimentado, baseado em factos concretos da nossa revolução.

O herói chegado da guerra

e outros textos em teatro

Pedaços de vida
que esperam movimentação,
luz, público, numa palavra,
teatro.

Dimensão 6



COLECÇÃO
«O CAMPO DA PALAVRA»

na estrada do futuro editorial CAMINHO

Concurso "DL"/81

DATA LIMITE: 17 DE SETEMBRO ...mas envie hoje mesmo as suas colecções!

Em face do atraso da correspondência resultante da greve dos CTT, e para que nenhum dos nossos leitores fique prejudicado, foi decidido alterar a data limite de envio pelo correio (única forma de entrega das colecções) para 17 DE SETEMBRO, passando a data do sorteio para 13 de Outubro. Mas não espere pelo último dia: envie hoje mesmo as suas colecções!

Terminada a Repetição das duas Séries de Cupões e do Boletim de Identificação, o leitor só tem agora que enviar as suas Colecções (cupões n.ºs 1 a 30 de qualquer das séries).

Lembramos que:

● **O leitor deve usar apenas um boletim** por cada colecção e enviar apenas uma colecção em cada envelope.

● **O BOLETIM DE IDENTIFICAÇÃO** deverá ser totalmente preenchido com letra bem legível, e indicar o nome do concorrente (nome completo, tal como figura no bilhete de identidade) morada e telefone (se tiver), bem como (o que é facultativo mas se recomenda) o nome do vendedor ou estabelecimento onde adquire o seu jornal;

● **O TALÃO RECIBO** deverá ser igualmente preenchido com a morada correctamente indicada (não corte nem separe da metade superior) e, no caso de o concorrente desejar a devolução do mesmo depois de numerado, terá de juntar um selo de correio de 8$50. Coloque o selo visivelmente, junto do Boletim, de forma a não o inutilizar – não use fita gomada, não agrafe e não cole (pode prender com um pequeno «clip»).

● **O PRAZO DE ENVIO** termina em 17 de Setembro de 1981 (data do carimbo do correio) e as colecção devem ser enviadas para

DIÁRIO DE LISBOA – CONCURSO
RUA LUZ SORIANO, 44 1200 LISBOA

● **O ENVIO PELO CORREIO** é obrigatório nos termos do regulamento,

Os números atrasados poderão ser adquiridos na Rua Luz Soriano, 17

política de A a Z

O impasse e o desinteresse

COMEÇA a ser difícil, na ocidental praia lusitana, saber quando nos aproximamos da crise ou da crise nos afastamos. Agora que, para nossa felicidade e espanto da Europa que nos observa, sem razão política constitucional para se ter demitido; Francisco Balsemão a si próprio sucede e que depois de ter declarado, no Norte, que não admitia a hipótese de chefiar outro Governo da AD, se ocupa na reorganização de um elenco governamental, os cidadãos portugueses, independentemente de ideologias e de credos, evidenciam sinais de cansaço. A caso de desinteresse. Estão cansados destes políticos, desta política desinteressados.

Com efeito existem no País da realidade, surgem no quotidiano das vidas dos homens, das mulheres, dos jovens, problemas sucessivos e espinhosos. A vida está difícil. Viver é penoso e caro. A qualidade de vida de deficiente, evoluiu para má. Vive-se mal, ou vive-se sem posto. Abril é uma recordação e uma frustação para os que viveram a manhã da liberdade reconquistada. Existe **uma crise.** *A sociedade portuguesa está em* **crise.**

Sem o texto do discurso de Cavaco Silva no Conselho Nacional do PSD (8/9 de Agosto) e não podemos deixar de reconhecer que nele se indicam motivos suficientes par gerarem uma crise na AD, para criarem um ambient de confusão e insegurança no PSD, mas é evidente que não existiram motivos políticos nacionais para dar à «crise da coligação», ou no seio da «coligação», o carácter de «crise do Governo».

Este é um aspecto em que as críticas nacionais e os reparos dos observadores estrangeiros coincidem. A **crise** *– na opinião política europeia, no juízo dos observadores estrangeiros – apresenta-se com um carácter insólito. A* **Direita** *desencadeou uma operação que, revestindo a forma de uma crise governamental, visava atingir o sistema institucional no seu funcionamento constitucional e no seu prestígio. Talvez, não vejamos esclarecidos os verdadeiros motivos que a impedirm de levar a crise às últimas consequências. Tudo leva a crer que Francisco Balsemão é uma vez, para a* **Direita,** *uma solução ferida de interinidade.*

Há, efectivamente, como que um entendimento, só aparentemente, de que **este Governo AD Balsemão** vem gerir a continuidade de uma transição. Daí um relativo desinteresse quanto à sua composição e ter passado para segundo plano – excepto no discurso negocial do PPM – as questões políticas, as questões relativas às próximas eleições autárquicas, as questões relativas à reorganização estrutural do Governo.

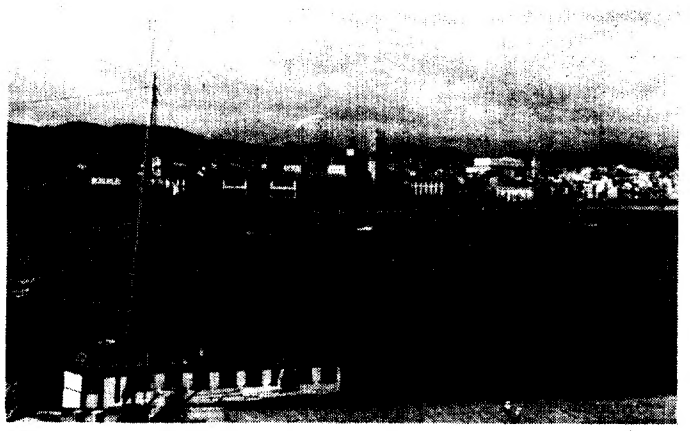
Apresenta-se como irrevelante que Diogo Freitas do Amaral substitua Azevedo Coutinho no esvaziado Ministério da Defesa, mesmo na perspectiva da revisão constitucional, eliminando o Conselho da Revolução, desenvolver a esse departamento poderes e competências. Porque o que é, realmente, relevante, é a presença de Diogo Freitas do Amaral no Governo como Vice-Primiro-Ministro. Presença considerada, aliás, por grande parte do CDS e pelos «críticos» de Francisco Balsemão no PSD, como a condição prioritária e decisiva do funcionamento prestigiado e eficaz de um Governo AD.

A presença de Diogo Freitas do Amaral no Governo deverá ser entendido como uma participação do **líder** *do CDS na chefia do Governo. De toda a evidência ele ascende ao cargo de Vice-Primeiro-Ministro como garante da condução política da «coligação». E Francisco Balsemão publicitando e dramatizando as suas dificuldades pessoais de liderança, contribuiu para a valorização da atitude de Diogo Freitas do Amaral, para dar peso ao seu gesto de boa vontade aceitando rever a posição que solenemente anunciara durante a última batalha eleitoral.*

Será natural, portanto, que na Imprensa, as negociações de Francisco Balsemão quando não têm como interlocutor o presidente do CDS, apareçam reduzidas a substituições de pessoas de âmbito reduido e frouxa significação. Diogo Freitas do Amaral vai dirigir com a defesa a diplomacia, com a reforma administrativa a política de regionalização, com as finanças a economia, com os «regressos» o global «restauracionismo». O Governo AD n ão vai ser só **um Governo mais à dirita,** *vai ser um* **Governo restauracionista.** *Com Balsemão? Sim. E, sem indulgência, acrescentemos: apesar de Balsemão.*

E o social-democrata (à moda de Cascais), liberal de tradição, convivent de indo le, irá comprometer-se num curso político de continuidade, quando o futuro político de um partido social-democrata dependia de uma ruptura. Pedia-se-lhe a ruptura pública, audacioso, com o projecto obscuro de Sá Carneiro/Soares Carneiro. Pedia-se-lhe que assumisse a outra face – a face oculta das intenções a Sá Carneiro atribuídas – a do reformismo desenvolvimentista, uma espécie de marcelismo social-democratizado, Francisco Balsemão desistiu. Sacrificou **o partido,** *a uma formal partilha* **do poder.**

Desta **crise,** *o PSD ficou ressentido. E é possível que, nas urnas, o desencanto do corpo eleitoral se expresse, que nos resultados eleitorais se venham a reflectir as dxecepções dos militntes.* **A crise do PSD** *abortou numa «crise de Governo». Falsa crise, esta. Falso diagnóstico. Flso remédio.* **A crise da AD** *é, no fundo, uma crise de incapacidade governativa, é a crise que resulta da AD,* **em democracia,** *ter enormes dificuldades para realizar o seu programa eleitoral dada a rsistência do País real, dada a oposição do País político, dada a desconfiança dos trabalhadores, dada a circunstância de a* **maioria parlamentar** *ser, nacionalmente na dura conclusão das eleições, uma* **minoria política e moral.** *Porque é anti-Abril, porque é anti-Democracia.*



Ainda relacionado com os **Açores.** Um quotidiano de Ponta Delgada, o «Açoriano Oriental» criticava ontem com assinalável dureza verbal recentes afirmações de Jaime Gama a «O Transmontano», de Vila Real, defendendo que Trás-os-Montes deveria ser dotado dum Governo e duma Assembleia Regionais nesta região continental, à semelhança do que se passa nas ilhas. «Colocar o caso dos Açores no mesmo pé de igualdade política e social de Trás-os-Montes é um erro de avaliação que surpreende, ainda mais quando parte de um homem das ilhas que se proclama defensor da autonomia e do processo insular» – diz o jornal micaelense.

O Município de **Boticas** (distrito de Vila Real) aguarda há cerca de três meses que o Ministério da Justiça mande pagar-lhe 2,2 milhões de escudos devidos por adiamento de verbas para a construção do tribunal da comarca. A importância já foi adiantada ao empreiteiro pelo município, na certeza de que o MJ reembolsaria a edilidade. No dia 1 de Junho o ministério exarou um despacho autorizando o pagamento. Mas este ainda não se concretizou, por dificuldades burocráticas que a edilidade transmontana não pode resolver.

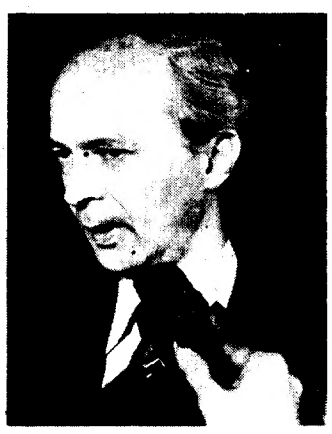
Outra visita aos Açores, a do general **Garcia dos Santos,** CEME, também termina amanhã. Ontem, Garcia dos Santos esteve em Angra do Heroísmo, onde se avistou com o ministro da República, general Conceição e Silva, e o presidente da Assembleia Regional, Álvaro Monjardino, e inteirou-se dos trabalhos de reconstrução daquela cidade vítima do sismo de 1 de Janeiro de 80, designadamente do papel activo que o Exército ali está a ter. Hoje, o CEME está em S. Miguel e Faial, em visita a unidades locais.

Uma delegação da **Associação de Amizade Portugal-Israel** (sediada na Guarda) vai visitar Israel a partir de 1 de Setembro. Na agenda de contratos com que a representação desembarcará em Telavive estão responsáveis pela vida cultura israelista. Uma curiosidade: a delegação pretende estudar, com investidores de Israel, a possibilidade de desenvolver em Portugal a aplicação de energia solar para fins domésticos e agrícolas.

O secretário-geral do PS, **Mário Soares,** esteve ontem nas ilhas das Flores e do Corvo, as mais ocidentais dos Açores, no prosseguimento da sua visita de sete dias àquela Região Autónoma. Soares regressa hoje a Lisboa, com passagem pela Terceira, onde terá um encontro com o ministro da República, general Conceição e Silva.

O novo embaixador da Guiné-Bissau em Lisboa, **Leonel Vieira,** apresentou ontem em Belém credenciais ao Presidente Ramalho Eanes. Hoje, outro embaixador dum novo Estado Africano, antiga colónia portuguesa apresenta-se em Belém para a mesma formalidade: **Corsinho Tolentino,** de Cabo Verde.

«O fosso que separa os países industrializados no Norte dos países ditos em vias de desenvolvimento impõe-se à consciência colectiva como uma realidade iniludível que é preciso ter em conta e a que é preciso acudir» – afirmou ontem o ministro da Justiça, **Meneres Pimentel,** no Tirol. O ministro português encontra-se nesta região austríaca conparticipando num simpósio internacional de juristas do Ocidente subordinado ao tema «O Homem, a Visão do Mundo, o Direito».



A lição da II Guerra Mundial

por Laura Lopes

Na noite do dia 31 de Agosto de 1939, Alfred Helmut Naujocks, membro das SS nazis e do serviço de segurança SD, à frente de um grupo de criminosos de direito comum vestidos com uniformes polacos, simulava um ataque ao emissor de Gleiwitz, na fronteira da Alemanha com a Polónia, às ordens do conde Heydrich, comandante da polícia de segurança do SD.

No dia 1 de Setembro de 1939, o jornal «Volkischer Beobachter» comentava este episódio da seguinte forma:

«Os polacos irromperam na sala...o ataque contra a estação tinha todo o aspecto de sinal para um ataque geral dos franco-atiradores polacos contra o território alemão. Como se constatou entretanto, os rebeldes polacos romperam ao mesmo tempo a fronteira alemã em dois lugares. Em ambos os locais tratava-se de destacamentos armados até aos dentes que segundo todas as aparências, tinham o apoio do exército polaco regular. As secções da Polícia de segurança estacionadas na fronteira ficaram à mercê dos assaltantes. Os combates de uma grande violência continuam.»

Esta operação detalhadamente montada por Hitler, como foi verificado no processo dos criminosos de guerra em Nuremberga, foi o sinal de desencadeamento da II Guerra Mundial, que vinha a ser preparada, desde há muito. Após ter ordenado o golpe de mão de Gleiwitz, Hitler deu ordem para iniciar a guerra.

A Polónia perdeu um sexto da sua população, a URSS mais de 20 milhões de pessoas. Morreram na II Guerra Mundial 55 milhões de pessoas e 29 milhões ficaram estropiadas.

Entre os fins dos anos 30 e o princípio da década de 40, os exércitos alemães ocuparam a maior parte dos Estados da Europa, que foram submetidos ao mais bárbaro terror, despojados das suas riquezas e constrangidos a um papel de vassalagem à Alemanha hitleriana afim de alimentar as suas guerras de agressão.

Apesar dos apelos incessantes da parte da União Soviética e das forças progressistas de todos os países para opor resistência aos primeiros actos de agressão da Alemanha nazi, as potências ocidentais mantiveram a sua inacção e com ela prepararam em larga medida o caminho de Hitler.

Enquanto a União Soviética após o ascenso do fascismo na Alemanha em 1933, intensificava esforços para garantir a segurança do seu país, e a paz na Europa, e prevenir o perigo crescente de uma guerra, as potências ocidentais usavam de complacência, fechavam os olhos às manobras da clique hitleriana.

Na sua intenção de refrear a agressividade dos agressores em potência – a Alemanha hitleriana e a Itália fascista de Mussolini – a URSS desenvolvia uma grande actividade política e diplomática, da qual se destaca: em 1933, a proposta na Conferência sobre o Desarmamento em Genebra, de um projecto de desarmamento internacional no qual fosse definido o conceito de agressão; em 1934 a proposta de um acordo regional relativo à defesa mútua contra uma agressão alemã, com a participação da Bélgica, França, Checoslováquia, Polónia, Lituânia, Letónia, Estónia e Finlândia; em 1935, a conclusão de um tratado com a França e a Checoslováquia sobre ajuda mútua, que, entretanto, perdera toda a sua razão de ser com os acordos de Munique assinados pela Alemanha, Itália, Grã-Bretanha e França, através dos quais foi entregue à Alemanha uma parte da Checoslováquia – a região dos Sudetas; em seguida esforçou-se igualmente por concluir a tempo, em especial com a França e a Grã-Bretanha, um acordo militar e político contra a Alemanha nazi, contra os seus preparativos de guerra e de agressão que cada vez mais evidentes se tornavam.

Mas nessa época, os meios governamentais destes países não estavam nisso interessados. Foi pois em vão que nos anos 30 o Governo soviético submeteu com insistência às potências ocidentais propostas concretas para a constituição de um sistema de segurança colectiva na Europa e para uma acção comum contra os agressores fascistas.

É, assim, irrefutável que a coligação anti-hitleriana poderia e deveria ter nascido muito antes de 1941. Porém, as potências ocidentais agarravam-se ainda, numa altura em que o perigo era já iminente, à sua política de «apaziguamento» face á Alemanha de Hitler, prendendo-se ainda à convicção de que poderiam desviar o seu desejo de agressão que englobava igualmente o ocidente, unicamente na direcção de leste contra a União Soviética. E isso prova-o claramente a Imprensa da época.

Foi sem disfarces, inúteis aliás, que a revista britânica «New Statesman and Nation» descreveu na época o motivo principal desta atitude: «Se pudessemos persuadir a Alemanha de dirigir a sua expansão não para o ocidente, mas para o leste, nada teríamos a temer nem do bolchevismo nem de guerra» – citado em «Neue Zeit», Moscovo, n.º 36/80, pág. 28.

O Governo dos Estados Unidos, que estava sem dúvida ao corrente dos planos agressivos da Alemanha fascista, aprovava a «política de não intervenção» conduzida por Londres e Paris na esperança que a «França, a Inglaterra e a América possam manter-se neutras até que o fascismo e o comunismo se destruam um ao outro» (F. L. Shuman: Soviet Politics. At Home and Abroad, Nova Yorque 1947, pág. 282).

Deste modo, a 22 de Junho, de 1941, os exércitos hitlerianos invadiam de surpresa a União Soviética sem declaração prévia

Continua na pág. 4

a palavra com...

Mário Murteira

A NOEI e os três mundos

A Nova Ordem Económica Internacional (NOEI) é um projecto de reestruturação das relações internacionais que foi sendo elaborado por pressão (sobretudo) dos chamados países não-alinhados do Terceiro Mundo e que foi formalmente consagrado na **Carta dos Direitos e Deveres Económicos dos Estados** aprovada na Assembleia Geral das Nações Unidas em 12 de Dezembro de 1974, por 120 votos a favor, 6 abstenções e 6 votos contra.

A carta contém belas afirmações de princípio, tais como o Art.º 1.º:

«Todos os Estados têm o direito soberano e inalienável de escolher o seu sistema económico, bem como o político, social e cultural, de acordo com os desejos do seu povo, sem interferências externas, coerção ou ameaça, qualquer que seja a sua forma.»

(A propósito: lembram-se do Portugal de 1975?).

Ou, como se lê no Art.º 2.º:

«As empresas transnacionais não devem intervir nos assuntos internos do país que as acolhe.»

Ou ainda, no Art.º 15.º:

«Todos os Estados têm o direito de promover o desarmamento geral e completo sob o controlo internacional efectivo e utilizar os recursos disponíveis para o desenvolvimento económico e social dos países, dando uma parte substancial de tais recursos como meio adicional para as necessidades dos países em vias de desenvolvimento.»

Quando se dá a aprovação da carta, em plena crise geral das economias capitalistas, parecia que se afirmava um projecto que, embora utópico, seria portador de futuro, teria pernas para andar. Hoje verifica-se o malogro sucessivo de numerosas reuniões internacionais como a última CNUCED (Conferência das Nações Unidas para o Comércio e Desenvolvimento) reunida em 1979 em Manila, a Conferência da ONUDI (Organização das Nações Unidas para o Desenvolvimento Industrial) de Nova Deli de 1980, ou a Conferência das Nações Unidas sobre a Ciência, Técnica e Desenvolvimento reunida em Viena em 1979, etc., etc. Não se verifica qualquer avanço sensível na aplicação dos princípios da carta e, pelo contrário, as posições tornam-se mais rígidas e as relações internacionais mais tensas. Isto, apesar do crescimento impressionante de reuniões e burocracias internacionais que, em princípio, se ocupam dos problemas do subdesenvolvimento e do desenvolvimento. Por exemplo, o **staff** profissional do Banco Mundial é de cerca de 3400 funcionários, 95% residindo em Washington. Calcula-se também que o ano passado se tenham realizado em Nova Iorque e Genebra cerca de 6000 reuniões internacionais, originando documentação com não menos de um milhão de páginas.

Devemos então encarar tais projectos, conferências, reuniões e burocracias com um simples cinismo desprendido?

Na realidade, seria ingénuo pensar que a ONU pudesse decretar, com fundamento na carta, um novo sistema de relações económicas internacionais. Não dispomos, digamos, de um Governo mundial e a ONU é mais o teatro do que o autor da peça.

Mas seria pedante, por outro lado, ridicularizar a NOEI como utopia vazia de sentido. Afinal, a aprovação da carta representa um **momento** importante num longo e turbulento processo histórico que interessa compreender (ao menos, tentar fazê-lo), para que entre outras questões, o tão falado fosso ou desnível Norte-Sul possa ser cabalmente entendido.

Falar do Terceiro Mundo, implica reconhecer outros dois mundos anteriores e esta linguagem é mais sugestiva do que verdadeira. A História mostra-nos que um determinado sistema económico, o capitalismo, se expandiu gradualmente pelo mundo inteiro e essa expansão, sobretudo desde o século XIX, criou ou acentuou desigualdades entre as condições de vida das populações dos vários continentes. O Terceiro e o Segundo Mundos (dos países de economia planificada, ou socialistas) foram gerados pelo Primeiro – o Noroeste desenvolvido, agressivo e poderoso. Um, como conjunto dominado e travando uma longa e incerta luta de libertação, outro tentando pela via revolucionária criar algo **diferente** do capitalismo, para fugir dele. Mas nenhum desses «mundos» é homogéneo, nem nenhum deles contém todo o mal ou todo o bem, toda a verdade ou todo o erro. Admitir isso seria aceitar o universo desesperado de Orwell no seu célebre livro **1984,** em que as lutas infindáveis entre as três partes do Mundo, nas suas vagas periferias, só são «explicáveis» pelas propagandas dos três sistemas totalitários que partilham um universo que o homem perdeu a capacidade de entender, subjugado definitivamente pela máquina repressiva do Estado.

Se a NOEI é assim uma cristalização formal de princípios que apenas têm a força resultante de serem publicamente anunciados, que esperar da conquista prática de uma ordem internacional menos injusta?

A História ensina-nos também que os condicionalismos económicos e as relações de força entre classes e nações têm permitido, no longo prazo e com muitas hesitações e recuos, um movimento ascendente das sociedades humanas. Movimento, todavia, precário, cujo desenvolvimento futuro não é previsível pela ciência. Na presente conjuntura histórica há condições para compromissos entre interesses antagónicos, assentes em bem expressas relações de força, que poderão permitir avanços nessa direcção que a NOEI propõe. Mas há também o risco de esses compromissos serem recusados, sobretudo, pelos interesses mais agressivos do mundo capitalista desenvolvido e se intensificar a guerra larvar que temos conhecido desde a última confrontação generalizada à escala mundial, até atingir o que seria provavelmente a terceira e última confrontação desse tipo.

Predominar um ou outro destes cenários que se vislumbram depende, afinal, de coisas simples (?) como o êxito das conversações Leste-Oeste sobre o desanuviamento internacional e o desarmamento, ainda (feliz ou infelizmente) bem mais decisivas que todas as conversações Norte-Sul.

Esta «triangulação» do mundo em que vivemos e que tem aspectos positivos – sem ela não teria sido possível a descolonização, nem mesmo o simples enunciado da NOEI – tem subjacente uma realidade bem mais funda, que é íntima à própria realidade nacional, a luta constante entre os que defendem os seus privilégios e aqueles que pretendem destruí-los, a Norte e a Sul, a Oeste ou a Leste.

Contra a bomba de neutrões

Abaixo -assinado entregue na Embaixada dos EUA

Milhares de assinaturas de cidadãos portugueses protestando contra a bomba de neutrões vão ser entregues amanhã, pelas 19 horas, na embaixada dos Estados Unidos em Lisboa.

O texto do abaixo assinado «Em nome da vida, em defesa da Paz, contra a bomba de neutrões» classifica esta arma nuclear «entre todas inumana porque concebida para destruir a vida e poupar as coisas» e manifesta ao Presidente Reagan, a quem se dirige, «o alarme, indignação e repulsa do nosso povo» pela decisão que este tomou de a construir.

Essa decisão – lembra o abaixo assinado – foi tomada por Reagan «significativamente na data do aniversário da matança atómica de Hiroxima e Nagazaki e quando por todo o mundo se erguia a voz imperiosa da Humanidade reclamando a Paz».

Por isso os subscritores do documento fazem saber a Reagan que: condenam «totalmente a construção da bomba de neutrões, que representa uma nova escalada na criminosa corrida aos armamentos, um passo excepcionalmente perigoso na via que conduziria ao holocausto nuclear»; recusam energicamente «o direito» que os americanos «se arrogam unilateralmente decidirem construir uma tal bomba, especialmente destinada a ser utilizada na Europa»; declaram que não só protestam hoje e assim como vão empenhar «todos os esforços para ampliar e reforçar o movimento de protesto em Portugal contra a bomba de neutrões e todas as armas nucleares».

A lição da II Guerra Mundial

Continuação da pág. 3

de guerra. Anteriormente a Alemanha de Hitler já tinha subjugado em pouco tempo quase toda a Europa ocidental, dispondo assim, no momento da agressão à União Soviética, de uma enorme força económica e do maior poder militar que jamais existira. Apoiando-se neste potencial de forças e impregnado de uma ideologia assente no desprezo pelo ser humano, Hitler pensava destruir numa guerra relâmpago o primeiro país do socialismo. Mas o ataque traidor contra a URSS – que recebeu o nome de «Plano Barbarossa» – significava o próprio fim do agressor fascista que ia sentir a sua mais dura e esmagadora derrota no território deste país.

A frente germano-soviética foi a frente principal na qual se desenrolaram as batalhas decisivas (Moscovo, Leninegrado, Stalinegrado, Kursk). Dois terços das divisões da Wehrmacht foram concentrados nesta frente. Desde a agressão até meados de 1944, o Exército Vermelho teve permanentemente em face 190 a 270 divisões nazis. Pelo contrário, as tropas inglesas e americanas lutaram na África do Norte contra apenas 9 a 20 divisões e na Itália 7 a 26 divisões. Foi na frente germano-soviética que o agressor alemão perdeu três quartos dos seus homens. As forças armadas soviéticas lutaram durante 1418 dias numa frente de 3000 a 6000 quilómetros enquanto que as tropas inglesas e americanas se bateram sobre 300 quilómetros na frente italiana durante 663 dias e na frente ocidental no máximo de 800 quilómetros em 338 dias.

Os invasores nazis reduziram a cinzas centenas de cidades soviéticas, mais de 70.000 aglomerados aldeias e vilas, mais de 6 milhões de edifícios, tendo ficado, sem casa cerca de 25 milhões de pessoas. Grandes cidades como Stalinegrado, Minsk, Sevastopol e Novorossisk ficaram práticamente arrasadas.

Perante tais factos, inesquecíveis, como soa impertinente, cínico, e falso o mito da «ameaça que vem do leste», da «ameaça soviética», propagandeado hoje pelo imperialismo tal como no tempo de Hitler! Ninguém pode acreditar que um país que sofreu tão monstruosas perdas humanas e materiais, que sofreu tais horrores, seja uma ameaça à paz, deseje a guerra.

Bem ao contrário, encontramo-nos hoje de novo confrontados com os objectivos que arrastaram os povos à II Guerra Mundial, com os mesmos meios e métodos. O imperialismo provoca voluntariamente um agravamento da situação internacional. Também hoje se manifesta uma nova pressão das forças hostis à paz, desprezando o homem. Um imenso perigo paira sobre a vida dos povos. Embora as semelhanças sejam grandes, é preciso sublinhar que a história nunca se repete. Hoje o mundo mudou. Não estamos já na mesma situação dos anos que precederam a II Guerra Mundial. Não estamos já nos anos 50. Voltar atrás não é possível.

No fim dos anos 30, os países socialistas apenas cobriam 17% do nosso planeta, tinham 7% da população mundial e realizavam cerca de 10% da produção industrial mundial. A política estrangeira dos países socialistas estava praticamente isolada. Hoje os países socialistas cobrem mais de um quarto da superfície do globo. Cerca de um terço da população mundial vive nos Estados socialistas que realizam 40% da produção industrial mundial.

Nos anos 30, as potências imperialistas podiam apoiar-se no seu sistema colonial, podiam governar à vontade nesses territórios, exploravam sem moderação e sem piedade os povos das colónias e as suas riquezas, e, assim, obtinham meios baratos para conduzir guerras de agressão. Hoje o imperialismo já não possui um sistema colonial, que desabou sob a luta do movimento de libertação nacional. Dezenas de países outrora dependentes determinam agora eles próprios o seu destino. O sistema do neocolonialismo, criado pelo imperialismo, atravessa uma crise profunda. Os povos começam a compreender melhor, o jogo dos imperialistas, sabem já distinguir quem são os seus amigos e os seus inimigos, a sua posição e a sua política anti-imperialistas, contribuem para reduzir o campo de acção dos fomentadores de guerra.

Nos anos 30, não existia ainda um movimento de paz mundial unindo os homens de todos os países e de todos os continentes contra o perigo de guerra. Hoje, esse movimento é uma força poderosa que une homens de ideologias políticas e crenças religiosas diferentes. O movimento da paz que atravessa o mundo tem contribuído muitas vezes para fazer fracassar os planos dos mercadores de canhões e dos instigadores da guerra.

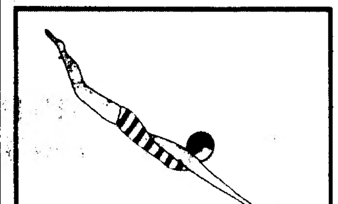
Apesar dos muitos e perigosos conflitos desencadeados após a II Guerra Mundial, tem sido possível evitar, pela primeira vez no Século XX, que conflitos locais degenerem numa guerra mundial, a qual a verificar-se, seria um inferno nuclear. A Europa vive o período mais longo de paz de toda a sua história. Tornou-se realmente possível evitar uma guerra. No entanto, esta possibilidade não é ainda uma realidade firme. A esperança e o desejo de paz não basta para instaurar a paz e a segurança. Fala-se novamente de guerra – porque as forças aventureiras do imperialismo aceleram de uma forma provocadora os preparativos materiais e psicológicos da guerra, porque existe uma semelhança alarmante entre as acções preparatórias actuais e os fins e métodos de preparação da II Guerra Mundial.

Mas os perigos resultantes do processo aventureiro das forças agressivas do imperialismo podem ser banidos, a agressividade daqueles que aspiram de novo à supremacia no mundo pode ser afrontada, uma nova guerra mundial pode ser evitada – se todos aqueles que querem a paz se unirem num mesmo combate. A paz e a segurança só serão obtidas à custa duma luta teimosa e resoluta de todos os povos contra as forças imperialistas hostis ao desanuviamento.

Que os fautores de guerra não esqueçam a lição da II Guerra Mundial!

Rolanda
ROLAMENTOS E ACESSÓRIOS, LDA.
Com sede na Rua do Campo Alegre, 470
4100 Porto
Tel. 666916 e 666948
Telex: 26703 Roland — P
FLT
Aceita AGENTES distritais, em todo o País incluindo Açores e Madeira, para comercialização em regime exlusivo, de Rolamentos marca «FLT».

Supermercado de ALCATIFAS
R. Capitão Leitão, 87-D
Telefs. 2752114•2750993
2800 ALMADA
• ALCATIFAS
• CARPETES
• TAPETES
• PASSADEIRAS
• PAPEL DECORATIVO
etc... etc...
IVO F. LOPES, LDA.
Não compre sem nos consultar
PREÇOS INACREDITAVEIS


NÃO
dê saltos
em locais
que desconhece

NÃO FUME EM RECINTOS FECHADOS
FUMO

Eanes telefonou e mandou telegrama a Eduardo dos Santos

Presidente da República condenou invasão do Sul de Angola

O Presidente da República, o Conselho da Revolução, o Governo e oito partidos parlamentares portugueses condenaram ontem a invasão do território angolano pela África do Sul, atitude que – referem meios diplomáticos – foi considerada como muito positiva nos países africanos de expressão oficial portuguesa. O PPM, partido da coligação no poder, considera que as notícias divulgadas não são suficientes para tomar uma posição concreta.

Numa nota ontem tornada pública a Presidência da República revela que o general Ramalho Eanes enviou um telegrama ao presidente José Eduardo dos Santos no qual condena energicamente a acção armada praticada pela República da África do Sul contra a integridade da República Popular de Angola.

Nesse telegrama o Presidente português verbera ainda a agressão sul-africana, exprime a sua profunda solidariedade para com o povo angolano e condena a utilização da violência e a violação da integridade territorial dos Estados.

O comunicado de Belém informa também que Ramalho Eanes teve a oportunidade de, telefonicamente, «exprimir a sua preocupação a José Eduardo dos Santos pela situação agora criada no sudoeste africano, por esta acção armada da República da África do Sul contra Angola».

Foram quatro as razões fundamentais que determinaram estas acções do Presidente da República – diz a nota. A saber: o respeito pelos princípios da convivência e da justiça nas relações entre os Estados; o carácter especial das relações entre Portugal e Angola determinado pelas ligações estreitas dos dois povos estabelecidas ao longo de uma convivência de séculos; a necessidade de contribuir para o reforço das posições assumidas pelo Executivo em exercício, num momento em que este se reveste dum carácter de gestão; e por último a defesa dos interesses de Portugal em Angola e no sul de África».

Por fim a Presidência da República informa que o general Ramalho Eanes continua a acompanhar atentamente a evolução da situação militar em Angola, bem como as diversas reacções que a acção armada da África do Sul está a desencadear em Portugal e no resto do mundo».

Solidariedade do CR

O Conselho da Revolução solidarizou-se com o Governo de Angola depois de ter conhecimento da invasão de que este país foi vítima.

Em declarações prestadas no final da reunião de ontem do CR, o tenente-coronel Vítor Alves, seu porta-voz, disse que o Conselho havia tomado conhecimento da situação e acrescentou:

«Informado sobre as posições tomadas em nome do povo português quer pelo Presidente da República, quer pelo Governo, o Conselho da Revolução manifesta a sua solidariedade ao governo da RPA e ao seu povo na luta que trava pela manutenção da independência.»

PSD, CDS e PPM

O Partido Social Democrata formolou um «veemente protesto pela violação da soberania da República Popular de Angola por forças armadas da República da África do Sul».

A deliberação foi tomada na reunião da Comissão de Relações Internacionais.

«O PSD que sempre defendeu o escrupuloso respeito pela soberania de todos os povos» – diz o comunicado – «não pode ficar indiferente perante esta lamentável agressão perpetrada contra o povo de Angola, a quem manifesta toda a sua mais viva solidariedade.»

O PSD confia em que, «de imediato, cessem as operações militares desencadeadas pelo governo de Pretória com o restabelecimento imediato da paz no sudoeste de Angola».

O CDS, por sua vez, condena também a invasão de Angola por tropas da África do Sul, disse Ribeiro e Castro, porta-voz dos democratas-cristãos.

Aquele dirigente acrescentou que o CDS «condena toda a agressão territorial contra qualquer país, como aliás o tem feito sempre».

O PPM também tomou posição. Um dirigente monárquico referido pela ANOP, que não indica o seu nome, disse que o PPM entende por princípio que «a soberania de todas as nações deve ser respeitada e por isso condena as intromissões de uma forma geral».

Contudo, acrescentou o mesmo dirigente, «o PPM considera que são insuficientes as notícias divulgadas sobre a agressão à RPA, pelo que não pode tomar posição mais concreta enquanto não tiver melhores garantias da veracidade do caso».

Espera-se a todo o momento que os monárquicos obtenham reais garantias do que se passa em Angola e tomem posição mais concreta depois...

«Evidente hipocrisia»

O PCP, como ontem referimos, tomou de imediato uma posição de veemente condenação da invasão e manifestou a sua solidariedade ao MPLA-PT, ao governo da RPA e ao povo angolano.

Num comunicado do Secretariado do Comité Central o PCP lembra que «a escalada agressiva do regime racista da África do Sul contra a RPA tem como claros objectivos combater o rumo libertador e progressista escolhido pelo povo angolano e prejudicar as suas tarefas de reconstrução nacional e prolongar a ocupação ilegal da Namíbia e a escravização do seu povo que, sob a direcção da SWAPO trava uma luta heróica pela sua liberdade e independência».

MDP, UEDS, ASDI, UDP

O MDP/CDE manifestou o seu repúdio pela invasão de Angola pela África do Sul que «tenta deste modo dificultar a construção de um país em progresso, comprometendo igualmente a paz e a segurança naquela região».

Em comunicado o MDP/CDE afirma igualmente a sua «solidariedade activa para com o MPLA-PT e para com o povo irmão da RPA».

A UEDS condenou também «energicamente» a invasão e Lopes Cardoso considerou que esta se reveste de «aspectos mais graves do que os verificados em anteriores violações da soberania de Angola», condenando de seguida «os que em Portugal, directa ou indirectamente encorajam por palavras ou actos as agressões de que Angola vem sendo vítima».

A ASDI, por seu turno, condenou «a agressão sofrida por um Estado soberano a que nos ligam laços particulares de passado e de futuro».

Mais longe foi a UDP que afirmou que o Governo Português deve «cortar todos os laços com a África do Sul» face à invasão cometida por este país.

Em comunicado do Secretariado Nacional a UDP «condena vigorosamente a invasão da RPA pelas tropas racistas do Governo de Pretória, claramente violadora da integridade e soberania do povo angolano e das mais elementares normas de relações internacionais entre Estados».

A UDP manifesta-se solidária com o povo angolano e reafirma o seu apoio ao direito à independência do povo da Namíbia representado pela SWAPO.

CGTP manifesta apoio e solidariedade

A CGTP-Intersindical classificou a invasão do Sul de Angola por tropas sul-africanas como um acto «criminoso e sanguinário».

Em telegrama enviado à União Nacional de Trabalhadores Angolanos (UNTA), o Secretariado da CGTP considera que esta invasão só é possível devido ao apoio da Administração Reagan ao regime sul-africano e às «posições dúbias dos restantes países do chamado grupo ocidental» em relação ao «processo de independência do povo da Namíbia, desrespeitando as decisões da ONU sobre a matéria».

«Face a tão grave situação, cujos reflexos para a paz na região e no Mundo são evidentes, a CGTP manifesta à UNTA, aos trabalhadores e ao povo de Angola a sua inteira solidariedade e condena veementemente a invasão do território angolano, exigindo a imediata e incondicional retirada das tropas sul-africanas» – acrescenta o documento.

ASDI e UEDS apresentam lista de Loures

Testar o espírito da Frente Republicana e Socialista

A UEDS e a ASDI apresentaram ontem publicamente a lista candidata por esta coligação às eleições intercalares na Câmara de Loures, que «de certo modo e ainda que limitadamente», pretende «testar o espírito da Frente Republicana e Socialista».

A coligação foi qualificada como «um exemplo de fidelidade ao projecto da FRS», sendo um teste apenas limitado na medida em que «o espírito da FRS implica a presença do Partido Socialista como maior partido da oposição» e porque «não há FRS sem o PS ainda que o Partido Socialista, não seja, nem possa vir, a ser, toda a FRS, sequer por escolha do mal menor ou obrigação de voto».

Magalhães Mota e António Lopes Cardoso, pela ASDI e pela UEDS, apresentaram a lista e justificaram a candidatura pela importância para a «continuação, o crescimento e a redefinição da FRS, da votação em Loures na coligação ASDI/UEDS.»

A apresentação de uma lista alternativa à do PS «não põe em causa os acordos da FRS», segundo foi afirmado e «não houve qualquer facto da responsabilidade da UEDS ou da ASDI que tenha determinado a posição do PS» de concorrer sózinho.

A conferência de Imprensa em que foi apresentada a lista desta coligação serviu também para que os dois partidos tomassem posição quanto à actual situação política. Definindo a AD como «o projecto da direita portuguesa» afirma-se depois que «dela não há que esperar mais que continuidade, continuidade da crise, continuidade da política que faz pagar aos trabalhadores e aos portugueses mais desfavorecidos essa crise».

«O segundo fôlego do Governo Balsemão» não será, segundo, estes dois partidos, diferente do que foi o primeiro período mas é uma realidade aceite que não há alternativa real, já que a paralisação da FRS na sequência da crise interna do PS, fez renascer as teses do PS sozinho e «significou uma auto-limitação das alternativas da oposição».

Loures

Quanto às questões concretas que se põem em Loures, os dirigentes dos dois partidos consideraram ser ainda cedo para se pronunciarem sobre as antigas gestões do Município.

Sobre as condições em que a Câmara de Loures caiu, afirmou um dos candidatos, da ASDI: «O motivo determinante para a queda da Câmara foi a instabilidade política global. Mas grande parte dos autarcas que se demitiram estavam, talvez, na Câmara de Loures, mais com o espírito de se servirem do que de a servirem».

Depois de afirmar que Loures «é a demonstração da lógica de mercado, da ausência de intervenção do Estado, do poder político submetido aos interesses privados dos proprietários de terrenos, dos promotores imobiliários, das contradições secundárias da administração local e central, do emaranhado legislativo que transforma em única lei a da especulação», a coligação afirma que «um projecto alternativo não é a conciliação do inconciliável, ou a associação de um gestor nominalmente socialista com os construtores civis».

Esta referência parece ser dirigida ao eng. Riço Calado, o mais proeminente dos militantes do PS daquele concelho e ex-presidente da Câmara de Loures antes das eleições de 1979.

No entanto, ambos os partidos acentuam que Loures não é «do ponto de vista da nossa candidatura, apenas uma consequência ou um palco teste de um confronto nacional». Antes, afirmaram, «concorremos em Loures no sentido de mostrar que há um modo novo de resolver os problemas, não comprometido com nenhuns interesses económicos, aberto á colaboração e iniciativa dos outros, capaz de assumir e apoiar as iniciativas válidas, quaisquer que sejam os seus proponentes».

Formação do VIII Governo "encalha" nas pastas económicas

A formação do VIII Governo Constitucional parece estar «encalhada» no preenchimento das mais importantes pastas económicas. A dupla Pinto Balsemão/Freitas do Amaral está a enfrentar enormes dificuldades para encontrar pessoas disponíveis para aceitar as pastas das Finanças e da Coordenação Económica e do Plano, que resultarão do desmembramento do actual Ministério das Finanças e do Plano.

Os dois nomes mais falados para estes dois lugares continuam a ser os de João Salgueiro para a Coordenação Económica e o de Morais Leitão para as Finanças. No entanto, o primeiro ainda não aceitou, embora já se tenha avistado com o Primeiro-Ministro indigitado e o segundo continua à espera de saber que lugar ministerial vai ocupar o que está dependente da distribuição de pastas entre os parceiros da coligação governamental. Ernâni Lopes recusou o convite que lhe foi dirigido. Entretanto, no CDS começam a sentir-se as primeiras sequelas da decisão de Freitas do Amaral participar no elenco governamental. O secretário-geral do CDS e presidente da respectiva Comissão Executiva, Rui Oliveira, normalmente considerado como fazendo parte da ala radical do partido, pediu a demissão de ambos aqueles cargos, segundo noticia um semanário de Lisboa. A informação não foi ainda confirmada, mas sabe-se que Rui Oliveira, com outros dirigentes centristas – opunha-se terminantemente à possibilidade de Freitas do Amaral ser número dois de Balsemão e criticava posições assumidas pelo PSD em relação ao CDS durante a crise política.

Por outro lado, não se conhece ainda qual o destino que os vice-presidentes do CDS terão, em termos de Governo. Basílio Horta vai deixar de ser ministro de Estado. Não se sabe se regressa ao Comércio e Turismo, pasta que ocupou durante o II e o VI Governos, ou se passa para a Administração Interna, donde poderá sair Fernando Amaral para se encarregar das relações entre o Governo e a Assembleia da República. Poderá também regressar ao partido para aí exercer funções. Quanto a Lucas Pires, foi convidado no princípio da semana para a pasta da Cultura e Ciência, que resultaria da passagem da actual secretaria de Estado a Ministério, ao qual seriam agregados departamentos que actualmente se encontram no Ministério da Educação.

No entanto, Lucas Pires ficou de dar hoje uma resposta definitiva, tendo-se retirado para Ponte de Lima para reflectir. Parece que aquela pasta não está de acordo com a sua vontade de intervenção política, sendo demasiado apagada para o vice-presidente centrista.

Para resolverem os últimos pormenores, os líderes do PSD e do CDS irão encontrar-se- hoje novamente. Ontem voltou a reunir-se a Comissão Directiva do CDS para analisar a participação dos centristas no Executivo.

O primeiro-ministro, entretanto, cancelou as férias que tinha marcado para 4 de Setembro e que gozaria na Madeira. A desistência de Balsemão foi comunicada já ao Governo regional liderado por Alberto João Jardim.

Autarcas

Dirigentes autárquicos sociais-democratas têm manifestado descontentamento junto do primeiro-ministro indigitado perante a eventualidade de a pasta da Administração Interna ser confiada ao CDS – disse hoje à ANOP uma fonte do PSD.

A mesma fonte não confirmou nem desmentiu que Basílio Horta, ministro de Estado do sétimo Governo, fosse o titular do MAI proposto pelos democratas-cristãos para o executivo em formação.

SITESE

SINDICATO DOS TRABALHADORES DE ESCRITÓRIO, COMÉRCIO E SERVIÇOS

PRT ESCRITÓRIOS E CORRELATIVOS

Foi publicada no Boletim do Trabalho e Emprego, 1.ª série, n.º 30, de 15/8/81, a PRT para os empregados de escritório e correlativos, que fixa as renumerações mínimas dos trabalhadores por ela abrangidos da seguinte forma:

Nível I (Chefe de escritório, Tesoureiro, etc)	23 600$00
II (Chefe de secção, etc)	20 000$00
III (Secretário de Direcção, subchefe de secção, etc)	18 400$00
IV (Caixa, Primeiro-escriturário, etc)	15 900$00
V (Segundo-escriturário, etc)	14 700$00
VI (Terceiro-escriturário, telefonista de 1.ª, etc)	13 500$00
VII (Telefonista de 2.ª, Estagiário do 2.º ano, etc)	12 400$00
VIII (Estagiário do 1.º ano, etc.)	11 200$00
IX (Trabalhador de limpeza)	10 000$00
X (Paquete de 17 anos)	7 200$00
XI (Paquete de 16 anos)	6 500$00
XII (Paquete de 15 anos)	5 800$00
XIII (Paquete de 14 anos)	5 100$00

As renumerações mínimas fixadas na presente portaria produzem efeitos desde 1 de Maio de 1981, podendo as diferenças de renumeração devidas por força da retroactividade ser pagas em prestações até ao limite de quatro.

O SITESE está a proceder à impressão do texto integral da Portaria para distribuição aos associados.

Lisboa, 26 de Agosto de 1981

O Presiodente da Direcção

António Janeiro

comunicação social

Criada em Bruxelas agência noticiosa terceiro-mundista

Com sede em Bruxelas, foi inaugurada há pouco tempo a agência noticiosa «Tiers Monde Nouvelles» (TMN), cujo objectivo principal é estabelecer, informam os seus dirigentes, «uma corrente informativa, segura e sólida, entre a Europa e o Terceiro Mundo».

No entanto, a nova agência tenciona também tratar a informação no sentido mais geral do termo.

Graças a uma rede importante de colaboradores, de jornalistas profissionais «free lancer» especializados em numerosos domínios e introduzidos em todos os meios, TMN «está apta a organizar «dossiers» sobre assuntos ligados à actualidade do Terceiro Mundo e da Europa».

TMN afirma ainda que, para além dos habituais «telexes» comuns a todas a agências, se dedicará também a inquéritos detalhados, entrevistas, fotos e dados estatísticos.

Chile

Depois de ter permanecido cerca de 14 horas detida no seu domicílio por elementos da Polícia, a jornalista chilena Marcela Otero Lanzarotti foi informada que a detenção cessaria caso ela devolvesse o passaporte que obtivera para o filho.

Este, não afecto ao regime de Pinochet, teria entrado no país, após longo exílio, e o passaporte seria para legalizar o seu regresso.

Marcela Lanzarotti, colaboradora da «Revista del Domingo», do matutino «El Mercurio» e do semanário «Hoy», argumentou dizendo que, quando o filho voltou ao Chile, em 18 de Agosto, as autoridades haviam considerado «normal» o seu regresso. A Polícia, no entanto, informou Marcela que a opinião era já outra: o filho tinha entrado «ilegalmente» no país, pelo que se impunha a devolução do passaporte.

O filho da jornalista deixara o país em Novembro de 73, aos 12 anos, em companhia do pai, presentemente na capital da Venezuela.

Quem acode aos Bombeiros Voluntários da Amadora?

Perderam dois carros em menos de 24 horas

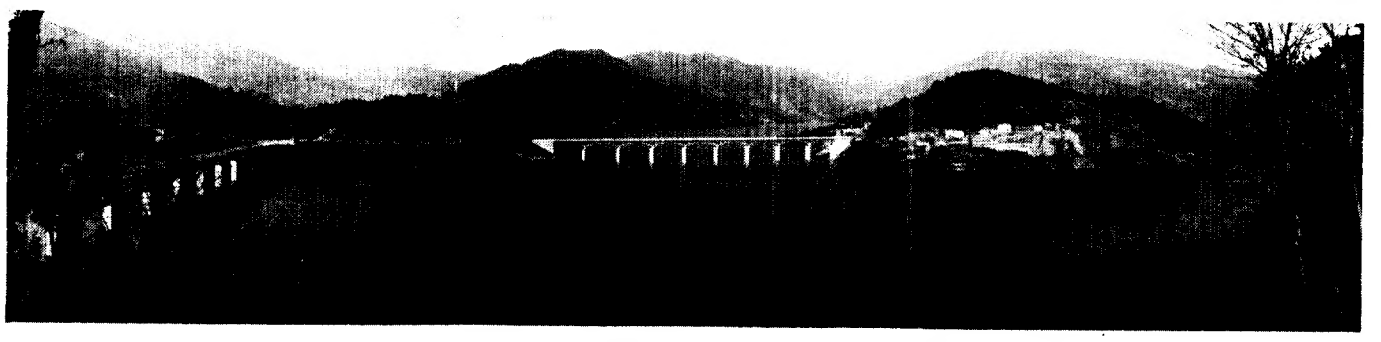
Os Bombeiros Voluntários da Amadora estão «condenados» a não poderem abastecer a população da vila e das terras em volta, onde a água não chega devido ao calor e à onda de incêndios que tem devastado a área. A destruição de um dos seus autotanques num acidente na Rua Latino Coelho, junto ao «Pão de Açúcar», quando ontem se dirigia para um fogo em Santa Cruz de Benfica, e os problemas mecânicos surgidos, esta madrugada na serra de Sintra, com um dos seus melhores prontos-socorros, esse com capacidade para quatro mil litros, impedirão os BV amadorenses de prestarem o seu apoio às populações afectadas pela falta de água.

O apelo ontem dirigido no sentido de qualquer entidade civil ou militar lhes ceder um autotanque ainda não teve resposta, disse esta manhã ao «DL» o chefe Vítor Sousa, ao mesmo tempo que nos dava conta das dificuldades mecânicas surgidas com o pronto-socorro mobilizado para o incêndio na Malveira da Serra, traduzidas na danificação total do eixo de velocidades e no veio de transmissão, para além de outros problemas que implicam uma reparação demorada e onerosa. Reparar o autotanque ontem destruído junto ao «Pão de Açúcar» equivale ainda segundo Vítor Sousa, a despender o mesmo dinheiro necessário à compra de um carro inteiramente novo.

O parque automóvel dos Bombeiros Voluntários da Amadora foi em dois dias sucessivos amputado dos seus melhores carros, excepção feita ao pronto-socorro de quinze toneladas, com capacidade de sete mil litros, que serve apenas para a estrada, isto é: não dá para a serra de Sintra nem para abastecer as populações mais retiradas – aquelas cujo acesso é difícil, por viverem em áreas onde se chega por estradas de macadame ou ainda piores, de terra batida. Para essas não há mesmo água por autotanque. Neste momento, os BV da Amadora, hoje com cerca de 250 mil habitantes e «voluntários» que o fogo, quando eclode na serra de Sintra ou na Malveira da Serra e terras em volta não dispensa, dispõem apenas de três prontos-socorros para mil e poucos litros cada e um outro autotanque de sete mil litros e o tal «monstro» de quinze toneladas, conforme nos disse Vítor Sousa.

Como um azar nunca vem só, além dos danos causados naqueles dois carros os BV amadorenses tiveram uma «baixa» significativa nos seus efectivos, pelo menos provisoriamente, quando o seu carro se despistou na Rua Latino Coelho: Jorge Manuel Cavalheiro, funcionário da ANOP – um dos quatro feridos no acidente –, ficou seriamente tocado e foi radiografado, à cabeça, no Hospital de S. José. Os três feridos, todos ligeiros, regressaram a suas casas. O autotanque ontem destruído, terá como destino mais indicado a sucata. Resta agora o outro, com 15 toneladas, que seguramente não chegará para as necessidades básicas, e o que esta manhã teve problemas na serra de Sintra, para além dos três pronto-socorros ligeiros.

férias



O Minho em viagem (1)

Gerês, odisseia e frustração

Tempo de férias, neste Agosto de calor e chamas: viramos as costas à rotina e entregamo-nos à sedução de não ter de percorrer os lugares e pessoas de todos os dias.

Então, pegamos numa mochila e partimos. Para percorrer esta terra, seguindo apenas a nossa intuição de momento.

Começa a aventura.

Uma estrada asfaltada ladeada de hóteis e pensões, um ou outro restaurante e, ao fundo, os edifícios de banhos: chegámos ao Gerês.

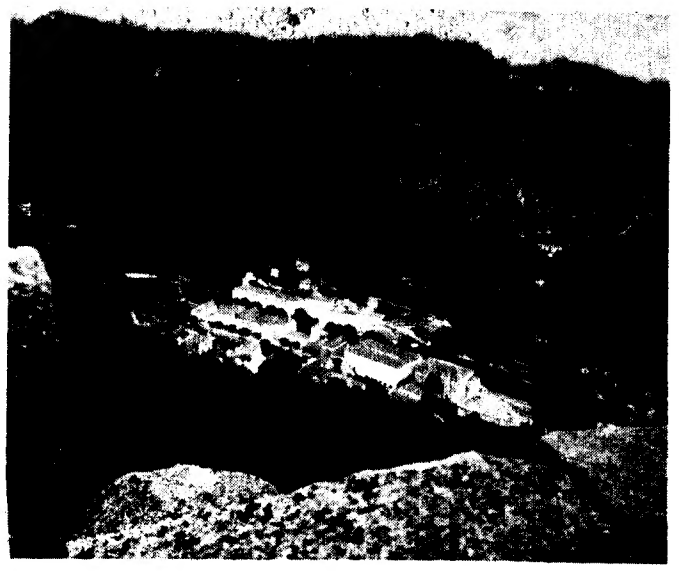
Um mar de gente ocupa todos os espaços disponíveis. Turistas nacionais e estrangeiros, aquistas e emigrantes, disputam o comer e o dormir, a preços inacreditáveis. E as condições oferecidas, meus amigos, não valem metade do que somos obrigados a pagar.

Hotéis decrépitos, velhas glórias dos anos quarenta, custam os olhos da cara. A alimentação é péssima e a higiene dos poucos «restaurantes» existentes é inacreditável para os menos exigentes.

E pensar que estamos apenas a um palmo de uma das mais belas reservas naturais do País.

O precedente e os campistas

O Parque Nacional da Peneda-Gerês começa alguns quilómetros mais acima, onde no ano passado funcionava um parque de campismo, no local conhecido por Albergaria.



Este ano, as muitas centenas de turistas, na sua maioria jovens, que ali pensavam encontrar um espaço de descanso ou mais perfeita comunhão com a Natureza, em tempo de descoberta das virtudes ecológicas, apanharam um balde de água fria.

Uma lacónica tabuleta informa que «é proibido acampar» e as autoridades empenham-se mesmo a sério no cumprimento da determinação que a ninguém foi explicada.

Na delegação do Parque existente no local apenas nos souberam dizer que a medida foi tomada para impedir a continuação da degradação que se vinha operando na área e, deste modo, impedir a devassa da área reservada.

Muito bem. Mas, que dizer do escândalo que ocorre a poucos quilómetros, na fronteira de Portela do Homem? Ou será que um punhado de campistas flagela mais do que os muitos milhares de pessoas que, especialmente nesta época do ano, passarão a devastar a área do Parque com os seus automóveis?

Perigoso precedente este, que a Câmara de Terras de Bouro teimosamente insiste em ignorar. Porque atrás das instalações a construir na fronteira, virão os inevitáveis sintomas de «civilização» que os habitantes naturais das matas felizmente desconhecem.

Terra sem nada

Os «efeitos secundários» estão já à vista. Sem condições para acolher tanta gente, o Gerês é hoje uma terra entre a memória de um passado inscrito nas fachadas decadentes e o «crescimento» atabalhoado pelas encostas acima.

Este novo alento dura há cerca de dez anos, afirmam-nos velhos habitantes das Termas. Antes, apenas os frequentadores das águas do Gerês – ricas em fluor e excelentes para as doenças do fígado e vesícula – conseguiam dar um simulacro de vida e movimento na época balnear. Presentemente, passar férias na serra é moda: mas poucos partirão satisfeitos.

Sem infraestruturas de qualquer espécie, o Gerês vive de uma piscina paga e do gosto pelo montanhismo que alguns possam trazer da cidade.

A maioria atropela-se pela única avenida da terra. E começa a fazer contas ao dinheiro gasto e ao tempo que falta para regressar.

Sem cinema, divertimentos ou jornais, chegar ao Gerês é uma aventura que se completa com os tratos a dar à imaginação para conseguir **sobreviver,** explorando a arte de existir sem nada para fazer.

Viagem aventurosa

A aventura de chegar ao Gerês, para quem não dispõe de meio de transporte próprio: uma odisseia que merece ser contada.

A nossa viagem começou em Lisboa numa manhã de domingo. O movimento era pouco, mas o «rápido» para o Porto conseguiu a «proeza» de partir atrasado.

Depois, como o leitor calcula, foi o «desastre» em cadeia.

Perdida a ligação para Braga, etapa seguinte, esta cidade só viria a ser atingida por volta das seis horas da tarde. Os quarenta quilómetros que separam o Gerês da cidade minhota levaram mais duas horas de camioneta. Partida de Lisboa um pouco depois das onze da manhã, chegada ao destino dez horas depois.

Particularmente para meditar: a distância impõe uma quase sujeição à experiência da abjecção», em matéria de transportes. Dito por outras palavras, parte-se em salão de 1.ª classe e termina-se em camioneta com dezenas de anos de serviço, incómoda e mal cheirosa a parar em todo o lado.

Carlos Pessoa

DL

O País arde

Dizia ontem o «Diário Popular» pela voz do seu director o jornalista Pacheco de Andrade:

«Todos os anos se repete o mesmo espectáculo de labaredas candinando as matas. Nunca, porém, como agora, neste Verão de 1981, inquinado por uma atmosfera de dramatismo, o País sentiu tão fundas, na sua área florestal, a violência e a destruição. A beleza panorâmica das nossas estradas está a ser substituída dia a dia, com uma regularidade sinistra, pela vasta extensão carbonizada de um cemitério vegetal. Uma das grandes riquezas de Portugal o sortilégio da sua paisagem, desaparece rapidamente e faz desta terra florida e arborizada uma superfície estéril e linar».

A situação é esta. Correcta, formosa em relação ao terror do acontecido, a descrição. Mas... Mas onde está o Governo? Onde está o Estado que representa a Nação e é, para a História, o seu rosto de Direito Público?

Todo os anos se repete a praga do fogo. E de há anos sabemos que a tragédia tem origem criminosa. Não estamos perante uma fatalidade. Estamos perante um crime. Um crime voluntário de criminosos e um crime involuntário de irresponsáveis.

Mais grave. Mais grave do que a tara ou a loucura, mais grave que a raiva reaccionária ou que a avidez das negociatas, é a irresponsabilidade das autoridades a todos os níveis. A todos...

A falta de preparação, de organização, de vigilância estão patentes. A indiferença quanto à repressão destes crimes – sejam acções políticas, sejam actividades especulativas – só pode ser encarada como uma falta perante o País de que as autoridades, a todos os níveis, assumem uma terrível responsabilidade.

A responsabilidade da incúria.

A responsabilidade da impotência.

Não queremos aceitar que os incendiários tenham cúmplices e encobridores.

Prossegue a "dança das chamas"

Serras da Estrela e Sintra ardem em força

«Os bombeiros ainda não regressaram da Serra», informavam-nos a meio da manhã os bombeiros de Manteigas.

O foco de incêndio de grandes proporções eclodiu a meio da tarde de ontem no vale do Mondego, próximo da nascente deste rio, na Serra da Estrela. Porém o fogo de maior intensidade registava-se na região de Manteigas, no lugar de Castanheira de Covão da Ponta. Este sinistro atinge uma zona densamente florestada pertencente ao património das matas nacionais.

Nesta área, a frente de incêndio ultrapassou já duas estradas florestais.

O sinistro, que é combatido por bombeiros da Guarda, Manteigas, Belmonte e Gonçalo, aviação de Viseu e Lousã, Serviços Florestais, funcionários da Câmara Municipal de Manteigas e muitos populares, destruiu já muitos hectares de pinheiros de grande porte localizados numa das principais manchas florestais da região.

Continua o combate às chamas, que não afectam povoações nem causaram até agora danos pessoais.

Entretanto, um incêndio de grandes proporções lavra há mais de 24 horas com intensidade nas matas próximas de Cadafaz, no concelho de Celorico da Beira, distrito da Guarda – anunciaram hoje os bombeiros.

O fogo destruiu já várias dezenas de hectares de matas e culturas, tendo ameaçado algumas quintas da zona sinistrada.

Combatem o incêndio os Bombeiros Voluntários Celoricenses, desconhecendo-se as causas do sinistro.

Sintra de novo a arder

A Serra de Sintra volta a ser palco de violento incêndio, que se manifestou ao fim da tarde de ontem e rapidamente alastrou em três frentes, situadas nas encostas da Peninha, Malveira e Urca.

Bombeiros de Sintra e Cascais, que não têm dúvidas em afirmar a origem criminosa do sinistro, combatiam hoje de manhã as chamas, que continuavam a devorar o património florestal. A violência do fogo levou ao corte da circulação na estrada de Colares para Cascais.

Um contacto telefónico da nossa redacção com os bombeiros de Sintra a meio da manhã confirmou a extensão do sinistro, ainda por dominar. Por outro lado, não há, segundo o mesmo informador, qualquer povoação em perigo, não se tendo até agora registado também danos pessoais.

Combatem as chamas as corporações de Mafra, Cacém, Queluz, Sacavém, Alcabideche e Lisboa.

Tábua já descansa

O incêndio que ontem destruiu mais de dez quilómetros quadrados de pinhal e eucaliptal no concelho de Tábua (Coimbra), foi considerado extinto ao princípio da noite de ontem.

Um informador dos bombeiros de Tábua revelou ao nosso jornal que os prejuízos estão calculados em mais de 1500 contos, tendo-se ainda registado a destruição de três casas de campo.

Diversas povoações nos locais de Carvalhas, Maria Marques, Carragosela e Esparis chegaram a estar ameaçadas. Não se registaram danos pessoais.

Dois indivíduos foram vistos a abandonar o local do sinistro, o que, na opinião dos bombeiros de Tábua, «prova mais uma vez a sua origem criminosa».

Corporações de Oliveira do Hospital, Oliveirinha, Arganil, Coja e Tábua e avionetas dos Serviços Florestais da Lousã, combateram o incêndio.

Entretanto, os sinistros que deflagraram em Ameal (Castanheira de Pera), Estêvão (Lousã) e Cerejão (Miranda do Corvo), todos no distrito de Coimbra, foram considerados extintos a meio da tarde de ontem.

Chamas em Vila Real

Mais a Norte, os bombeiros de duas corporações de Vila Real evitaram ontem que o incêndio de um pinhal destruisse uma casa de habitação. O fogo destruiu quase totalmente um pinhal do lugar de Marouços na freguesia de Mouços, poucos quilómetros a noroeste da cidade.

Entretanto, os bombeiros tiveram ainda que acudir a cinco fogos que desvastaram matas e pinhais nas zonas da Samardã, Pinhael e Arnau, no concelho de Vila Real.

Voluntários da Amadora perdem autotanque

Três elementos dos bombeiros Voluntários da Amadora ficaram ligeiramente feridos, no acidente que voltou um autotanque daquela corporação numa curva da estrada da Buraca, quando se dirigia para um incêndio registado numa casa da Rua Camilo Castelo Branco.

Desconhecem-se os motivos do acidente, presumindo-se que ele tenha resultado de desequilíbrio provocado pela pouca água que transportava.

Os elevados prejuízos materiais sofridos pelo único autotanque dos Voluntários da Amadora inviabiliza a manutenção de um serviço de abastecimento de água às populações de Casal da Mira e A-da-Beja.

Câmara de Caminha subsidia bombeiros

A Câmara Municipal de Caminha vai conceder dois milhões de escudos às duas corporações de bombeiros deste concelho, soube hoje a ANOP.

A verba aprovada pela Assembleia Municipal, destina-se a dotar as corporações de Caminha e Vila Praia de Âncora de novas sedes sociais e de materiais indispensáveis à execução das suas tarefas.

Além da concessão de condições especiais para a aquisição de combustíveis, foi decidido dinamizar uma campanha de recolha de fundos através das juntas de freguesia do concelho, cujo produto deverá ser entregue às duas corporações de bombeiros.

O presidente da Câmara de Caminha disse à ANOP que a autarquia decidiu manifestar publicamente «o seu apreço, simpatia e reconhecimento» pela actividade desenvolvida nos últimos dias pelos bombeiros no combate aos incêndios que assolaram a região.

Incendiário sem admissão de caução

Albertino da Silva Santos, o incendiário de 55 anos de Canedo, Vila da Feira (Aveiro), acusado de pegar fogo a casas que possui no mesmo lugar com o fito de receber a indemnização de seguro, deu entradas nas prisões da Polícia Judiciária, por decisão dos juízos de Instrução Criminal e sem admissão de caução.

ALLIANCE FRANCAISE

A MAIOR E MAIS AFAMADA ESCOLA DE FRANCÊS DO MUNDO

DAS 8 H. DA MANHÃ ATÉ ÀS 21.30 H. DA NOITE

Cursos normais 3 x 1 h. por semana — LITERATURA

Cursos intensivos 5 x 1.30 h. por semana — TRADUÇÃO

Cursos para crianças desde os 8 anos — CIVILIZAÇÃO

INSCRIÇÕES
Antigos alunos, na sede de 24/8 a 16/9, anexos de 1/9 a 16/9
Novos alunos, inscrição para testes, na sede desde 17/8, anexos desde 1/9

Horário da secretaria até 15/9 de 2.ª a 6.ª feira: Das 9 às 12.30 h. e das 14.30 às 18.30 h.
Sede em Lisboa – Rua Braamcamp, 13, 1.º - Tel. 548806
Anexos: Alm. Reis, 183 - Tel. 553543 – Algés - Tel. 2103400 – Almada - Tel. 2761983
S. João do Estoril - Tel. 2685830

este anúncio pode mudar o seu futuro

Um curso por correspondência pode transformar toda a sua vida.
Seja INDEPENDENTE.
GANHE MAIS DINHEIRO.
TIRE POR CORRESPONDÊNCIA UM DOS NOSSOS CURSOS
ENVIE **HOJE MESMO** ESTE CUPÃO.

☐ COSTURA
☐ FOTOGRAFIA
☐ RELAÇÕES PÚBLICAS
☐ VENDAS / MARKETING
☐ CONTABILIDADE
☐ RÁDIO, ELECTRÓNICA, TV
☐ DESENHO E PINTURA
☐ ELECTRICIDADE
☐ INGLÊS
☐ SECRETARIADO

Peço o envio do livrete colorido e ilustrado sobre o curso que indico com um ☒ GRÁTIS

NOME _____
MORADA _____
LOCALIDADE _____

CEC - ÁLVARO TORRÃO * Rádio Escola
Rua Fernão Lopes, 8 - 1096 LISBOA CODEX - Telef. 54 31 36

DL/21

de ontem para hoje

Portela do Homem: monumento ao emigrante

Os governadores civis de Braga e de Orense (Espanha) assistem no próximo domingo na Portela do Homem, no concelho de Terras do Bouro, às Festas de São Miguel dedicadas aos emigrantes. Para os festejos que normalmente congregam as populações raianas dos concelhos de Terras do Bouro e Lovios (Espanha) estão também convidados os presidentes das Câmaras de Braga e daquela localidade espanhola. Segundo foi ontem anunciado em Braga, um monumento ao emigrante orçado em mil contos e um edifício destinado à guarnição da Guarda Fiscal, em serviço na fronteira da Portela do Homem, ambos financiados pela Câmara de Terras do Bouro, serão inaugurados no decorrer das comemorações. O presidente da Câmara de Terras do Bouro, José Araújo, informou que, durante as festividades, será analisado com os autarcas espanhóis, o problema, bastante polémico, da abertura permanente da fronteira da Portela do Homem.

Cadeia de Monsanto: preso em greve de fome por recusa de tratamento

Um recluso da Cadeia de Monsanto, José João Pereira Martins, encontra-se há cinco dias em greve de fome. De acordo com a Comissão de Luta Contra a Repressão (CLOR), em comunicado ontem divulgado, José João Pereira Martins encontra-se desde o dia 2 de Fevereiro deste ano a aguardar uma operação cirúrgica a um braço, aconselhada com carácter de urgência, pelo médico responsável da Cadeia de Castelo Branco, onde se encontrava detido. Transferido nessa data para a Prisão Hospital de Caxias acabou por ser «recambiado» para a cadeia de Monsanto, sob a alegação de que o médico especialista estava de férias. Face à situação criada, José João Pereira Martins decidiu utilizar a greve da fome como «última arma de defesa em prol dos seus direitos.»

Jogos Sem Fronteiras»: equipa portuguesa em último lugar

Portugal, ficou em último lugar, «ex-aequo» com a Grã-Bretanha, na sétima jornada dos Jogos Sem Fronteiras» que ontem à noite se realizou na cidade inglesa de Sunderland. Para a final dos Jogos deste ano, que terá lugar dentro de 15 dias, ficou apurada a equipa de Lisboa que, no conjunto das sete jornadas até agora efectuadas, obteve a melhor classificação dos conjuntos portugueses concorrentes.

Em quatro ilhas: terra voltou a tremer nos Açores

Embora com pouca intensidade, a terra voltou a tremer na madrugada de ontem nas ilhas açorianas da Graciosa, S. Jorge, Terceira e Pico. de acordo com informações do Observatório Afonso Chaves, de Ponta Delgada. O sismo, que foi sentido cerca das 15 e 30, teve o epicentro localizado vinte quilómetros a Sueste da Ilha Graciosa e atingiu a intensidade do grau quatro da Escala de Mercalli. O abalo foi também sentido em S. Jorge (grau três) e nas Ilhas Terceira e Pico (grau dois da mesma escala).

Câmara do Porto: um parque arborizado na zona da Maia

A Câmara Municipal do Porto adquiriu ontem um terreno arborizado no centro da Maia destinado a parque municipal. A necessidade sentida «de preservar espaços verdes», o desejo «de proporcionar à população a fruição de um parque para ocupação dos tempos livres», e a preocupação «de reservar terrenos em posições estratégicas visando o desenvolvimento urbanístico e possibilitando a localização de equipamentos comunitários», estiveram na base da decisão. O novo parque municipal situar-se-á à ilharga dos Paços do Concelho, diante da futura Casa da Cultura, ao lado de uma área em franco desenvolvimento urbano.

Em Castelo Branco: um concurso de cães de caça

Um concurso de cães de caça irá realizar-se em 12 e 13 de Setembro próximo em Castelo Branco, por iniciativa do Clube de Amadores de Pesca e Caça Albicastrense (CAPCA). Segundo foi ontem anunciado naquela cidade, o certame tem o apoio do Clube Portugês de Canicultura, de âmbito nacional, em colaboraçao com os Serviços Florestais e Agrícolas.

A partir de 1983: dois aviões «Tristar» para a TAP

O acordo de opção entre a TAP e a Lockheed, foi transformado em «posição firme», o que implica a entrega de dois aviões «Tristar» a efectuar em Julho de 1983 e em Março do ano seguinte, anunciou ontem o delegado da TAP no Funchal. A aquisição ficara sob opção em 24 de Outubro do ano passado, altura em que foi assinado o protocolo de compra de três unidades «Tristar», Modelo L1011/500 da Lockheed.

Será o casal mais velho de Portugal?

Antónia e Manuel casaram há 71 anos

O «possível» casal mais velho de Portugal, cuja idade prefaz 187 anos, foi encontrado em Lisboa num concurso promovido por um programa radiofónico em colaboração com um semanário da capital.

Antónia Caroça, de 93 anos e Manuel Nunes Lourenço, de 94, foram os vencedores do concurso «À Procura do Mais Velho» numa iniciativa do programa «Recordar é Viver», da Antena-1 da RDP, com o «Turismo» – Semanário dos Tempos Livres.

A notícia, com uma entrevista ao casal, que este ano comemorou 71 anos de matrimónio (10 de Janeiro de 1910), vem publicada na última edição do semanário.

A difusão do concurso «À Procura do Mais Velho» junto do auditório potencial da RDP e a afluência dos cupões-resposta «levam a supor que seria difícil encontrar outros que ultrapassassem os 187 anos» – afirmam os responsáveis pela iniciativa, Elisa Portugal, da RDP e Quinino Teixeira de o «Turismo».

Para Elisa Portugal, «outro acontecimento não menos importante que a bonita soma de idades é a espantosa vontade de viver deste casal que ainda hoje tem os seus arrufos e se trata com uma ternura fora do vulgar, provando que é possível renovar uma relação sentimental quotidianamente ao longo de quase 72 anos».

Antónia Caroça conserva uma lucidez e dinamismo pouco habituais para a idade, pretende chegar aos 100 anos e lê diariamente os jornais «de fio a pavio», para além de tratar da roupa do marido.

Manuel Lourenço, por seu turno, «mata o bicho» todas as manhãs com «um calicezinho» de aguardente, bebe vinho e vermute e fuma «uns oito cigarros por dia».

O casal não faz dieta, vai todas as tardes ao café tomar a «bica» e conviver, gerou oito filhos, dos quais seis vivos, têm 18 netos e 19 bisnetos e, segundo Quirino Teixeira, terá como prémio pelo seu «quase imbatível recorde» ir passar uma semana de férias a uma estância termal, junto ao mar, «porque Antónia Caroça quer umas férias na praia pelo menos uma vez na vida».

Guarda sem água espera medidas

O concelho da Guarda debate-se ainda com muitas dificuldades quanto ao abastecimento de água, persistindo a situação de seca total em algumas das suas freguesias, nomeadamente Carvalhal Mezo, Vila Fernando, Castanheira, Vila Cortes do Mondego, Trinta e Porto da Carne.

Naquelas seis freguesias, cuja população se encontra afectada com gravidade, o recurso a poços particulares e a fontes de mergulho, estas sem condições de higiéne e sanidade, tem sido a solução em toda a região com carências no abastecimento de água. Enquanto isso, a câmara municipal tenta remediar a situação, tendo até ao presente investido cerca de 15 mil contos para acudir a casos de seca com grande gravidade. Mas não basta investir e mesmo assim é necessário estar atento ao facto de que, «a continuar tal situação económica, a câmara vai encontrar-se num ponto de asfixia», como afirmou o presidente Abílio Curto.

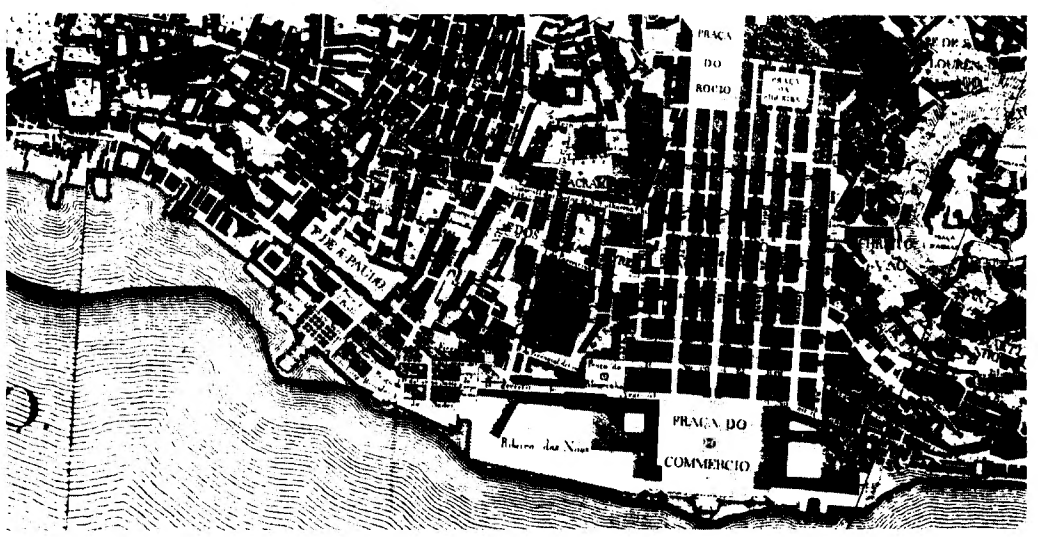
Por outro lado, a descida em cerca de 70% do caudal na captação do rio Mondego originou a inquinação das águas de abastecimento público na cidade, pelo que o município recomendou à população guardense que fervesse a água antes de utilizá-la para fins domésticos. Com um caudal tão baixo, a aspersão, na bombagem, de grandes quantidades de lodo na captação, inquina as águas.

cidade

Lisboa, doce Lisboa

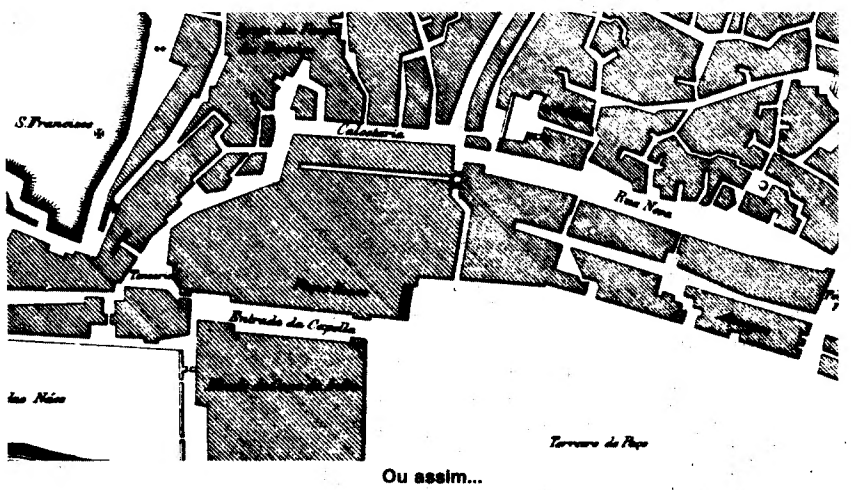
A cidade está à venda

Lisboa como é? Uma mão aberta: mancha compacta, encostada ao rio, com prolongamentos para o interior, ao sabor do apetite dos especuladores de terrenos. «A cidade não é assinada por arquitectos» afirmou alguém da profissão. Outros seduzidos pelas teorias de Henri Lefèvre, acham que não se pode programar o espaço nem a vida. Há que evitar aquilo a que o sociólogo francês chamou «a ditadura do olho e do falus». Quer dizer: a monotonia visual das grandes cidades, em que os elementos se erguem, acima do solo, com dureza, num conjunto repetitivo, de série. Também a nossa Lisboa, doce Lisboa, está a perder a harmonia e o equilíbrio. Quem manipula o espaço e se aproveita dele?



A Baixa é assim...

Com cerca de um milhão e duzentos mil habitantes, Lisboa, neste momento, é uma cidade agressiva, incómoda e mal equipada. Os vereadores da APU, no Município, já apontaram vezes sem conta estes inconvenientes, corrigíveis no seu entender. Edifícios de valor cultural e humano têm sido substituídos, no centro, por monstros de betão e alumínio, onde se instalam escritórios, por força de uma desbragada fúria imobiliária, movida pelos lucros. Entretanto as classes mais desfavorecidas são expulsas para a periferia – encurraladas em caixas de cimento, longe do coração da cidade, sem infra-estruturas que as sirvam.



Ou assim...

«Na feitura de Lisboa intervieram diversos factores...» – sublinhou Silva Dias, autor de um dos projectos para o Martim Moniz. Dois deles, porém, foram determinantes: a vontade política e a especulação. «Para a **Baixa havia três hipóteses de reconstrução... portanto o caso do Martim Moniz não é inédito. A realeza inclinava-se para a construção de uma cidade nova em Belém; os proprietários pretendiam reconstruí-la tal como era e no mesmo sítio. Ganhou a proposta do Marquês de Pombal que defendia um projecto de reconstrução mais progressista».**

Bairro Alto

A Baixa pombalina traduz a vitória de uma mentalidade moderna contra o imobilismo dos proprietários que se opunham ao emparce lamento, meio que permitia a reconstrução de acordo com um plano de conjunto. Obra grandiosa que demorou cem anos a fazer-se. «É curioso imaginar o que teria sido a cidade se o pensamento progressista não tivesse prevalecido» – comenta Silva Dias.

A cidade cresceu à medida das ideologias dominantes. E os arquitectos? **Pouco fizeram. Basta ver os planos directores no papel e depois de aplicados...»** Afinal onde começa o urbanismo? Só existe em função do promotor e do banqueiro. Aliás Henri Lefèvre define o arquitecto como um **«embelezador urbano, embalador de fachadas».**

Na verdade os motores do crescimento de Lisboa foram o capital dos negócios das Índias, do café do algodão e do volfrâmio e a especulação imobiliária. Curiosamente o Bairro Alto teria nascido, no século XVI, na sequência de uma operação imobiliária pioneira do esquema, mais tarde vulgarizado, da venda parcelar de uma grande propriedade e da passagem de terreno rural a urbano.

Resultantes de operações fundiárias são igualmente o Camões, as Avenidas Novas, Campo de Ourique, Estrela, Campo Pequeno e o Bairro das Colónias.

Contam-se três planos directores para a cidade de Lisboa. O primeiro, de 1928, tem a assinatura de Forrestier. O segundo, da década de quarenta, elaborado pelo francês De Groer, representa a vontade política de Duarte Pacheco. Na prática, desses planos, aproveitaram-se duas ou três coisas. O último previa a construção da ponte sobre o Tejo entre o Beato e o Montijo e não de Alcântara para Almada. **«Por uma questão de prestígio e pelo gosto da monumentalidade, à maneira nazi, alterou-se o projecto. Salazar achou que a ponte no lugar onde está se via melhor...»** – frisou Silva Dias.

Nos anos sessenta surgiu outro plano, dirigido pelo arquitecto Georges Meyer-Heine, cujo objectivo primordial era **«aliciar a especulação»** ainda, na altura, um pouco retraída. Foi aprovado já depois do 25 de Abril, no tempo de Aquilino Ribeiro. É evidente que o actual presidente da Câmara não o segue. O plano director impõe regulamentos que Abecasis não cumpre, no afã de vender Lisboa aliás os sintoma. dessa pretensão detectam-se nos seus projectos, nomeadamente o do Martim Moniz e o das torres Tejo.

Silva Dias, embora tenha participado no concurso do Martim Moniz discorda radicalmente dos pressupostos em que ele assenta. **«São cinco hectares de terreno, cujo destino deveria corresponder à vontade popular. Trata-se de um problema político. De gestão municipal».**

Casa portuguesa com certeza

Uma necessidade imperiosa de responder à crise económica, de atenuar o desemprego (já se verificava uma emigração significativa do campo para a cidade) e de reforçar a sua base de apoio, levou o regime fascista a empreender uma política de habitação «social». Salazar encontrou o homem certo: Duarte Pacheco. À testa do Ministério das Obras Públicas este engenheiro dá luz verde para a construção dos primeiros bairros económicos. Assim aparecem os bairros de Caselas, Encarnação, e Alvito, constituídos por pequenas moradias que hoje ocupam um espaço, alvo da gula das empresas imobiliárias. Imagem do «Portugal dos Pequeninos», esta concepção urbanística revelou-se dispendiosa e incapaz de resolver os problemas habitacionais. A segunda fase da política social do Estado, Novo, na habitação obedeceu já a um esquema mais lógico, integrado no conjunto da cidade. Veja-se o Bairro de Alvalade.

Mais tarde as intervenções de Olivais e Chelas são concebidas com uma óptica diferente. Nelas colaboraram alguns arquitectos de esquerda. Apesar das limitações, impostas pela conjuntura, ainda foi possível introduzir nos referidos bairros as infra estruturas adequadas. Houve um tratamento cuidado dos espaços, tendo em conta a sua dimensão e os equipamentos imprescindíveis para as funções urbanas.

Segundo o ditador de Santa Comba Dão, numa conversa travada com uma jornalista francesa, Duarte Pacheco **«era um engenheiro de um dinamismo espantoso».** Quando resolvia modernizar um canto de Lisboa **«não hesitava em mandar arrasar um bairro inteiro...»** Salazar, com o seu espírito provinciano, adorava o «novo». Um novo que coincidia com a estética do fascismo italiano e do nazismo alemão. A nível ideológico traduzia a «política do espírito» de António Ferro.

Mas podia ter sido assim...

«Comecei por seguir as pisadas da águia romana, amontoei as pedras dos nossos sonhos imperiais, terminei vendendo lotes para construção.» Este seria, na opinião manifestada pelo arquitecto Fernando Gonçalves, num artigo, publicado numa revista da especialidade, o epitáfio que Salazar merecia.

Os símbolos da «ordem e duração» que se desprendiam dos empreendimentos hitlerianos impressionaram Duarte Pacheco. Embora os «patos bravos», vindos de Tomar, tenham sido os obreiros de grande maioria dos projectos do Estado Novo, ficaram alguns exemplos positivos dessa época. Meia dúzia de edifícios dignos, da autoria de arquitectos, em oposição aos conceitos meramente decorativos ensinados na Escola de Belas-Artes. Cristino da Silva, Cotilleni Telmo, Cassiano Branco, Carlos Ramos, Adelino Nunes subverteram o academicismo arquitectural.

«Os bairros económicos de Salazar são a expressão da vontade política. De uma vontade política firme. A cidade desenvolve-se não à custa de planos de urbanização, mas sim pela adição da urbanização de quintas. Isto aconteceu em Benfica... com as Quintas Mouras, na Luz. É o cadastro que determina a forma da cidade» – salientou Silva Dias.

Nas cidades europeias mantém-se uma constante: no lado oriental, fixa-se a burguesia e no ocidental o proletariado. Em Lisboa, os ricos habitam as zonas do Restelo, Belém e Cascais; os operários vivem em casas degradadas, na Graça, Poço do Bispo, Marvila e Xabregas. Os últimos a chegar à cidade concentraram-se na periferia. «Entre as lixeiras de todas as rejeições da cidade constroem as suas barracas. Ocuparam as zonas envolventes do aeroporto e tentam invadir Monsanto. Galinheiras, Musgueira, Pontinha, Casal Ventoso são os focos cancerosos do crescimento da cidade.

«Os habitantes das barracas também ajudaram a fazer esta Lisboa que tem o feitio de uma mão. Dos interstícios dos dedos brotaram os bairros da lata, criados por gente que procurava trabalho junto ao rio. Os periféricos foram obra dos recém-chegados que encontraram emprego na construção civil.» Silva Dias recorda, a propósito, um episódio ocorrido dias antes da inauguração da ponte sobre o Tejo. Trata-se da transferência compulsiva das pessoas do Casal Ventoso para os bairros do Relógio e Musgueira. Salazar achou que a grandiosidade da ponte saía prejudicada com a panorâmica do bairro da lata, plantado num dos seus flancos. Enfim! A fachada. Sempre a fachada...

Silva Dias refere-se à «vitória das populações», consagrada com as operações SAAL. «A Revolução, em matéria habitacional, não trouxe grandes inovações. Nem sequer houve coragem nem tempo para se lançar uma lei dos solos. A sua parte mais imaginativa prende-se com a exigência, feita pelas populações de alojamento no sítio onde já viviam.» Este arquitecto que participou num concurso (o de Martim Moniz), sabendo que o que estava em causa era simplesmente o lucro, acredita na possibilidade «de olhar para a cidade como um ser vivo e estruturá-la de acordo com essa ideia». Utopia? Claro que o espaço deixou de ser um suporte para as actividades humanas. Tornou-se um produto de consumo e é vendido e planificado, como tal, no processo capitalista.

Os arquitectos que recusam entrar no jogo e que põem em questão as regras urbanísticas, estabelecidas pelo Poder, correm sérios riscos. Um deles é sem dúvida, a marginalização. Se Silva Dias estava em desacordo com o processo do Martim Moniz porque concorreu?

«Creio numa dialéctica da construção da cidade. Concorri para mostrar que havia outras alternativas. Propus 60 mil metros quadrados de construção contra os 150 mil do Taveira e os 130 de Carlos Duarte. Sabíamos que éramos derrotados...»

Vocação de perdedor?

Morte da cidade

Conforto é bom. Todos aspiram a ele. Mas que conforto? «Para mim o mais importante é que as pessoas tenham uma actividade. O alojamento não deve ser o pequeno ninho onde tu te fechas ou voltas as costas à luta» – opina um habitante do Bairro Alto: de uma casa sem aquilo a que se chama conforto. Ele não recusa a utilidade de uma casa de banho e de outras comodidades, mas não trocava o «sagrado» convívio das ruas do seu bairro, das conversas de janela para janela, do respirar ar à soleira da porta, de todo um estilo de vida rico em humanidade. Muitas vezes, certo tipo de conforto pode funcionar como um factor repressivo. Pode ser utilizado como meio de limar as arestas às pessoas, quebrar nelas o «elan» da revolta colectiva e de as transformar em utensílios mais dóceis e, por isso, mais manejáveis.

Que comunicabilidade existe nos dormitórios da Reboleira? Nenhuma.

«Um dos objectivos do Gabinete de Ordenamento Urbano extinto por Abecasis era precisamente estudar como se poderia equilibrar o quotidiano das pessoas.» Garante Silva Dias que fez parte, com Rafael Botelho, do GOU, antes da Aliança Democrática «conquistar» Lisboa.

Uma das condições fundamentais para o enriquecimento do quotidiano seria a revitalização da «Baixa» que está a ser morta pelos escritórios, comércio e bancos. «O projecto vencedor do Martim Moniz, ainda vai desequilibrar mais o ciclo diurno da 'Baixa'» Silva Dias apontou também como exemplo da degradação do quotidiano o projecto das Torres do Tejo.

«O mais importante nem sequer é a questão estética, mas sim o futuro das pessoas que vivem em Alcântara. A construção das Torres do Tejo significa que todos os dias vão para a zona perto de cinco mil automóveis e que a frequência dos comboios da Linha de Cascais aumenta. Feitas as contas haveria um comboio de minuto a minuto, o que dificultaria o acesso ao rio. O pequeno comércio desaparecia, subjugado pelos centros comerciais e 'snacks'. Escritórios atraem novos escritórios, o que conduz ao perigo das demolições. Dentro de pouco tempo Alcântara deixava de ser Alcântara para se transformar num espaço denso de edifícios.»

O tal habitante do Bairro Alto que detesta ver o seu nome nos jornais (daí o anonimato) confessou, com uma enorme sabedoria que não gostaria de viver como há quinhentos anos atrás, mas que lamenta o abastardamento da vida. «Dantes havia uma vida na cidade, uma cultura. Hoje isso está a acabar...»

Lisboa, salvo pequenas ilhas, é hoje uma cidade colonizada pelo capital. Quem a liberta?

Lourdes Féria

O Bairro Alto ainda mantém a sua antiga nobreza...

Governo francês aprova abolição da pena de morte

O governo francês aprovou ontem um projecto de lei que visa abolir a pena de morte, fazendo assim desaparecer a guilhotina, utilizada em França desde a Revolução de 1789.

O projecto será votado no próximo mês pela Assembleia Nacional e a França, que conta actualmente sete condenados à morte nas suas prisões, deixará então de ser o único país da Europa ocidental a manter a pena capital.

Com a vitória da esquerda nas eleições presidenciais, a pena de morte podia considerar-se praticamente abolida, uma vez que na campanha eleitoral, François Mitterrand anunciara o propósito de utilizar sistematicamente o direito de indulto conferido ao presidente da república. Assim, quatro dias depois de ter assumido as suas funções, comutou a pena de Philippe Maurice, de 26 anos, condenado em Dezembro de 1980 pelo assassínio de um polícia.

Todavia, o governo vai contra a opinião expressa pela maioria de franceses. Com efeito em Dezembro último, uma sondagem revelava que 63 por cento das pessoas consultadas eram favoráveis à pena de morte. Um novo inquérito efectuado em princípios do corrente mês, ao passarem os primeiros cem dias do septénio de Mitterrand, indicou que tal percentagem, embora baixasse para 52 por cento, era ainda maioritária. Por outro lado, em Maio último, após a eleição de François Mitterrand, três tribunais criminais lavraram sentenças capitais.

«A votação porá termo a dois séculos de reinado da guilhotina, instrumento inventado no século XVIII por um médico, Joseph Ignace Guillotin, como alternativa, segundo aquele clínico, à cruel decapitação com o machado.

Utilizada pela primeira vez em 25 de Abril de 1792, em plena revolução entre as suas vítimas contaram-se seguidamente o rei Luis XVI, a rainha Maria Antonieta e famosos revolucionários, como Robespierre. Desde 1958, início da vigência da V República, foram guilhotinados 17 criminosos. A última execução, em 11 de Setembro de 1977, em Marselha, foi a de Hamida Djandoubi, assassino de uma prostituta.

O actual verdugo, Marcel Chevalier, um homem de 60 anos, vai perder alguns subsídios anuais mas continuará a manter a sua actividade de empregado efectivo de uma tipografia. Pelo contrário, o orçamento de estado beneficiará com a abolição, pois deixará de reservar anualmente o equivalente a 2.300 contos para os encargos da execução capital.

A adopção pelo concelho de ministros francês do projecto de lei que prevê a abolição da pena de morte foi geralmente bem acolhida no mundo, nomeadamente em círculos jurídicos e em países da Europa ocidental.

Primaz da Polónia pede um mês de trégua social

O primaz da Polónia, Mons. Josef Glemp, lançou ontem um apelo «a toda a população polaca» para que conceda ao país «30 dias de paz e de trabalho sem tensões», anuncia a agência «PAP».

Numa homília em Czestochowa – precisa a agência – mons. Glemp apontou a necessidade de uma «renovação moral» e de «unidade nacional» para resolver os problemas quotidianos que se deparam aos polacos.

Por sua vez, o primeiro secretário do Partido polaco, Stanislaw Kania, fez uma severa advertência ao sindicato «Solidariedade», afirmando que «o poder não permitirá nenhuma acção que paralise os meios de Informação de massa».

Dirigindo-se na terça-feira aos operários da fábrica Gegielski» de Poznan (oeste do país) – alocução que só foi divulgada quarta-feira à noite na televisão – Kania insurgiu-se energicamente contra as operações «dias sem jornais» organizadas pelo «Solidariedade» para exigir o acesso do sindicato aos meios de comunicação.

«Não se pode ficar indiferente perante esta acção e outras em preparação», afirmou o primeiro secretário, que acrescentou «nós (o partido) teremos paciência para negociar, mas, ao mesmo tempo, firmeza bastante para nos opormos a qualquer travagem do funcionamento de elementos importantes para a actividade do país, como a Imprensa, a Rádio e a Televisão.

Itália: 42 industriais no banco dos réus

Quarenta e dois industriais da Itália do norte implicados no «escândalo do petróleo» – o caso duma gigantesca evasão fiscal – deverão comparecer perante os tribunais, soube-se ontem de fonte judicial.

Vinte e três dos réus – entre os quais Bruno Musselini, proprietário da refinaria milanesa «Bitumoil» – deverão responder por «associação de malfeitores, contrabando e falsificação de cheques e documentos», os restantes serão julgados por falsificação e contrabando. Dois estão já presos, enquanto que Musselini e outros três cúmplices fugiram.

O inquérito sobre o «escândalo do petróleo» tinha começado no Outono de 1978. A evasão fiscal global foi então estimada em 13 mil milhões de liras.

Segundo o "Times" de Londres

Governo Thatcher disposto a concessões no Ulster

Pela primeira vez desde a eclosão do movimento das greves da fome no Ulster, o Governo britânico parece disposto a dar um passo ao encontro das reivindicações dos reclusos republicanos, consideram os observadores.

Num extenso artigo publicado ontem na primeira página, o «Times» afirma, com efeito, que Londres se disporia designadamente, uma vez terminadas as greves da fome, a autorizar todos os presos na Irlanda do Norte a usarem permanentemente o seu próprio vestuário.

Segundo o jornal, que tem observado sempre a maior prudência em relação aos repetidos rumores de um próximo desbloqueamento da situação na penitenciária de Maze, esta concessão do Governo no tocante a uma das cinco reivindicações dos grevistas da fome «traz em si os germes de uma solução para a crise que há quase um ano a esta parte vem envenenando a Irlanda.

O Governo da sr. Margaret Thatcher – acrescenta o «Times» – estaria igualmente disposto a mostrar-se mais flexível quanto a outras duas reivindicações. Assim, Londres poderia «alargar» a duração dos períodos de «associação» de que os reclusos beneficiam e reduzir parcialmente a pena aos cerca de 400 reclusos republicanos que prosseguem há alguns anos a greve do uniforme.

O «Times» mostra-se entretanto moderadamente optimista fazendo notar que subsistem entre os presos e o Governo «obstáculos dificílimos de superar».

Enquanto isto, a primeira-ministra britânica, Margaret Thatcher, rejeitou o pedido de en trevista que lhe foi dirigido pelo deputado republicano da Irlanda do Norte, Owen Carron, indica-se em Dowing Street.

Numa carta mandada ao deputado, a sr. Thatcher convida-o a avistar-se com o ministro-adjunto para a Irlanda do Norte, Michael Alison, na ausência do secretário para a Irlanda do Norte, Humphrey Atkins, actualmente de férias.

Apesar da recusa da sr.ª Thatcher em receber pessoalmente o parlamentar que sucedeu na Câmara dos Comuns ao primeiro grevista da fome falecido, Bobby Sands, os observadores não deixam de notar o tom moderado da mensagem do primeiro-ministro que não fecha totalmente a porta a eventuais conversações entre o representante republicano e as autoridades britânicas.

Um gesto de apaziguamento da «dama de ferro» seria certamente bem recebido pelo Governo de Dublin, que se esforça para que Londres aceite uma plataforma e deseja manter o diálogo anglo-irlandês, única maneira, na opinião dos dirigentes do Eire, de dar solução a longo prazo à tragédia da Irlanda do Norte.

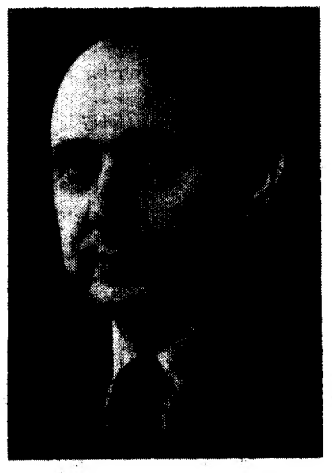
A este respeito, a recusa, ontem à noite, do primeiro-ministro irlandês, Garret Fitzgerald, em receber o novo deputado republicano do Ulster, Owen Carron, que formulara tal pedido, é vista como um gesto de boa vontade para com a sr.ª Thatcher.

URSS e RFA dialogaram sobre desarmamento

O ministro alemão ocidental dos Negócios Estrangeiros, Hans Dietrich Genscher, recebeu ontem o embaixador soviético em Bona, Wladimir Semionov, para debater a questão das negociações americano-soviéticas sobre as armas euro-estratégicas (mísseis SS-20 soviéticos e Pershing-2 americanos), anunciou um porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros oeste-alemão.

O ministro alemão ocidental indicou ao embaixador soviético, acrescenta a mesma fonte, que se congratulava com os próximos contactos entre o secretário de Estado americano, Alexander Haig e o ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, Andrei Gromyko, à margem da Assembleia Geral das Nações Unidas, em Setembro, em Nova Iorque e que esperava que esses contactos conduzissem proximamente a um reinício das negociações euro-estratégicas.

O ministro alemão ocidental indicou ainda o porta-voz, congratulou-se com a oferta de diálogo feita pelo presidente Reagan a Moscovo assim como pela resposta do secretário-geral do PC Soviético, Leonid Brejnev,



Hans Dietrich Genscher

segundo a qual estava disposto a travar tal diálogo.

O Afeganistão, a ajuda económica à Polónia e as questões de desarmamento foram os outros pontos principais da entrevista. Finalmente, Genscher explicou ao embaixador soviético a posição da RFA sobre a questão da bomba de neutrões, conforme as recentes declarações do chanceler Helmut Schmidt.

Na semana passada este último indicou que, actualmente, não se punha a questão de encarar o estacionamento dessa arma na RFA e que isso só poderia acontecer em «condições bem definidas», nomeadamente se outros países da NATO a aceitassem e se a aliança se pronunciasse nesse sentido.

Contra a bomba N

O Conselho Ecuménico das Igrejas reunido em Dresden (RDA) exigiu a paragem imediata do fabrico da bomba de neutrões nos Estados Unidos.

O conselho, na sua declaração, afirma ser a arma de neutrões uma «ameaça monstruosa», que torna mais plausível o emprego das armas nucleares e considera que a decisão do seu fabrico levará a uma nova corrida aos armamentos.

O projecto de criação de zonas não nucleares no Mundo mereceu o apoio do conselho, que se manifestou ainda preocupado com a deterioração da situação internacional.

"Estado de gu vai ser anali

O secretário-geral das Nações Unidas, Kurt Waldheim, que estava de férias na Áustria, seu país, decidiu regressar hoje a Nova Iorque, preocupado pela gravidade da situação criada na África Austral com as últimas incursões das forças racistas da África do Sul e dos mercenários a seu soldo, em território da República Popular de Angola.

Seguindo as instruções de Waldheim, Diego Cordovez, subsecretário geral da ONU para as questões políticas especiais, entrou em contacto com o encarregado de negócios sul-africano, Dadid Steward e com o presidente angolano, que ontem solicitou a Waldheim uma intervenção da ONU que ponha cobro e neutraliza a invasão das tropas racistas sul-africanas contra Angola.

O Conselho de Segurança da ONU deverá reunir-se ainda esta semana. A invasão sul-africana a Angola), (que ainda prossegue) os duros combates que se travam na Namíbia contra as forças ocupantes, sem direito para tal, do antigo Sudoeste Africano, e, também, a vaga de brutalidade das autoridades de Pretória contra os partidários do Congresso Nacional Africano estão a causar forte preocupação no Conselho.

Em declarações ontem prestadas a jornalistas, Kurt Waldheim disse que a agressõ sul-africana a Angola não significa apenas uma grave violação da integridade territorial da RPA, mas, sim, uma grave deterioração da situação na África Austral.

Segundo a ANGOP, a estratégia dos racistas tenderia à criação, no Lubamgo, de um forte apoio logístico ao dirigente do movimento contra-revolucionário subsidiado por Pretória e Washington, UNITA, dirigido por Jonas Savimbi.

Savimbi, considerado pela maioria dos países africanos como um traidor, tem ainda a esperança de que a Administração Reagan condicione o seu aval à independência da Namíbia a concessões que o Governo angolano de direito pudesse fazer ao «fantoche».

Tal «entendimento» foi já repudiado pelo Governo de Luanda e, também pela Organização da Unidade Africana. Como se poderá verificar pelas reacções de várias capitais europeias, nem sequer os aliados ocidentais de Washington estão de acordo com a política de Reagan para a África. Na própria Washington se afima que cabeças de conselheiros do Presidente irão rolar.

OUA pela expulsão

A Organização da Unidade Africana pediu aos países que mantêm relações diplomáticas com Pretória que as interrompam e aos estados membros das Nações Unidas que façam pressão para conseguir a expulsão total da África do Sul da ONU.

Este apelo da OUA ocorre após o anúncio feito por Angola de que duas colunas armadas sul-africanas tinha dade no seu territó

Qualificando a in e de «agressão cri rou que esta visa recentemente inde pseudodireito de p da SWAPO que lut gal da Namíbia».

A OUA pede à que exerça pressõ para as obrigar a lano. Acrescenta q ções diplomáticas ponsabilidade mo interpretado como «política agressiva Sul.

Recorda-se que acusação de «in qualificando-a de ganda», para, pas próprio primeiro-m lando perante o Cabo, admitisse q necer do nosso la que os terroristas (dele) fronteira».

Com um possív tenta disfarçar, Bo Governo angolan «nosso pedido pa nosso desejo de v vizinhos».

Depois de recor tas entraram em angolano, o dirig disse que aquilo q territoriais namibi cito sul-africano e rismo, defendend

França

A Franc ede pas sul-af as -voz do Ministério trangeiros.

foi comunicado Sul e Paris, Johan tor dos Assuntos A denação francesa venção sul-africar que «constitui um soberania deste p

Utilizar os recu da ONU

O presidente d das Nações Unid ontem à agência E tentes são as de estado de guerra Angola.

Mais fuzilamentos no

Cinco iranianos foram fuzilados, enquanto confrontos entre rebeldes curdos e guardas revolucionários causaram 11 mortos – noticiou a Rádio Teerão.

A emissora, captada em Ancara, referiu também a prisão de 12 oposicionistas em vários pontos do país.

As execuções foram cumpridas depois de julgamentos sumários no tribunal islâmico de Semnan, a Leste de Teerão. Quatro dos executados – disse a Rádio – pertenciam à organização de esquerda «Mudjahedine Khalq».

É de 561 o número de pessoas executadas desde o derrube pelo clero do presidente Abolhassan Bani-Sadr, em Junho.

Por outro lado, um grupo de «hipócritas» (Mudjahedine Khalq) que queriam «fazer explodir o escritório do imã Khomeini em Qom», foi preso naquela cidade santa chiita, anunciou um comunicado dos «Guardas da Revolução» locais, difundido por Rádio Teerão, sem indicação do número de presos nem de datas.

Enquanto isto, o Governo de Teerão desmentiu categoricamente notícias provenientes dos Estados Unidos, segundo as quais o Irão teria importado equipamento militar de Israel durante a crise dos reféns.

Em comunicado à Imprensa, divulgado em Roma, a Embaixada iraniana faz notar que o Governo revolucionário do Irão cortou relações diplomáticas com Israel e suspendeu os fornecimentos petrolíferos a este país depois de o «ayatollah» Khomeini ter assumido o poder em 1979.

A guerra

Caças iranianos bombardearam terça-feira uma plataforma de petróleo iraquiana ao norte do golfo Pérsico – informou a agência PARS.

O Iraque afirmou que os aviões iranianos foram obrigados a retirar após o ataque, sob o fogo da artilharia anti-aérea iraquiana.

O ministro iraquiano dos Ne-

Solidariedade mundial com Angola

guerra" causado por Pretória
alisado pelas Nações Unidas

tinham penetrado em profuni- território a partir da Namíbia.
lo a incursão de «ataque cínico» ão criminosa», a OUA conside- visa desestabilizar um estado independente «a pretexto do de perseguir os combatentes ue lutam contra a ocupação ile- ia».
de à comunidade internacional ressões nas forças sul-africanas ar a evacuar o território anbo- nta que o rompimento das rela- ticas com Pretória é uma «res- moral» e que o silêncio seria como uma aprovação tácita da ssiva e terrorista» da África do

e que a África do Sul desmentiu a «incursão» feita por Angola, a de «operação de propa- , passsadas algumas horas, o eiro-ministro, Pieter Botha, fa- e o Parlamento na Cidade do sse que «não podemos perma- so lado da fronteira e aguardar istas (sic) atravessem a nossa fa».
ossível desespero que a ironia ar, Botha atreveu-se a pedir ao golano que tomasse nota do o para que não intervenha e do de viver em paz com os nossos

reconhecer que as tropas racis- em confronto com o Exército dirigente de Pretória também uilo que ele considera as «forças mibianas, apoiadas pelo Exér- no estão a lutar contra o terro- dendo a população».

de a retirada imediata das tro- as de Angola, indicou o porta- tério francês dos Negócios Es-

ado ao embaixador daÁfrica do hannes Van Daisen, pelo direc- tos Africanos e Malgaxes, «con- cesa» no seguimento da inter- fricana em Angola, intervenção i um atentado caracterizado à ste país», indica a mesma fonte.

recuros

nte do Conselho de Segurança Unidas, Jorge Illueca, declarou cia EFE que as indicações exis- s de que há praticamente um uerra na República Popular de

O diplomata panamiano que, este mês, preside ao Conselho acrescentou que a ONU deve actuar rapidamente e com todos os recursos ao seu alcance para evitar um conflito de maiores proporções.

Jorge Illueca considerou preocupante um parágrafo da carta do presidente de Angola ao secretário-geral das Nações Unidas, Kurt Waldheim, no qual se afirma que o Governo de Luanda poderá ser obrigado a recorrer ao artigo 51 da carta da ONU.

O artigo reconhece o direito dos Estados a recorrerem à força para defesa da sua soberania e integridade territorial.

Vão lá ver

O Governo angolano convidou os embaixadores dos três países europeus do «grupo de contacto» para a Namíbia (França, Grã-Bretanha e RFA) a deslocarem-se à província do Cunene a fim de verificarem pessoalmente as incursões sul-africanas em território angolano – soube-se, oficialmente, em Luanda.

O convite foi formulado pelo vice-ministro angolano dos Negócios Estrangeiros, Venâncio de Moura, durante uma audência que deu aos três embaixadores. Nesse encontro, Moura teria classificado a situação reinante no sul angolano como «grave».

Entretanto, em Luanda, a situação continua calma. O Ministério angolano da Defesa, aliás, esclareceu que a decisão de chamar todos os militares de folga dentro e fora de Angola não podia ser considerada como uma «mbilização geral».

Aristides Royo

O presidente do Panamá, Aristides Royo, pediu que o Conselho da ONU para a Namíbia condenasse os ataques da África do Sul contra Angola e outros países da «Linha da Frente».

Numa mensagem lida durante a sessão solene que assinalou em Nova Iorque o Dia da Namíbia, Royo afirmou «que a agressão a Angola deve ser terminada por meio de recurso aos mecanismos estabelecidos pela Carta das Nações Unidas».

Por seu turno, o presidente em exercício do Conselho para a Namíbia, o indiano Natarajan Krisnan, disse na ocaisão que a nova invasão de Angola pela África do Sul «causa-nos o maior alarme» e pediu aos países ocidentais que pressionassem Pretória no sentido de se retirar do território do antigo Sudoeste Africano.

Também o Egipto

O Egipto denunciou hoje a feroz agressão sul-africana a Angola e declarou o seu total apoio às autoridades angolanas – anuncia a agência noticiosa do Médio Oriente (MENA), que cita uma fonte governamental.

«Todas estas agressões são realizadas com o objectivo de impedir a marcha da paz e evitar que o povo da Namíbia alcance a independência» – acrescentou o representante do governo egípcio, segundo o qual o Cairo dá o seu inteiro apoio a Luanda na defesa da segurança e da soberania da República Popular de Angola.

Washington deplora

O porta-voz do Departamento de Estado norte-americano Dean Fischer, declarou que os Estados Unidos «deploram qualquer escalada da violência» na África Austral.

Contudo, Fischer opinou, como o seu colega da Casa Branca, Larry Speakes, que é preciso repor as acções militares actuais na fronteira entre a Namíbia e Angola no seu «contexto integral».

«Este contexto» – disse ele – leva à conclusão de que a Organização do Povo do Sudoeste Africano (SWAPO) se serve de Angola como de um santuário e que esta organização continua a receber armas da União Soviética».

Recordou também, a «resistência da África do Sul a conceder a independência à Namíbia».

Tudo isto, acrescentou Fischer, «evidencia a urgente necessidade de avançar para uma solução negociada do problema.

Gaddafi oferece ajuda

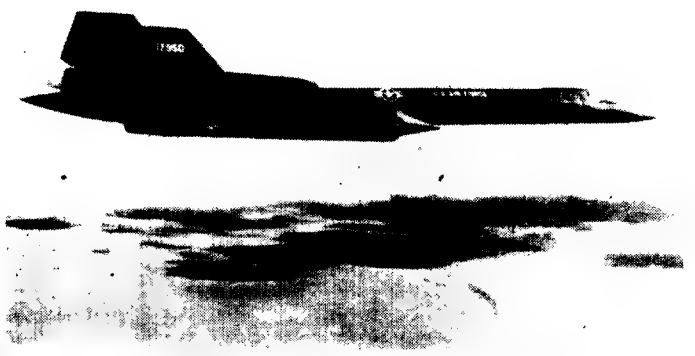
Muammar Gaddafi, chefe da Revolução líbia, afirmou ontem, numa mensagem ao Presidente angolano Eduardo dos Santos que «o povo líbio está inteiramente disposto a combater ao lado do povo angolano para rechaçar a agressão racista da África do Sul contra Angola».

Nesta mensagem, citada pela agência de imprensa líbia «JANA», o dirigente líbio «condena vigorosamente as agressões selvagens e repetidas do regime racista da África do Sul contra o governo angolano e reafirma «o apoio do povo árabe líbio ao governo e ao povo angolanos.

RECTIFICAÇÃO

Na nossa edição de ontem, indicámos, na primeira página, que a Angop desmentia «notícias de Pretória, veiculadas pela France-Presse, segundo as quais as tropas cubanas estariam concentradas em Lubango para fazer face ao invasor». Ao contrário do que se poderia depreender da leitura, as notícias em causa foram dadas pela agência sul-africana, limitando-se a France-Presse a veiculá-las, com expressa citação da sua origem.

Míssil norte-coreano quase se encontrou com avião-espião dos EUA



O Pentágono anunciou ontem que um míssil, aparentemente lançado da Coreia do Norte, passou a alguns quilómetros de um avião norte-americano de espionagem SR-71, que seguia a grande altitude, no espaço internacional. As autoridades americanas não adiantaram contudo a que distância estaria o aparelho da zona desmilitarizada entre as duas Coreias, nem a que distância estaria da Coreia do Norte, anunciando apenas que o avião se encontrava numa missão de rotina. Na foto, um dos SR-71 da força aérea americana. (Telefoto UPI/ANOP/«DL»)

Cimeira de Alexandria

Egipto aceita retomar conversações

Terminou ontem em Alexandria o décimo primeiro encontro entre Sadat e Begin, cujo resultado prático foi a convocação de uma nova reunião para 23 e 24 de Setembro próximo, onde, segundo afirmou o presidente egípcio, se recomeçarão as «conversações sobre a autonomia, que constituem a segunda parte do acordo de Camp David». Apontada pelos participantes na conferência de Imprensa, que oficialmente encerrou a cimeira de Alexandria, como o ponto mais alto das conversações travadas, a questão da autonomia palestiniana está longe de ter obtido a unanimidade dos intervenientes. Na própria conferência de Imprensa esse desentendimento foi patente quando Anwar Sadat se referiu à participação dos palestinianos no processo de paz, sem a qual questões como a da autonomia, não terão execução prática. De imediato, o primeiro-ministro Begin, lançou o gelo no tom de concórdia um pouco forçado que se vinha registando, ao afirmar o que entendia por palestinianos. Assim, para o dirigente israelita palestinianos são os residentes na margem ocidental do rio Jordão e na faixa de Gaza e, ainda assim, apenas como membros das delegações egípcia e jordana. As suas declarações inviabilizaram qualquer negociação com a OLP, insistentemente pedida nos últimos tempos por Sadat. O líder egípcio, retomando este aspecto da questão, anunciou que os palestinianos serão oficialmente convidados a participar nas negociações, depois do Egipto, Israel e os Estados Unidos terem concordado sobre a «autonomia total». Sadat não fez mais que «passar a bola» a Washington, tentando aí obter o apoio que Begin manifestamente lhe recusou. Noutra questão, as contradições vieram à tona. Quando o presidente egípcio citou Begin declarando que o dirigente israelita esperava que o cessar fogo no Sul do Líbano entre Israel e os Palestinianos durasse para sempre, de imediato Begin o corrigiu, assinalando que a trégua fora estabelecida com o Governo libanês e não com a OLP. A concórdia apenas apareceu pela negativa, quando os dois conferentes se recusaram a comentar o teor das suas conversações acerca dos ataques israelitas ao reactor nuclear iraquiano de Tamuz.

Encontro Assad-Gaddafi

O presidente sírio Hafez El Assad e o coronel Muammar El Gaddafi, chefe da revolução líbia, tiveram ontem em Damasco um segundo encontro a sós, anuncia a agência líbia de informação. Os dois chefes de Estado, acrescenta a agência, passaram em revista a conjuntura árabe e examinaram os meios de consolidar o potencial árabe a fim de enfrentar os desafios preparados pelos protagonistas de Camp David.

Assad e Gaddafi, no decurso das suas conversações acentuaram «a coesão existente entre ambos os países e o empenhamento dos dois comandantes em realizar a união entre a Síria e a Jamahiriya Líbia», indica ainda a «Sana».

Complot contra Gaddafi

A CIA terá estabelecido com conhecimento da Casa Branca um plano de atentado contra a vida do dirigente líbio Gaddafi, segundo revelou hoje Jacques Anderson, observador do jornal americano «Washington Post».

Anderson escreve que se projecta introduzir na Líbia um assassino que tentará envenenar o «leader» da revolução líbia. Nenhum sinal de intoxicação se revelará nas primeiras 48 horas. O primeiro sintoma será uma febre semelhante a um simples resfriamento a que se seguirá a paralisia e a morte. De notar que o organismo não conservará qualquer traço do veneno.

O jornalista americano lembra ainda que não é a primeira vez que a CIA traça planos deste tipo. Foram feitas tentativas contra Fidel Castro e desenvolvidas acções no Laos e no Iraque.

ho Irão

gócios Estrangeiros considerou aquele ataque como um acto desesperado do Irão.

A PARS disse ainda que 85 soldados do Iraque morreram na frente de combate nas últimas 24 horas.

Um comunicado iraquiano transmitido pela Rádio Bagdad revelou que naquele período morreram 81 iranianos.

Grefe de fome

Trinta e cinco estudantes iranianos que ocuparam na passada segunda-feira a Embaixada do Irão na Suécia iniciaram ontem uma greve de fome na prisão central de Estocolmo. Segundo o seu advogado, os detidos tencionam protestar assim contra as condições em que estão presos.

Por outro lado, a Associação dos Docentes Iranianos protestou em Paris contra «a indiferença dos países livres perante o genocídio dum povo tomado como refém e perante o anuiquilamento duma cultura milenária».

Dólar perde terreno nos mercados europeus

O dólar americano obteve ontem a sua mais baixa cotação em relação às principais moedas europeias depois de uma onda de vendas, que marcou a actividade dos últimos dias da bolsa de Londres. Paralelamente registou-se a subida do ouro. «O dólar desceu um pouco hoje de manhã e o ouro subiu quatro a cinco dólares, depois de parecerem compradores interessados em aproveitar os preços baixos», informou ontem um operador da bolsa londrina. A descida do dólar foi confirmada noutras capitais europeias. Assim, a moeda americana desceu em Francfort (2,5095 para 2,,4910 marcos), em Zurique (2,1765 para para 2,1645 francos suiços), em Paris (5,9955 para 5,9900 francos franceses), em Bruxelas (44,08 para 43,97 francos belgas) e em Milão (1.247,95 para 1.245 liras). Contudo, em Tóquio o dólar subiu em relação ao Iene, fechando a 230.65 ienes em comparação com o encerramento de 228,50 ienes na terça feira.

Nigéria baixa preço do petróleo

A Nigéria baixou ontem à noite os preços dos seus barris de petróleo, segundo afirma um comunicado oficial publicado pela Presidência da República daquele país africano. Doravante o preço do barril da produção petrolífera nigeriana situar-se-à nos 36 dólares, quatro dólares a menos que os preços anteriormente praticados e entrados em vigor em Janeiro do corrente ano. De acordo com o comunicado, o Governo Federal considera ter sido necessário «iniciar uma acção imediata para preservar o interesse nacional da Nigéria, perante a evolução do mercado petrolífero mundial que contraria os interesses do país».

Entretanto na capital vezezuelana o ministro da energia daquele país considera que a reunião da OPEP, Organização dos Países Exportadores do Petróleo, de Genebra «não pode ser classificada como um fracasso». Segundo Calderon Berti, a reunião da semana passada, destinada a fixar um preço do ouro negro comum a todos os países da organização, não era um encontro extraordinário, mas apenas uma reunião ministerial em que foram debatidos vários aspectos, entre os quais os preços do petróleo. Calderon acentuou ainda que o que estava e está em jogo é «a credibilidade da OPEP enquanto organismo internacional encarregado de garantir uma oferta estável do petróleo, a preços razoáveis». Por fim, o ministro venezuelano manifestou optimismo quanto a uma próxima reunião da organização, em que, salientou, «se poderá chegar a conclusões mais unitárias, que as obtidas em Genebra».

S. R.

Ministério da Indústria e Energia

Secretaria de Estado da Energia e Minas

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Salvaterra de Magos em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP, Zona de Distribuição Alto Alentejo, a que se refere o processo n.º 1/2196 arquivo 95, para o estabelecimento na freguesia e concelho de Salvaterra de Magos, de uma linha aérea a 30 KV, com 1069m, do poste n.º 72 da linha para o PT n.º 574 — Granho Novo — Foros de Salvaterra ao PT da Susalva — Suinicultura de Foros de Salvaterra, Ld.ª.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 10 de Julho de 1981.

O Eng.º Director,
João Carlos Oudinot Larcher Nunes

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E MINAS

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na DIRECÇÃO DE FISCALIZAÇÃO ELÉCTRICA DO SUL, SITA EM LISBOA, NA RUA PASCOAL DE MELO, 81-3.º, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP, Zona de Distribuição Alto Alentejo, a que se refere o processo n.º 1/2144, arquivo 95, para o estabelecimento na freguesia de S. Julião, concelho de Portalegre, de uma linha aérea a 6 kv com 234 metros, do poste n.º 17 da linha para o P.T. n.º 208 de S. Julião, ao posto de transformação n.º 694 de Monte Sete.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida DIRECÇÃO DE FISCALIZAÇÃO ELÉCTRICA, dentro do citado prazo.

DIRECÇÃO DE FISCALIZAÇÃO ELÉCTRICA DO SUL, em 27 de Julho de 1981

O Eng.º Director
João Carlos Oudinot
Larcher Nunes

Caminhos de Ferro Portugueses — Informação

BENFICA — PORTIMONENSE

SERVIÇO ESPECIAL PARA O ESTÁDIO NACIONAL

DIA 30 DE AGOSTO DE 1981

Partidas do Cais do Sodré das 13,39 h às 15,39 h
Partidas da Estação do Estádio Nacional desde o final do encontro

Os comboios n.ºs 2228, 2230 e 2232 que partem de Cascais respectivamente às 14 28, 14.58 e 15.28 têm paragem em Cruz Quebrada para desembarque de passageiros.

TRIBUNAL DO TRABALHO DO BARREIRO

ANÚNCIO

2.ª Publicação

O Doutor António Luís Soares de Andrade, Juiz de Direito do Tribunal do Trabalho do Barreiro.

FAZ SABER, que pela 1.ª secção do Tribunal do Trabalho do Barreiro, correm seus termos uns autos de Contrato Individual de Trabalho com processo Sumário registados sob o n.º 519/78 em que é AUTOR: — MARIA DE LOURDES QUERIDO DA SILVA, residente na Rua Almirante Reis n.º 100 Palhais -Barreiro.

E RÉ: — SOMOSA Sociedade de Mosaicos Sociedade de Mosaicos e Construções Metálicas, SARL,com última sede conhecida na Quinta dos Moinhos — Palhais — Barreiro e neles correm éditos de TRINTA DIAS, citando a Ré acima identificada para, no prazo de oito dias findo o dos éditos, contados estes a partir da segunda e última publicação do anúncio a contestar a referida acção sob pena de não o fazendo ser condenado no pedido

O pedido do Autor é do montante de 87 981$40.

O duplicado da petição inicial encontra-se à disposição da citanda na secção acima indicada.

Para constar se lavrou o presente e outros de igual teor que serão afixados nos lugares que a lei determina.

Barreiro, 25 de Junho de 1981
O Juiz de Direito
a) António Luís Soares de Andrade,
O Escrivão de Direito
a) Afonso Diogo Monteiro da Costa,

TRIBUNAL DO TRABALHO DO BARREIRO

ANÚNCIO

2.ª Publicação

O Doutor António Luís Soares de Andrade, Juiz de Direito do Tribunal do Trabalho do Barreiro.

FAZ SABER, que pela 1.ª secção do Tribunal do Trabalho do Barreiro, correm seus termos uns autos de Contrato Individual de Trabalho com processo sumário registados sob o n.º 577/78 em que é AUTOR: — ANTÓNIO JOAQUIM MADEIRA, residente na Rua Dr. João de Castro n.º 132-1.º Esq.º — Quinta da Lomba — Barreiro.

E RÉ: — SOMOSA Sociedade de Mosaicos e Construções Metálicas, SARL, com última sede conhecida na Quinta das Moinhas — Palhais — Barreiro e neles correm éditos de TRINTA DIAS, citando a Ré acima identificada para, no prazo de oito dias findo o dos éditos, contados estes a partir da segunda e última publicação do anúncio contestar a referida acção sob pena de não o fazendo ser condenado no pedido.

O pedido do Autor é do montante de 83 973$10.

O duplicado da petição inicial encontra-se à disposição da citanda na secção acima indicada.

Para constar se lavrou o presentes e outros de igual teor que serão afixados nos lugares que a lei determina.

Barreiro, 25 de Junho de 1981.

O Juiz de Direito
a) António Luís Soares de Andrade

O Escrivão adjunto
a) Afonso Diogo Monteiro da Costa

Consulte as secções de informações
Caminhos de Ferro Portugueses

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E MINAS

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N. 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na DIRECÇÃO DE FISCALIZAÇÃO ELÉCTRICA DO SUL, SITA EM LISBOA, NA RUA PASCOAL DE MELO, 81-3.º, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Vila Franca de Xira em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado para Electricidade de Portugal – EDP, Zona de Distribuição Tejo – Zona Lisboa, a que se refere o processo n.º 1/5841, arquivo 9, para o estabelecimento no concelho de Vila Franca de Xira, de uma linha aérea n.º 109/R-55 a 30 KV com 1.263 metros, do poste n.º 41 da linha n.º 109, ao posto de transformação da Estação de Tratamento de águas do Carregado (EPAL) em Castanheira do Ribatejo-Carregado.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida DIRECÇÃO DE FISCALIZAÇÃO ELÉCTRICA, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

DIRECÇÃO DE FISCALIZAÇÃO ELÉCTRICA DO SUL,
EM 24 de Julho de 1981

O ENGENHEIRO DIRECTOR,
João Carlos Oudinot Larcher Nunes

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E MINAS

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na DIRECÇÃO DE FISCALIZAÇÃO ELÉCTRICA DO SUL, SITA EM LISBOA, NA RUA PASCOAL DE MELO, 81-3.º, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Sintra em todos os dias úteis, durante as horas de expediente , pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal-EDP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º PT/5484-1/1, arquivo 9, para o estabalecimento no concelho de Sintra, do prolongamento da linha aérea a 10 KV n.º 1771 (antiga linha n.º 1136/R-7) com 770 m, entre o P.S.T. n.º 2153 em Fachada (São João das Lampas) e o PT n.º 5484 em Arneiro dos Marinheiros.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida DIRECÇÃO DE FISCALIZAÇÃO ELÉCTRICA, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

DIRECÇÃO DE FISCALIZAÇÃO ELÉCTRICA DO SUL, em 28 de JULHO de 1981.

O ENGENHEIRO DIRECTOR,
João Carlos Oudinot Larcher Nunes

PUB.

CÂMARA MUNICIPAL DE GRÂNDOLA

COMEMORAÇÕES DO DIA DO CONCELHO

CONCURSO DE CARTAZ

1 – Podem concorrer todos os artistas portugueses.
2 – Texto e motivos obrigatórios:

COMEMORAÇÕES DO DIA DO CONCELHO
OUTUBRO/81
GRÂNDOLA VILA MORENA

3 – O formato será de 50 cm × 70 cm.
4 – Os trabalhos concorrentes deverão ser enviados até 4 de Setembro de 1981 para.

Câmara Municipal de Grândola
7570 Grândola

5 – Cada concorrente poderá apresentar mais de um original, até ao limite de 3.
6 – Todos os trabalhos serão identificados por um pseudónimo e acompanhados por uma carta lacrada, tendo fora o pseudónimo e por dentro o nome completo, morada e telefone.
7 – O júri do concurso será a Câmara Municipal de Grândola.
8 – Ao autor do cartaz seleccionado será atribuído um prémio de 20 000$00 e a Câmara Municipal, assume a responsabilidade pela sua edição e distruibuição. Serão atribuídos ao 2.º e 3.º prémios 5000$00 e 3000$00 respectivamente.
9 – Da decisão do júri não haverá recurso.
10 – Será efectuada uma exposição com os trabalhos apresentados em data e local a determinar posteriormente, se o número o justificar.
11 – A divulgação do nome do autor do cartaz seleccionado será feita em Outubro de 1981.
12 – As obras sujeitas a concurso ficarão para património da Câmara.
13 – Todos os casos omissos neste regulamento serão resolvidos na Câmara Municipal.

O vereador em exercício
Manuel Francisco Barão de Oliveira

CÂMARA MUNICIPAL DO CONCELHO DE LOURES

OBRAS DE SANEAMENTO BÁSICO

Em reunião da Comissão Administrativa do passado dia 12/8/81 foi deliberado contrair um empréstimo de 160 mil contos, entre a Câmara e a Caixa Geral de Depósitos, com o objectivo de realizar obras de Saneamento Básico, que ascendem a 330 mil contos.

Estas obras são de extrema urgência e destinam-se a investimentos nas seguintes localidades:

— Abastecimento de água a Zambujal
Idem a Vila Nova, Bemposta e reforço a Bucelas — 1.ª Fase;
— Idem a Maigarrinhos e Bolores;
— Reforço do abastecimento de água às freguesias de Santa Iria da Azoia e S. João da Talha;
— Idem a Bobadela;
— Colectores principais domésticos — 1.ª Fase — Zona de Famões e Porto da Paiã;
— Rede de esgotos da Murteira, incluindo estação de tratamentos.

Loures, 19 de Agosto de 1981
O Presidente da Comissão Administrativa,
António Augusto Simenta Mordido

Suspensa a greve nos CTT

Governo e administração aceitaram negociar

O conflito que opõe os trabalhadores à administração dos CTT e ao Governo conheceu a noite passada uma significativa alteração que levou a Federação das Comunicações e Telecomunicações a suspender as greves, cujo início estava previsto para hoje. Com efeito, o Governo aceitou finalmente receber os representantes sindicais dos trabalhadores, numa reunião conjunta com os ministros dos Transportes e Comunicações e do Trabalho e o secretário de Estado das Comunicações, marcada para a próxima quarta-feira, dia 2 de Setembro, às 12 horas, no Ministério do Trabalho.

Outra das razões que levaram à suspensão das paralisações e da recusa ao trabalho extraordinário foi a decisão do conselho de administração dos CTT de iniciar negociações directas com os representantes dos trabalhadores, segundo informa um comunicado daquela estrutura sindical.

O documento sublinha que os sindicatos, ao suspenderem as formas de luta, pretendem marcar a sua disposição de, no período que decorrerá até à data da reunião, desenvolver «todos os esforços para alcançar o acordo global, pelo qual os trabalhadores dos CTT vêm lutando».

O comunicado sindical termina afirmando que se a esta posição e à «expectativa criada não corresponder um esforço das entidades responsáveis para encontrar um acordo, os trabalhadores dos CTT continuarão a sua luta, reforçados pela certeza de que ninguém os poderá acusar de não terem procurado a todo o momento privilegiar o diálogo e a negociação séria».

Os trabalhadores dos CTT, que já efectuaram várias paralisações em Julho e no decurso deste mês, exigem um aumento salarial de 24,5 por cento, que reponha o poder de compra perdido durante os 16 meses de vigência do anterior ACT, e um subsídio de refeição de 150 escudos, sem descontos. A proposta da administração, que até ao momento se tem mantido intransigente na sua posição, não vai além dos 22 por cento, quantitativo este que foi aceite por alguns sindicatos paralelos do sector, representativos de uma escassa minoria dos cerca de 30 mil trabalhadores dos CTT.

Segundo um dirigente sindical, a abertura da administração ao diálogo constitui «uma importante vitória dos trabalhadores e a confirmação da justeza da atitude dialogante que a FCT tem mantido até ao momento».

De referir que entretanto a situação nos serviços da empresa continua grave, com milhões de volumes postais por distribuir e numerosas avarias telefónicas por reparar. E mesmo que não se verifiquem mais paralisações, os trabalhadores prevêem que a situação só deverá estar normalizada em fins de Outubro ou princípio de Novembro.

«Pan Am» em crise reduz salários

A companhia aérea «PAN AMERICAN», pressionada pelos bancos a resolver os seus problemas financeiros, pediu aos seus 1.300 empregados da Grã-Bretanha que aceitem cortes salariais de 10 por cento.

Um funcionário sindical disse que os empregados ingleses da companhia norte-americana foram informados de que poderá haver despedimentos, caso os cortes não sejam aceites.

O vice-presidente para o pessoal da empresa, Martin Shugrue, afirmou que os cortes ajudariam a companhia aérea, a realizar um programa de sobrevivência financeira aceitável pelos bancos, que deram à PAN AM» um prazo até meados de Setembro, para a apresentação do projecto.

A companhia vendeu recentemente a sua cadeia mundial de hotéis, uma venda destinada a pagar dívidas e a aguentar a «PAN AM» por mais seis meses.

Congresso dos Metalúrgicos

Vai realizar-se de 5 a 7 de Dezembro no Clube de Pessoal da Siderurgia Nacional, em Paio Pires, o II Congresso da Federação dos Sindicatos da Metalúrgia, Metalomecânica e Minas de Portugal, estando marcada para 10 de Setembro uma reunião do respectivo secretariado, destinada ao acerto de todas as acções preparatórias e garantir a participação democrática dos trabalhadores, segundo revelou uma fonte sindical.

O mesmo informador disse igualmente que o anteprojecto do programa de acção do Congresso será divulgado aos trabalhadores do sector na primeira semana de Setembro.

A Federação da Metalurgia, Metalomecânica e Minas de Portugal representa 82 por cento dos trabalhadorea da metalurgia e metalomecânica. No sector mineiro e de acordo com dados fornecidos por aquela organização, a representatitividade é de mais de 90 por cento do total dos trabalhadores na estrutura sindical do Sul e de cerca de 75 por cento no do Norte.

Conserveiros de Setúbal analisam a crise e solidarizam-se com os desempregados do sector

O Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Conserveiras do Distrito de Setúbal levou a efeito plenários de trabalhadores conserveiros em todas as fábricas da cidade de Setúbal, durante os quais foi analisado o problema do desemprego motivado pela actual crise no sector, que conduz à paralisação e encerramento de algumas empresas.

Num comunicado agora divulgado, aquela organização sindical afirma que «este facto provocou da parte de todos os trabalhadores um solidário protesto pela falta de medidas governamentais que travem de imediato uma crise que agravará necessariamente a economia nacional e atirará os trabalhadores conserveiros para o desemprego, engrossando ainda mais o já tão vasto caudal de desempregados».

O documento diz ainda que os trabalhadores apelaram para que «as suas entidades patronais admitam nas fábricas em laboração os trabalhadores actualmente desempregados, por um lado pondo termo à dramática situação em que os mesmos se encontram e por outro respondendo às exigências das fábricas, no que respeita à falta de mão-de-obra».

Idêntico apelo foi feito pela direcção do Sindicato aos industriais de Setúbal.

Desempregados de Portel contra projecto governamental

Trabalhadores agrícolas desempregados do concelho de Portel repudiaram ontem naquela vila o projecto do Governo com vista ao combate ao desemprego no sector.

Concentrados na Praça Miguel Bombarda, os desempregados consideraram que o referido projecto pretende encobrir «a sabotagem económica que os grandes agrários estão a praticar em terras do Alentejo contra a economia macional».

Depois de declarar que o projecto se reveste de formas «improvisadas e demagógicas para enganar o Povo e o País», os manifestantes afirmaram que o mesmo não serve os interesses dos desempregados nem os interesses nacionais.

Durante a concentração, promovida pelo Sindicato Agrícola do Distrito de Évora, foi anunciada para amanhã nova manifestação com o mesmo fim em Vendas Novas.

Químicos do Centro contra a carestia

«Tal como o MSU havia previsto, o Governo logo após as eleições e contrariamente às promessas de uma melhoria das condições de vida dos portugueses iniciou uma política de agravamento dessas condições», sublinha uma moção de repúdio e protesto contra o aumento do custo de vida, aprovada pelo Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Químicas do Centro e Ilhas.

O documento, depois de referir os produtos essenciais que têm vindo a sofrer sucessivos aumentos, faz alusão aos anunciados aumentos no combustível, de que resultarão a partir de Setembro «um aumento de electricidade em cerca de oito por cento e dos transportes em 16 por cento».

A moção exige «que cessem os entraves do patronato e seu Governo à contratação a fim de que seja reposto e melhorado o poder de compra dos trabalhadores» e que seja dada «satisfação integral das reivindicações apresentadas já há meses pela CGTP/IN como forma de melhorar as condições de vida» dos portugueses.

Martinho da Conceição Oliveira

CABO DA ARMADA MILITAR DE ABRIL

No 1.º aniversário da sua morte a família e os amigos realizam uma romagem à sua campa no cemitério do Monte de Caparica pelas 11 horas do próximo dia 30 de Agosto.

Use sempre o cinto de segurança

circular é viver.

TRIBUNAL DO TRABALHO DO BARREIRO

ANÚNCIO

2.ª Publicação

O Doutor António Luís Soares de Andrade, Juiz de Direito do Tribunal do Trabalho do Barreiro.

Faz saber, que pela 1.ª secção do Tribunal do Trabalho do Barreiro, correm seus termos uns autos de Contrato Individual de Trabalho com processo sumário registados sob o n.º 565/78 em que é autor: OLÍMPIA RIBEIRO, residente na Rua Almirante Reis n.º 82 -Palhais-Barreiro, e Re: SOMOSA Sociedade de Mosaicos e Construções Metálicas, SARL, com última sede conhecida na Quinta dos Moinhos — Palhais-Barreiro e neles correm éditos de TRINTA DIAS, citando a Ré acima identificada para, no prazo de OITO DIAS findo o dos éditos, contados estes a partir da segunda e última publicação do anúncio contestar a referida acção sob pena de não o fazendo ser condenado no pedido.

O pedido do Autor é do montante de 81 759$40.

O duplicado da petição inicial encontra-se à disposição da citanda na secção acima indicada.

Para constar se lavrou o presente e outros de igual teor que serão afixados nos lugares que a lei determina.

Barreiro, 25 de Junho de 1981

O Juiz de Direito
a) António Luís Soares de Andrade,

O Escrivão-adjunto
a) Afonso Diogo Monteiro da Costa

CURSOS DE VERÃO EM PORTUGAL E INGLATERRA

Verão é o tempo de férias e de descanso!
É a melhor altura para passar algumas horas do dia a aprender ou a aperfeiçoar o seu Inglês, Francês ou Alemão.

- Cursos Intensivos mensais em Julho, Agosto e Setembro.
- 24 ou 40 aulas por mês.
- Aulas de 50 minutos.
- Horários a escolher de manhã, à tarde e à noite.
- Grupos para adultos, estudantes e crianças
- Lisboa, Benfica, Almada e Porto.
- Inscrições limitadas.

CAMBRIDGE SCHOOL
INSTITUTO DE LÍNGUAS

A **Cambridge School** também lhe oferece a oportunidade de passar algumas semanas na Universidade de Kent, em Canterbury, onde **Linguarama/Cambridge** organiza cursos intensivos de Inglês numa agradável atmosfera internacional.

Para inscrições e mais informações contacte-nos já, para:

LISBOA:
AV. DA LIBERDADE, 173-1º
TEL. 554780 - 554789 — 1200, LISBOA
AV. DA LIBERDADE, 173-4º
TEL 41352 - 576030 - 1200, LISBOA
AV. GUERRA JUNQUEIRO, 8-1º DIR — TEL. 884544 - 899601 — 1000, LISBOA
BENFICA:
EST. DE BENFICA, 729-5º DIR. — TEL 704329 - 703638 — 1500, LISBOA
ALMADA:
PRAÇA DO M.F.A., 12-1º TEL 2760234 — 275 32 18 — 2800 ALMADA
PORTO:
RUA DUQUE DA TERCEIRA, 381-1º — TEL. 560380 - 561130 — 4000, PORTO

As Secretarias funcionam ininterruptamente das 9 às 21 horas.

APA - CS 1/80

DESPORTO

Belmiro, Ruas, Adelino e Zeferino, quatro «mosqueteiros» no «Mundial»

Ciclismo

Portugal a caminho do mundial com bicicletas emprestadas

Manuel Zeferino e Belmiro Silva (FC do Porto) e Alexandre Ruas e Adelino Teixeira (Lousa) são os ciclistas portugueses que participarão no Mundial de Ciclismo (prova em linha) e que seguiram esta manhã para a Checoslováquia.

Uma particularidade curiosa, demonstrativa do improviso que persiste em marcar o nosso desporto e neste caso particular o ciclismo, é que os nossos ases do pedal correrão em bicicletas emprestadas por uma firma da especialidade. É como se uma nossa selecção de futebol fosse jogar lá fora com calções e botas emprestadas. Ou não será?

RDA de parabéns

A Alemanha Democrática venceu a prova de cem quilómetros contra-relógio por equipas, na categoria de amadores, na jornada inaugural do Campeonato Mundial de Ciclismo, que decorre em Praga.

A selecção da RDA cobriu o percurso em uma hora 59 minutos e 16 segundos, contra 2.02.06 horas da União Soviética e 2.02.28 da Checoslováquia.

A RDA, que foi a única equipa a fazer menos de duas horas, comandou desde o início, conseguindo a média horária de 50,360 quilómetros.

A equipa era constituída por Falk Boden, Bern Drogan, Mario Kummer e Olaf Ludwig.

Classificação final da prova de cem quilómetros contra-relógio por equipas, na categoria de amadores, a contar para o Campeonato Mundial de Ciclismo, disputado em Praga: 1 – RDA, 1.59.16 horas; 2 – URSS, 2.02,06; 3 – Checoslováquia, 2.02,28; 4 – Holanda, 2.03,37; 5 – Itália, 2.03,57; 6 – França, 2.04,46; 7 – Noruega, 2.05,30; 8 – Suécia, 2.05,35; 9 – Bélgica, 2.05.43 e 10 – Jugoslávia, 2.06,11.

Luís Teixeira 2.º no Brasil

O português Luís Teixeira classificou-se em 2.º lugar na primeira etapa da Volta da Independência em Bicicleta, competição que liga São Paulo a Brasília em 12 dias.

Teixeira cobriu os 110 quilómetros entre São Paulo e Americana em três horas e 35 segundos, apenas mais cinco segundos que o vencedor, o argentino Juan Carlos Haedo.

Na 3.ª posição classificou-se o brasileiro Laercio Ipojuca, com 3.00,40 horas.

As classificações dos restantes ciclistas da equipa portuguesa da Coelima não foram divulgadas.

Hinault vai mesmo defender título de campeão mundial

O francês Bernard Hinault, três vezes vencedor do «Tour», confirmou que defenderá o título de campeão mundial profissional de estrada, domingo em Praga, apesar de uma lesão numa perna.

Hinault abandonou segunda-feira o Grande Prémio de Plouay devido a uma inflamação numa tíbia e consultou um especialista que foi de opinião que a lesão pode estar curada antes de domingo.

«Mesmo que a cura não seja completa, participarei na prova, quanto mais não seja para ajudar a minha equipa» – disse Hinault.

O campeão francês acrescentou: «Os especialistas pensam que as dores desaparecerão dentro de dias.»

«Se não fosse a lesão, estaria numa forma soberba» – disse Hinault, que domingo vai tentar repetir a façanha do belga Eddy Merckx que em 1974 ganhou o «Tour» e o Campeonato do Mundo.

Amadorismo em debate

O amadorismo é uma velha questão olímpica. Estarão os actuais dirigentes do movimento próximos da solução? O problema reside fundamentalmente na definição de quem é e quem não é profissional em desporto. O Comité Olímpico Internacional (COI) estuda laboriosamente a questão, de modo a tê-la concluída nos Jogos Olímpicos de 1984, em Los Angeles, Califórnia.

Alguns membros do COI já defenderam a suavização dos actuais regulamentos, mas o organismo dirigente do olimpismo parece hesitar sempre no momento de se pronunciar, como que recordando o antigo presidente Avery Brundage e a sua cruzada por uma determinada noção de amadorismo.

A Federação Internacional de Atetismo encaminha-se entretanto para alterações directas nos regulamwntos. Em suma, procura uma fórmula que a preserve como federação amadora, mas que abra os torneios a atletas que recebem «por baixo da mesa», situação que ninguém nega existir.

A questão surgirá, finalmente, no Congresso Olímpico que se reunirá em Setembro em Baden-Baden, Alemanha Federal.

Mas não há dúvida de que reformas andam no ar.

Juan António Samaranch, presidente do COI, é um conhecido simpatizante de regulamentos mais abertos quanto à situação de amadorismo ou profissionalismo. A Federação Internacional de Atletismo, receosa de perder o controlo da modalidade a favor dos organizadores dos torneios, tem procurado desesperadamente adaptar-se às novas realidades.

Sabe que as principais vedetas do atletismo podem exigir dinheiro para participarem em torneios, mas não quer classificá-los de profissionais e perdê-los.

John Holt, director executivo da federação, afirma: **Não queremos que a modalidade seja conquistada pelos organizadores de provas, somos uma federação amadora e são amadores no verdadeiro sentido da palavra a grande maioria de atletas sob nosssa jurisdição.**

«Mas há «estrelas», atletas que arrastam multidões e sabemos que lhe são oferecidas somas pela sua participação. Eles são importantes para o desporto e queremos que fiquem connosco. Por isso procuramos uma fórmula de compromisso», acrescenta o dirigente do atletismo internacional.

Uma comissão especialmente criada para estudar a questão do estatuto do amadorismo ofereceu ao conselho executivo da federação uma fórmula de compromisso. Isso aconteceu na recente reunião do Cairo, mas nenhuma decisão foi tomada, aguardando-se o congresso de Roma.

Alguns dirigentes da federação de atletismo apoiam a fórmula da Federação Internacional de Esqui, que permite que os atletas aceitem prémios monetários segundo as disposições das respectivas federações nacionais, que mantêm a discrição sobre quanto pagam aos esquiadores.

O neozelandês Lance Cross, membro do executivo do COI, disse recentemente: «Eu era um forte adversário de qualquer tipo de pagamento, mas mudei de opinião pela confusão que tem resultado de todo este assunto».

Se um conservador como Cross, já não se opõe aos pagamentos a atletas, então poder-se-á estar seguro de que outros no COI estarão a pensar do mesmo modo.

SINDICATO DOS TRABALHADORES DA CONSTRUÇÃO, MADEIRAS E MÁRMORES DO DISTRITO DE SANTARÉM

ASSEMBLEIA ELEITORAL CONVOCATÓRIA

Nos termos dos Art.ºs 38.º, alínea a) e 39.º, n.º 1 dos Estatutos, convoco a ASSEMBLEIA GERAL ELEITORAL a reunir no dia 7 de OUTUBRO DE 1981, com início às 9 horas e encerramento às 19 horas, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS:

Ponto Único — ELEIÇÃO DOS CORPOS GERENTES DO SINDICATO PARA O TRIÉNIO DE 1981/1984

Nos termos do Art.º 7.º do Regulamento Eleitoral, a apresentação de candidaturas só poderá fazer-se até ao dia 7 de Setembro de 1981.

Para exercer o direito de voto é necessário a apresentação do cartão de sócio.

Santarém, 24 de Agosto de 1981

O Presidente da Assembleia Geral
António Farinha da Rosa

Câmara Municipal do Concelho de Setúbal

AVISO

ADMITEM-SE:

— 1 pintor de 1.ª classe
— 1 carpinteiro de 1.ª classe (de limpos)
— 1 serralheiro de 1.ª classe

A Câmara Municipal de Setúbal, de conformidade com a deliberação de 21-7 aceita candidaturas para os lugares em referência.

As respostas, acompanhadas de currículo detalhado, devem dar entrada na 1.ª Secção-Expediente Geral, desta Câmara Municipal, até 15 dias após a publicação deste aviso.

OFERECE-SE:

— Vencimento correspondente à letra N na tabela do funcionalismo público
— Regalias idênticas aos demais funcionários
— Contrato por 6 meses renovável

EXIGE-SE:

— Experiência profissional

Paços do Concelho de Setúbal, 12 de Agosto de 1981

O PRESIDENTE DA CÂMARA

Francisco Leonel Rodrigues Lobo

Recorde de Mamede "é mesmo"...

A Associação Europeia de Atletismo, com sede em Paris, homologou o recorde europeu dos 10 mil metros estabelecido pelo atleta português Fernando Mamede.

Mamede conseguiu aquela proeza durante o Meeting Internacional Cidade de Lisboa disputado na pista de Alvalade, em 30 de Maio, percorrendo a distância no tempo de 27 minutos, 27 segundos e sete décimos.

O recorde do Mundo pertence am queniano Henry Rono desde 1978 com 27.22,5 sendo a marca de Fernando Mamede a segunda melhor de sempre do «Ranking» Mundial.

DESPORTO

No FC Porto remata-se fora da área. A imagem pertence a um treino, a pensar na deslocação a Belém

Hora de selecção

Juca convoca trinta e dois

A hora de tocar a reunir «para as bandas» da selecção nacional, coordenada por Juca chega já na próxima segunda-feira quando os jogadores convocados, em número de trinta e dois, compareceram à porta da Federação Portuguesa de Futebol. Nesse dia os seleccionados terão sessões de banhos e massagens nas instalações da Luz, pernoitando num estabelecimento hoteleiro de Lisboa, para na Terça-feira, às 10 horas, fazerem um único treino, posto o que retornarão aos seus clubes.

Atente-se no role de convocados:

Benfica: Bento, Pietra, Humberto, Laranjeira, Shéu, Alves, Carlos Manuel, Chalana e Nené. FC Porto: Gabriel, Adelino Teixeira (Teixeira I), Sousa, Rodolfo, Jaime Magalhães (Jaime II), Costa e Romeu. Sporting: Inácio, Eurico, Carlos Xavier, Oliveira, Jordão, Manuel Fernandes e Freire. Portimonense: Delgado, Amílcar e Valter. Vitória de Guimarães: Gregório e Festas. Vitória de Setúbal: Amaral. Boavista: Matos. Sporting de Braga: Dito. Belenenses: Djão.

Justiça federativa: não há relatórios mas jogadores ficam suspensos

Os jogadores a quem foram mostrados cartões vermelhos na primeira jornada do nacional de futebol estão suspensos automaticamente, por não ter dado entrada na federação qualquer dos relatórios dos oito jogos.

O conselho de disciplina da FPF ontem reunido informou que, apesar de sucessivas diligências junto dos CTT, não foi possível encontrar qualquer correspondência, adiando para a próxima quarta-feira as deliberações sobre os relatórios.

Na jornada inaugural do campeonato foram exibidos cinco cartões vermelhos aos jogadores Padrão, Alhinho, Pinto da Rocha e Cepeda (Belenenses) e Manuel Fernandes (Sporting), que não podem actuar na jornada do fim-de-semana.

Na sua reunião o Conselho de Disciplina puniu com um jogo de suspensão o futebolista Narciso (Vitória de Guimarães), por infracção cometida em jogo particular na Póvoa do Varzim.

Outro jogador castigado com uma suspensão foi o varzinista Lima Pereira. No âmbito das advertências foram «contemplados»: Carlos Manuel (Benfica), Carlos Xavier (Sporting) e Eurico (Sporting), por actos praticados no 2.º Torneio Internacional de Lisboa. Carlos Manuel tem ainda uma repreensão por escrito relativa ainda ao Torneio de Lisboa indo outra para o Vitória de Guimarães punindo comportamento num jogo particular disputado em 15 de Agosto.

Benfica deu 6

Um «onze» do Benfica onde sobressaía Bento, deslocou-se à Golegã (terra natal do guarda-redes «encarnado») para jogar com uma selecção do Distrito de Santarém, assinalando a iluminação do Parque Municipal das Adamas. Integrando entre outros Bento, Álvaro, Bastos Lopes II, Alhinho, José Luís, Jorge Gomes, Paulo Campos e Cavungi, o Benfica encontrou vitória fácil (6-0). Apitou Raul Nazaré.

Kuwait com mau perder

A selecção do Kuwait (a estagiar entre nós) bateu-se, ontem, com o Barreirense e mal. É que os homens de outra margem deram 4-1 aos árabes. O facto do Kuwait não ter jogado nada ainda é o menos o pior é que a partida nem chegou a terminar uma vez que o mau génio dos jogadores estrangeiros não permitiu. O árbitro Marques Pires tomou a decisão de cancelar o jogo a quatro minutos do final, depois mesmo, de um jogador do Kuwait tentar arrancar-lhe um cartão da mão

Olhanense finalista

O Olhanense vai à final do Torneio de San Fernando para que ficou apurado ao vencer por penalties (4-3) o Chiclana da 3.ª Divisão espanhol.

FC Porto treinou com Sanjoanense

O FC Porto derrotou por 1-0, em S. João da Madeira, a Sanjoanense, em jogo-treino.

Óscar é do Farense

Óscar, (ex-Académico de Coimbra) assinou ontem por um ano pelo Sporting Farense pondo-se assim termo às especulações que vinham fazendo crer que o jogador ingressaria no Espinho.

Torneio de Antequera

"Lusitanos" (de Évora) dão goleada

Ramalho com três tentos e Zé Chico com dois foram os principais marcadores do Lusitano de Évora na goleada de 10-1 infligida ao Kenitra de Marrocos no segundo jogo do Torneio de Antequera.

Ao intervalo a equipa portuguesa vencia já por concludente 5-1, tendo os seus golos sido apontados por Ramalho (3), Custódio e Zé Chico. O tento do Kenitra foi marcado por Houat.

No segundo tempo Zé Chico, Zorrinho, Bolota, Leonel e Pinto ampliaram a marca fixando o resultado que traduz o domínio total dos portugueses frente a uma equipa ingénua que, ainda, por cima, chegou ao campo com meia hora de atraso.

Equipas: Lusitano: Gaspar; Zorrinho, Pio, Zambujo, Leonel, Matau, Zé Chico (Caldeira), Filipe (Bolota), Custódio, Ramalho (Pinto) e Alfredo (Januário).

Kenitra: Boujlal; Tami (Doua), Sioui, Aradi, Rouhi, Abdallah, Ajali, Nourtine (Halli), Kallal, Houat e Mansour (Abdelkader).

Hoje disputa-se o último encontro do torneio entre o Antequerano e o Lusitano de Évora.

Atlético de Madrid capotou com as Honduras

O Atlético de Madrid, adversário do Boavista na primeira eliminatória da Taça UEFA, perdeu por grandes penalidades (2-3) com a Selecção das Honduras na primeira jornada do Torneio Villa Madrid de Futebol.

No final do tempo regulamentar as equipas encontravam-se empatadas a um golo.

Ruiz colocou o Atlético a vencer aos 62 minutos, mas Caballero repôs a igualdade sete minutos depois.

O público vaiou insistentemente a equipa madrilena e sublinhou com aplausos a exibição da Selecção das Honduras, uma das equipas qualificadas para o Torneio Hexagonal da Concacaf de qualificação para o Mundial-82.

Menotti: os meus rapazes têm de exceder-se

A selecção argentina de futebol chegou a Roma procedente de Madrid, viajando de imediato para Florença, onde os campeões do mundo defrontam o Fiorentina, da 1.ª Divisão italiana.

O jogo com o Fiorentina é o terceiro da digressão da Argentina pela Europa, depois dos triunfos sobre as equipas espanholas do Valência (1-0) e do Hércules Alicante (2-0).

O seleccionador César Menotti afirmou aos jornalistas em Roma que os próximos jogos com o Fiorentina e o Barcelona **vão dar indicações mais precisas sobre o valor real da equipa.**

Contra jogadores como Antognoni, Graziani e companhia, disse Menoti, **os meus rapazes têm que exceder-se se quiserem vencer.**

A equipa de Florença, como as outras turmas da 1.ª Divisão italiana, encontra-se ainda na fase de preparação para o campeonato, que tem início em 13 de Setembro.

Lokomotiv vence para a Taça das Taças

O Lokomotiv de Leipzig, RDA, venceu o Politechiica Timisoara, Roménia, 5-0, em jogo da segunda mão da eliminatória premilinar da Taça dos Vencedores das Taças.

O Lokomotiv, que no jogo da primeira mão vencera também por 2-0, ficou apurado para a primeira eliminatória, onde defrontará o Swansea do País de Gales

Com o Chile: Brasil dominou mas não fez golos

As selecções do Chile e do Brasil empataram a zero golos em jogo particular disputado no Estádio Nacional de Santiago.

O jogo agradou aos milhares de adeptos que quase esgotaram a lotação do estádio e as duas equipas, que já se encontram qualificadas para a fase final do «Mundial-82», praticaram um futebol aberto e com constantes situações de golo.

Os brasileiros dominaram mais tempo mas não conseguiram concretizar o seu maior ascendente devido à falta de pontaria dos seus avançados e à exibição do guarda-redes chileno Mario Osben, que foi o melhor jogador em campo.

A selecção local também desperdiçou algumas ocasiões de tento e na verdade os golos foram a única coisa que faltou num encontro que teve vários motivos de agrado e que foi disputado com grande correcção de ambos os contendores.

Sob a arbitragem do espanhol Augusto Lamo, as equipas alinharam:

Chile: Osben, Garrido, Gatica, Soto e Bigorra; Rojas, Dubo e Neira; Herrera Caszely e Veliz (Bonvallet).

Brasil: Waldir Perez; Edevaldo, Julinho, Edinho e Júnior; Sócrates, Toninho Cerezo e Zico; Paulo Isidoro, Baltasar (Robereto) e Eder.

Segundo estudo da UEFA

Público nas competições europeias diminuiu

O número de espectadores nos jogos das competições europeias na temporada de 1980-81 diminuiu acentuadamente em relação à anterior, revela um estudo publicado pela União Europeia de Futebol (UEFA).

Nas partidas da Taça dos Campeões Europeus registou-se uma quebra de 3,92%, ou seja, menos cerca de 67 mil espectadores, enquanto que nas da UEFA o retrocesso foi maior pois assistiram menos 735 432 do que na temporada 1979-80.

Em contrapartida apurou-se uma subida de 46 113 no número de espectadores na Taça dos Vencedores das Taças.

Nesta competição um dos jogos foi disputado à porta fechada (West Ham-Castilha), mas por outro lado realizaram-se mais dois encontros que na temporada anterior.

O estudo da UEFA atribui a menor afluência de público ao facto de equipas cotadas como o Barcelona, o Manchester United, o Hamburgo, a Juventus e o Dinamo de Kiev terem sido afastadas nas primeiras eliminatórias.

O facto de equipas que dispõem de recinto com lotação pequena, como o Sochaux, o AZ 67 e o Ipswich terem chegado às finais das competições é outra das causas, segundo a UEFA, da baixa acentuada de espectadores.

assim vai o TOTOBOLA

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 2 DE 30 DE AGOSTO 1981

Rádio Totobola, X21 112 111 XX11; Correio de Coimbra, X21 11X 111 221X; Correio do Vouga, X21 11X 111 22X2; Diário de Lisboa, XX1 11X 111 X112; Notícias de Évora, X21 11X 111 XX1X; A Voz do Domingo — coluna desportiva, X21 111 111 1X1X; Grafanola Ideal, 1X1 12X 111 2212; Jornal 1X2, X2X X12 111 X11X; A Voz do Domingo — palpitações, X21 X1X 111 XXXX; Alvo Desportivo, 221 111 11X 21X1; O Comércio de Leixões, X21 11X 111 X212; Estúdio 64, 111 111 111 1111; Jornal da Graça, 221 112 111 XX1X; Jornal de Notícias, 221 11X 111 X21X; Manchete Desportiva, X21 11X 111 X11X; Penalty, 121 111 111 1X12; O Primeiro de Janeiro, X21 11X 111 XX12; Quadrante Norte, 2X1 111 111 2X11; Rádio Alvo, XX1 112 11X 2X11; Rádio Placard, 2X1 11X 111 X21X; Rádio Sports, 211 111 111 1111; Repórter do Dia, 221 11X 111 X1X2; Resenha Desportiva, 221 11X 111 X11X; A Voz dos Ridículos, X21 X1X 111 1112; Jornal o Porto, 211 X1X 1X1 221X; Jornal a Voz do Ave, 21X 1X1 11' 1111 e RDP/Programa Desportivo, X21 111 111 XX12.

	R E S U M O			B O L A S		
	1	X	2	1	X	2 a)
1. BELENENSES - PORTO	3	14	10	1	6	5
2. A. VISEU - SPORTING	4	5	18	2	2	8
3. BRAGA - RIO AVE	25	2	0	11	1	1
4. SETÚBAL - ESTORIL	23	4	0	10	2	1
5. PENAFIEL - AMORA	25	1	1	10	1	1
6. ESPINHO - GUIMARÃES	8	15	4	4	6	2
7. BOAVISTA - U. LEIRIA	27	0	0	12	1	1
8. BENFICA - PORTIMONENSE	26	1	0	11	1	1
9. ARSENAL - STOKE CITY	25	2	0	11	1	1
10. COVENTRY - MANCHESTER U.	6	14	7	3	6	3
11. MIDDLESBROUGH - TOTTENHAM	10	10	7	5	5	2
12. NOTTINGHAM - SOUTHAMPTON	23	4	0	10	2	1
13. WOLVES - LIVERPOOL	7	11	9	3	5	4

a) - Nos termos do Artº 14º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.-

A "CHAVE" LÓGICA SERÁ:

X21 11X 111 X1ouX1X

crónica de touros

SOLILÓQUIO

Missão secreta em Olivença

Praça de Touros de Olivença. Domingo, 16 de Agosto de 1981.

Novilhos de Luís Albarran para Vítor Mendes, Salvador Marin e José Valência.

Em cumprimento das ordens superiores, o abaixo não assinado agente deslocou-se a Olivença no passado dia 16 de Agosto, com o objectivo secreto de recolher, por observação directa, todos os elementos necessários à urgente elaboração do plano de conquista da vila. Uma vez que os castelhanos permanecem teimosamente insensíveis à voz da razão, e perante a lamentável indiferença de muitos portugueses, terá de ser a força o instrumento minoritário dessa conquista, com a qual voltará não só o torrão pátrio a ficar completo, mas também a honra nacional devidamente limpa – digna de antepassados como esse ilustre deputado Navarro que, ainda há poucas dezenas de anos, da Assembleia Nacional exortava os legionários a partirem em direcção à Russia, «afim de esmagarem o urso moscovita em seu prórpio covil».

Aliás, como primeira e antecipada conclusão do presente relatório, desde já esclarece o signatário ter verificado que Olivença fica muito mais perto que o aludido covil, dispensando ainda a necessidade de padecer de neves e frios, salvo o dumas «granizadas» para matar o calor, e que ali se fazem de primeira ordem, pelo que respeitosamente se sugere que tal actividade seja mantida após a ocupação, embora com o nome logicamente traduzido para carapinhada.

Considerando que a primeira qualidade do agente secreto é a fértil imaginação, utilizou-se um estratagema que se julga inédito na história da espionagem: tendo seleccionado o dia em que na vila se celebra a corrida de feira, o signatário fez a viagem disfarçado de crítico tauromáquico. O estratagema resultou em pleno, passando despercebidos o bloco de apontamentos e a esferográfica, usados aliás com parcimónia, já que o abuso no tomar notas podia tornar-se suspeito ao inimigo, tratando-se duma novilhada assim modesta, sem pretexto para grande escrevinhação. Isto sem ofensa para os matadores de fala hispânica, logo potenciais inimigos, que figuravam no cartaz e consta serem excelentes rapazes: mas excelentes toureiros é pouco provável que cheguem a ser.

O Salvador Marin, malaguenho de Fuengirola, mostrou numa qualidade, algumas dúvidas e bastantes «derechasos», sendo de atribuir a orelha que lhe concederam, no segundo, à beleza espectacular da morte do novilho, que no ímpeto duma última arrancada, já cambaleante, pôs o derradeiro alento – quem dera que nossa gente o mostre igual na hora da conquista que a honra pátria nos exige. E do colombiano José Valencia, que toureava a sua primeira corrida em Espanha, chegou o signatário a recear que se tratasse de agente duplo: porque, segundo informação recolhida no «El Sotmo» de Badajoz, se o rapaz tem nas veias, trazida dos avós, sangue do castelhano inimigo, é em Vila Franca de Xira que vive e faz amigos, enquanto pelas tentas da lezíria se aclimata para a luta das arenas, em que fatal lhe saiu esta primeira escaramuça: só alguma planta e luzimento, mas pouco, ao bandarilhar com Vítor Mendes o sexto, sozinho na faena foi aquilo qu se viu, pôr água no trapo, trocar de espada, trocar de muleta, o mal não era da falta de água, nem da muleta, era do desassossego de quem a segurava.

No planeamento da Tourada de Olivença, digo, da tomada de Olivença, a referência a estes «Tourillos» desconhecidos, como mal a evitar, não se fundamenta em privá-los duma oportunidade, mas a impedir as consequências da sua presença no cartaz, caso venha a ser seguida a proposta do GIO (Grupo dos Invasores de Olivença), segundo a qual o Dia D deverá ser o da corrida da feira do ano que vem. A ser assim, e salvo melhor opinião, convirá contratar novilheiros «punteros», para que os habitantes da vila e arredores acudam em peso à praça, permitindo a correcta execução do plano, segundo o qual bastará então fechar as portas, encerrando lá dentro toda a gente, incluindo o alcaide.

Por outro lado, o cartaz deverá incluir, na terna de matadores, um português, para que se possível fiquem os lusitanos em maioria, no momento adequado possam assustar os espanhóis com o grito de guerra «Olivença é nossa!». O problema é que, segundo a informação obtida, haverá dificuldade em arranjar um novilheiro nacional com suficiente cartaz, uma vez que Vítor Mendes tem a sua alternativa, em Barcelona, anunciada para o próximo dia 13 de Setembro. Um recurso seria talvez apelar ao sentimento patriótico do rapaz, levando-o a adiar o doutoramento: não se diria que era para poder tourear a novilhada da próxima feira de Olivença, o que se tornaria suspeito, apresentando-se em vez disso o argumento de que ainda não está em condições de triunfar como matador de touros, o que além de bom pretexto teria um certo fundamento, pois na muleta voltou a estar sem o suficiente poderio, não colhe a desculpa do próprio toureiro («a corrida saiu má»), nem o engano de seu diligente peão de confiança Paco Domingues («uma novilhada muy dura») – pois que corridas de touros, bem mais duras do que este curro de Luís Albarran, irá encontrar na sua carreira de matador, se nela conseguir abrir caminho.

Ao pretexto que sugerimos, respondem alguns que Vítor Mendes está mais que «placeado», que chega à alternativa em terceiro lugar na escala dos novilheiros, com quarenta corridas toureadas por Espanha e França, e que nesta tarde Olivença mostrou estar a léguas dos seus alternantes, no sítio, nas faculdades e na confiança.É certo. Mas, pelo que vimos nesta corrida, e apesar da orelha que cortou, este Mendes vulgar, salvo num bonito quite por orticinas no primeiro, e nalguns detalhes do estar na praça em Toureiro: como quando esperou, sentado no estribo, a saída do quinto, um novilho cornalão e com poder, em que «Mejorcito» pôs três varas, citando com garbo, duas delas bem no alto. Mas no resto, além de se aliviar um tanto em bandarilhas, e de alinhar no uso da espadita de madeira, faltaram o temple, a entrega, o oferecer a pança da muleta em vez da ponta de fora; e aqui e ali sobejou a sobrancería, como naquele gesto inútil, na volta à arena, ordenando a um peão que da arena recolhesse o chapéu que a seus pés, e não longe, acabava de cair. Como se, no rito do toureio, à majestade se pudesse chegar pelo caminho da soberba.

Tudo visto e ponderado, e até por ser pouco provável que Vítor Mendes altere a anunciada alternativa, considera-se prudente que seja revista a proposta do Dia D, até porque, a ter lugar em coincidência com a corrida, acresce um inconveniente de certa monta: com o elevado número de portugueses não combatentes que nesse dia sempre acorrem a Olivença, mesmo sem considerar o rancho folclórico que este ano veio de Tomar para maior brilho dos festejos, haverá grande dificuldade em encontrar sítio, nas ruas da vila, para o estacionamento dos carros das nossas forças – a menos que estas, na evidente impossibilidade de atacarem pelo mar, como seria desejável, aceitem deslocar-se a pé, mediante pagamento dum subsídio para meias solas, e oferta de refrescos à chegada, para o que se sugere um clube situado logo à entrada da alameda principal, e onde a cafetaria está vedada aos não-sócios que sejam residentes em Olivença, pelo que ali poderão entrar sem reparos os forasteiros.

Como sugestão final, a encerrar o presente relatório, propõe-se que os elementos do GIO (Grupo de Invasores de Olivença) que participarem na histórica reconquista, venham todos vestidos de forcados, como forma de afirmar, logo à chegada, que aquilo passou a ser mesmo terra nossa, acabaram os touros de morte, essas corridas que não são corridas não são nada só duram duas horas, o povo irá ter, entre outras vantagens, a corrida à portuguesa, paga-se o mesmo dinheiro e dura muito mais tempo, e ainda por cima com o benefício dum intervalo para cada um tratar das suas necessidades, os direitos humanos acima de tudo.

No Centro Cultural de S. Lourenço, em Almansil

Exposições de Carmo Esteves e João Cutileiro

No próximo dia 30 de Agosto inauguram-se em Almansil, no Centro Cultural de S. Lourenço, as exposições de Carmo Esteves (tapeçarias extremamente originais e cuidadas) e de João Cutileiro (que expõe algumas dezenas de obras e esculturas em pedra). Estas exposições, são mais um pretexto para o leitor visitar o Centro Cultural de S. Lourenço, criado por um casal de estrangeiros de há muito apaixonados pelo Algarve e que aí, junto da igreja de S. Lourenço, em Almansil, restauraram carinhosamente um conjunto de arruinadas e abandonadas casas populares, transformando-o em lugar de arte. O nosso estimado colaborador José Augusto França descrevia-o nas colunas deste jornal em Maio passado. Eis as suas palavras:

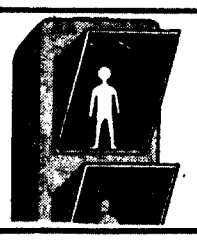
«Ora trata-se de uma correnteza de casas rústicas, uma delas datada do fim do século mas provavelmente anteriores, umas ou outras, portas e janelas simples, articulação de volumes pela subida acima, um portão ao princípio, um pátio, um grande quintal para trás, ainda à espera de verdura. Tudo em andares térreos, com a autenticidade bem preservada.

E aí a primeira qualidade do «Centro»: o ter adaptado as casas velhas existentes a uma utência nova sem lhes alterar a estrutura e mantendo-lhes a imagem. O pátio da entrada lateral, esse é de invenção mas, vendo o espaldar recortado que lhe faz fundo com o seu largo estrado de tijoleira, pergunta-se o visitante se se trata de alguma fonte rural ali existente já, de tempos antigos. Trata-se, na verdade, de um cenário de fundo, estudado para o efeito acústico, e o largo degrau anterior é um palco para concertos ou o que for.

Todo o arranjo do pátio das casas é, em grande parte, devido ao decorador teatral londrino Henry Bardon, famoso pelas suas obras já vistas em Lisboa, na Fundação Gulbenkian, quando se montou «Iphigenic em Takride» e «The Fairy Queen». Decoração não é só arquitectuara mas a discrição do artista permitiu-lhe ligar uma coisa à outra sem quebra de propósito e disso tirar o partido óptimo.

As casas sobem pela rua e, do lado de trás, sobem também os pátios, criando espaços praticáveis sobre o de entrada, com uma franquesa rústica apenas controlada para as exigências funcionais do centro. Ao fim da subida, a igreja que, assim (e não é esse o menor mérito da iniciativa, quando tantas obras por esse país fora têm sido nocivas ao Património), fica protegida e inteligentemente valorizada, numa apresentação que assegura passagem do horrível universo da estrada para o recato campestre de que precisa e ainda estava miraculosamente ressalvado, ao longo de dois séculos e meio – e de uns quinze anos de turismo.

Dentro das casas, na enfiada das salas que se detêm na habitação dos proprietários, uma galeria de exposições de arte.».



NAS PASSADEIRAS

Os peões e os condutores têm de respeitar a sinalização luminosa

circular e viver

depois dos seus exames não perca esta comédia!

venha ver o que o espera se entrar na

TURMA DOS REPETENTES

LES SOUS-DOUÉS

um filme de CLAUDE ZIDI o realizador da série "OS MALUCOS..." com LES CHARLOTS

MICHEL GALABRU · MARIA PACOME

ROMA SENSACIONAL ESTREIA AMANHÃ ROXY

EASTMANCOLOR NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 13 ANOS sacil

TRIBUNAL DO TRABALHO DO BARREIRO

ANÚNCIO

2.ª Publicação

O Doutor António Luís Soares de Andrade, Juiz de Direito do Tribunal do Trabalho do Barreiro.

FAZ SABER, que pela 1.ª secção do Tribunal do Trabalho, do Barreiro, correm seus termos uns autos de Contrato Individual de Trabalho com processo Sumário registados sob o n.º 527/78 em que é AUTOR: MARIA DOS SANTOS MOSCA, residente na Estrada da Palmela no Bairro Juncalinho — Moita.

E RÉ: — SOMOSA Sociedade de Mosaicos e Construções Metálicas, SARL, com última sede conhecida na Quinta das Moinhos — Palhais — Barreiro e neles correm éditos de TRINTA DIAS, citando a Ré acima identificada para, no prazo de oito dias findo o dos éditos, contados estes a partir da segunda e última publicação do anúncio contestar a referida acção sob pena de não o fazendo ser condenado no pedido.

O pedido do autor é do montante de 91 379$00.

O duplicado da petição inicial encontra-se à disposição da citanda na secção acima indicada.

Para constar se lavrou o presentes e outros de igual teor que serão afixados nos lugares que a lei determina.

Barreiro, 25 de Junho de 1981

O Juiz de Direito
a) António Luís Soares de Andrade
O Escrivão-adjunto
a) Afonso Diogo Monteiro da Costa

TRIBUNAL DO TRABALHO DO BARREIRO

ANÚNCIO

2.ª Publicação

O Doutor António Luís Soares de Andrade, juiz de Direito do Tribunal do Trabalho do Barreiro.

FAZ SABER, que pela 1.ª secção do Tribunal do Trabalho do Barreiro, correm seus termos uns autos de Contrato Individual de Trabalho com processo sumário registados sob o n.º 561/78 em que é autor: Maria Isabel Cascalho, residente na Rua Professor Rosa Maria Pinto Lote 9-2.º Dt.º Palhais-Barreiro,

E ré: — SOMOSA Sociedade de Mosaicos e Construções Metálicas, SARL, com última sede conhecida na Quinta dos Moinhos — Palhais — Barreiro e neles correm éditos de TRINTA DIAS, citando a ré acima identificada para, no prazo de oito dias findo o dos éditos, contados estes a partir da segunda e última publicação do anúncio contestar a referida acção sob pena de não o fazendo ser condenado no pedido.

O pedido do Autor é do montante de 73 940$40.

O duplicado da petição inicial encontra-se à disposição da citanda na secção acima indicada.

Para constar se lavrou o presente e outros de igual teor que serão afixados nos lugares que a lei determina.

Barreiro, 25 de Junho de 1981

O juiz de Direito,
a) António Luís Soares de Andrade,
O Escrivão-adjunto,
a) Afonso Diogo Monteiro da Costa,

canal da crítica

MÁRIO CASTRIM

África do Sul perdeu o norte

Não era uma história mágica, nem sequer ao menos uma história em sentido figurado. A bem dizer, não era mesmo uma história, quando por história se entende um habitante do país da ficção.

A palavra **reportagem** fica mais certa. Eis acompanhamos, maravilhados, a evolução de uma criança, deficiente mental, a caminho da consciência de si própria – e de como uma pequena comunidade familiar se organiza para aquela tarefa.

A «reportagem» veio-nos de Inglaterra e desdobrava a sua atenção em três sentidos: a importância da vida familiar na recuperação dos deficientes; a devoção de um médico, para quem a sua actividade tem a ver com a missão e não com o cifrão; e a crítica às estruturas sociais de apoio à recuperação dos deficientes.

Considera-se como pedra de toque essencial para avaliar da justiça numa sociedade, o comportamento desta face ao deficiente.

A sociedade capitalista volta-se, prioritariamente para as fontes de lucro. Para ela, o capital mais valioso não é o Homem, mas o dinheiro.

Assim se compreende o drama dos pais da pequena Debbie: «Que será da nossa filha se nós lhe faltarmos?» interrogam-se na parte final da reportagem. E nessa pergunta está a viva condenação de uma sociedade cuja missão absurda não é proteger os homens, mas explorá-los.

Lamente-se que a rubrica estivesse incluída no espaço geralmente reservado aos mais pequeninos. Tratava-se de um trabalho para jovens e para adultos, cujo caminho não passa pelos programas infantis. Deviam dá-lo na hora de maior audiência. Com emissões destas se fortalece mais e mais a nossa cultura. A consciência de nós próprios é uma tarefa constante. Conhecendo-nos, conquistamo-nos.

Nessa medida considero «País, País» a rubrica de informação mais importante da Televisão portuguesa. Consegue-se, através dela, entender alguma coisa de um ser muito complexo chamado Portugal. As suas carências, as suas festas, mas actividades (ou inactividades) culturais, seus dramas, suas lágrimas e sorrisos, seus passos quotidianos – eis do que se compõe **País, País** servido por excelentes profissionais quer na locução quer na reportagem filmada.

No entanto, uma rubrica tão densa de humanidade portuguesa, tão rica de material da nossa realidade, aparece num horário pobre; o tempo mais rico fica para a pobreza dos «Jogos sem Fronteiras»?

Tão pobre que o cronista não sabe que fazer dela. Falta-lhe qualquer coisa a que podemos, se quiserem, chamar **alma.** Como se, por vinho, nos servissem capilé. Se não fosse um sentimento chamado **nacionalista** (bem mais grave do que **a campionite**) passaria completamente despercebido. Que alguém se sinta infeliz porque Portugal fique em sétimo (e não em oitavo, como por lapso se disse) ou se sinta muito contente porque Portugal fique em primeiro, eis o que não pode encarar-se senão com um sorriso de piedade e de tristeza.

Dentro de quinze dias vai ser a última emissão. Vamos limpar aquilo, com a célebre equipa de Lisboa. Oxalá, a vitória não se venha a converter em motivo de galhofa europeia.

Consta, a propósito, que a equipa de Lisboa vai ser reforçada com a presença do próprio Abecassis. Trata-se de uma arma secreta: os concorrentes estrangeiros põem-se a rir e os portugueses avançam, ganham todas. Bem visto!

Como já se esperava, a invasão de Angola por forças da África do Sul tornou-se no fulcro do Telejornal. Sem grande convicção, aliás, e sem empenhamento efectivo. No que respeita às forças políticas, Telejornal limitou-se a transcrever comunicados – ou seja, foi a reboque dos jornais. Ainda assim, e por exclusão de partes, ficámos a saber que nenhum partido da AD se manifestava a propósito. Têm tempo...

A única iniciativa do **Telejornal** foi entrar em contacto com ambas as partes. De Angola, por um motivo ou outro, não levaram nada. Mas levaram do embaixador de África do Sul.

As declarações do sr. Malan constituem modelo acabado de hipocrisia e de velhacaria política. Por elas se pode ver que é legítima a repressão da Namíbia pela África do Sul, que a SWAPO é uma organização terrorista (!) e que qualquer pretexto (a instalação de mísseis, por exemplo) é bom para uma guerra preventiva contra Angola!

Se a entrevista durasse um pouco mais, ouviríamos, decerto, que os negros são felicíssimos na África do Sul, que o **apartheid** é uma invenção da Rússia e que uma perfeita democracia é aquela que existe no seu país.

A tanto humor negro não se chegou no Telejornal. Mas tudo aponta para que, na RTP, se venha a impor, para este caso, uma posição de «imparcialidade», de «objectividade».

A demonstrar como a RTP está desfasada dos sentimentos mais profundos do povo português.

Hoje

Maria Helena não compreende porque é que o pai ficou assim

18.50 Abertura
18.52 Sumário
18.57 Tempo dos Mais Novos
19.30 País, País
19.50 Res-Pública
20.25 O Tempo
20.30 Telejornal
21.05 Vamos Jogar no Totobola
21.15 «Os Anjos de Charlie»
22.10 «Água Viva»
22.55 Últimas Notícias
23.00 Encerramento da Emissão

Uma cena do filme desta noite «A Melhor Vitória»

20.27 Abertura
20.30 Informação/2
21.00 Noite de Cinema – «A Melhor Vitória».
22.45 Encerramento da Emissão

Amanhã

18.50: Abertura; **18.52**: Sumário; **18.57**: Tempo dos Mais Novos; **19.30**: País, País; **19.50**: Pergunte Connosco; **20.25**: O Tempo; **20.30**: Telejornal; **21.05**: Bernardo Sntareno. Português. Escritor...; **22.15**: «Água Viva»; **22.55**: Últimas Notícias; **23.00**: Encerramento da Emissão.

20.27: Abertura; **20.30**: Informação/2; **21.00**: Sinais do Tempo; **21.30**: Solid Gold; **22.30**: Lugares da Europa; **22.55**: Encerramento da Emissão.

FILMES CASTELLO LOPES 65 apresenta

MARLON BRANDO

no filme de

ELIA KAZAN

VIVA ZAPATA!

A libertação de um povo... uma gigantesca epopeia!

JEAN PETERS · ANTHONY QUINN

Prod. de DARRYL F. ZANUCK Do célebre romance de JOHN STEINBECK

GRUPO C - 14 ANOS

2.ª SEMANA quarteto

GRUPO DE CAMPOLIDE/ACADEMIA ALMADENSE
— T. 275 21 75
GUERRA NÃO, OBRIGADO
B. Brecht
19, 23 e 25 de Setembro, em Brandoa - Damaia - Venda Nova
EM ENSAIOS - A RECTA GUARDA -
de Romeo Correia

CONSTRUÇÕES
RUIVO DO MONTE
UMA CASA À MEDIDA DA SUA BOLSA
CONSULTE-NOS JÁ PELO TEL. 24128 - SETÚBAL. VENDAS TODOS OS DIAS. RUA CIDADE DA BEIRA, LOTE 58-A EM SETÚBAL. RUA DO EITO, N.º 28, 2900 SETÚBAL

Angústia Desespero Solidão
54 45 45 centro S.O.S. voz amiga
uma voz amiga estará contigo

GRUNDIG
qualidade em toda a linha!

1 RTP «Água Viva» (22.10)
«A Melhor Vitória» (20.00) 2 RTP

Além de um programa à escolha oferece-lhe

Água Viva

Resumo do episódio de hoje

Maria Helena explica a Nelson que é verdade Suely estar em Paris, porque esta procurou-a antes de viajar. Nelson, atordoado pela surpresa, pede a Edyr e a Maria Helena que o deixem sozinho. Nelson vai ao apartamento de Bete e lê, comovido, o cartão que Suely mandou para Jáder. Marcos proíbe Janete de posar para Bruno como modelo fotográfico de uma campanha publicitária mas Janete é fotografada por Bruno no estúdio. Celeste procura Lígia e comenta com ela que está preocupada com Miguel, que tem se mostrado tenso na clínica. Márcia vai ao apartamento de Nelson buscar Maria Helena para passear, e vê-se diante de Edyr, que a cumprimenta. É a primeira vez que se encontram, depois da separação.

ASSISTÊNCIA TÉCNICA GRUNDIG
NACIONAL RADIO - Rua B. Jesus Carapa. 17 Carcavelos - Tel. 2112871

ADÓQUE grupo de teatro
L. Martim Moniz - Tel. 874476

Uma revista actual... sempre actualizada!!!

PAGA AS FAVAS

De 3.ª a 5.ª às 21.30
6.ª e Sáb. às 20.30 e 22.45
Dom. às 16 e 21.30
Folga 2.ª feira

Ermelinda • Nicholson • Montez
Natália • Feio • Cremilda

S. R.

Ministério da Indústria e Energia
Secretaria de Estado da Energia e Minas

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Salvaterra de Magos em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP, Zona de Distribuição Alto Alentejo, a que se refere o processo n.º 1/2162 arquivo 95, para o estabelecimento no concelho de Abrantes, de uma linha mista a a 30 KV, com 406 m, parte aérea com 376 m e parte subterrânea com 30 m, doposte n.º 33 da linha para Olho de Boi ao PT dos CTT de Abrantes.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 13 de Julho de 1981.

O Eng.º Director
João Carlos Oudinot Larcher Nunes

roteiro cultural

Música

Carlos do Carmo e José Barata Moura na Castanheira do Ribatejo. Carlos do Carmo e José Barata Moura são alguns dos vários artistas convidados pela Associação de Promoção Social de Castanheira do Ribatejo para participarem nas festas a realizar naquela localidade do Concelho de Vila Franca de Xira entre os dias 29 do corrente mês (sábado) e 1 de Setembro (terça-feira). Carlos do Carmo actuará antes da meia-noite da próxima segunda-feira. José Barata Moura, por seu turno, dará o pontapé de saída à sua «prestação de serviços» ao fim-da-tarde de terça-feira, último dia dos festejos. Além destes artistas destaque para «Pizolizo», «Banda do 2.º Canal» e «Sâmedis» e para os ranchos folclóricos da «Casa do Povo» de Almeirim, «Avieiros», de Vila Franca e o agrupamento da Castanheira. Todos estes ranchos actuarão domingo à noite. Entretanto, as Artes Plásticas, os fantoches, o Teatro, etc., são «condimentos» (sempre necessários para que uma festa seja uma boa festa...) que não foram esquecidos pelos organizadores.

Fausto, Francisco Fanhais e um Rancho Folclórico animarão, dia 30, à noite, a jornada de encerramento do V Festival Cultural e Desportivo de Ferragudo.

Rão Kyao (saxofone e flauta), o organista inglês Mike Carr e o baterista Mário Barreiros encontram-se até ao próximo dia 2 de Setembro a actuar na cave do Restaurante Velha Goa, em Campo de Ourique. Quem quiser ouvir este excelente trio de jazz, desloque-se todas as noites, pelas 22.30, aquele local. Não lamentará a deslocação.

Exposições

Foi ontem inaugurada no Casino do Estoril uma exposição do artista plástico espanhol Ortiz Alfau. Temática predominantemente portuguesa é a que domina a quase totalidade das 46 obras presentemente expostas na Galeria de Arte daquele Casino. O autor, prémio nacional de Espanha em 1977, é considerado pela crítica um dos melhores aguarelistas do seu país. Com efeito, a maioria da crítica vê em Ortiz Alfau um agudo sentido de perspectiva, sentido ao qual se somam qualidade de cromia e transparência assaz soberbas. A exposição do aguarelista estará patente ao público diariamente das 15 às 24 horas até ao dia 6 de Setembro.

Documentos Antigos de Óbidos, tal o título da exposição actualmente patente ao público no Solar da Praça de Sta. Maria, em Óbidos. A exposição encerra no próximo dia 30.

Dança

«Lúcnica» no Parque de Palmela, em Cascais. É já amanhã que se estreará, pelas 21.30, no Parque de Palmela, em Cascais (junto ao Hotel Estoril-Sol), o espectáculo «Lúcnica – Danças e Cantares Eslovacos. Este espectáculo, que conta conta 60 bailarinos, músicos e cantores, será repetido sábado à mesma hora e no mesmo local. A iniciatvia, da Junta de Turismo da Costa do Estoril, integra-se no VII Festival de Música da Costa do Estoril.

Festivais

Festival de Arte Viva em Almada. Artistas vindos da Áustria, Itália, Japão, Bélgica, França, Canadá, Estados Unidos, Holanda e Portugal darão na próxima sexta-feira, em Almada, o pontapé de saída ao Festival Internacional de Arte Viva. Afirmar as potencialidades e a pujançada identidade cultural que nos define como povo capaz de se assumir (inteiramente) em maturidade e originalidade-pôr em prática as novas linguagens plásticas que permitem o contacto directo de largas camadas da população com a criação artística, criar um espaço de acção no qual desapareça a separação artificial entre a arte e o povo, entre o presente e o futuro, entre a esperança e a realidade ao reunir durante uma semana mais de meia centena de artistas nacionais e estrangeiros, cujo trabalho representa ao nível de diversas pesquisas (performance, arte postal, arte video, poesia visual, novos espaços sonoros, dança experimental, pintura, um processo de alcançar o campo do conhecimento, de dar um sentido a humana trajectória e sobretudo de estabelecer o diálogo criador entre artista nacional e estrangeiro – público (espectador) (sem distinção de nível social), são, segundo os organizadores, as várias linhas de força do Festival.

Livros

Lançamento de «Arte Juvenil». Terá lugar na próxima sexta-feira, pelas 21.30, na Comissão de Moradores da Reboleira Norte/Centro (Av. D. José I, n.º 59-A), o lançamento do livro «Arte Juvenil» – colectânea poemas e desenhos dos jovens Ana Adelaide, Custódia Rocha, Fernando Lobo Duarte, Rui Brás e José Paulo.

«Plaza del Comércio – Lisboa» – aguarela de Ortiz Alfau actualmente patente na Galeria de Arte do Casino do Estoril

Serviços Municipalizados de Loures

ADMISSÃO DE PESSOAL

AVISO

Faz-se público que pelo prazo de 15 dias a contar da data da afixação deste aviso, se aceitam inscrições para admissão de 3 serventes, para a exploração de Água, a que corresponde o vencimento mensal ilíquido de esc: 11.500$00, acrescido de 1000$00 para subsídio de almoço.

Loures, 13 de Agosto de 1981

O CHEFE DOS SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS
BANCO FUNDADO EM 1864
PAGA OS MAIS ALTOS JUROS DA BANCA

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por unidade) COMPRA	VENDA
AFRICA DO SUL (rand)	52$30	57$30
ALEMANHA FED (marco)	26$40	27$50
AUSTRIA (xelim)	3$70	3$90
BELGICA (franco)	1$478	1$668
BRASIL (cruzeiro)	$387	$637
CANADA (dolar - notas de 1 e 2)	53$90	55$90
(notas de 5 a 1000)	54$40	56$40
DINAMARCA)coroa)	8$40	8$81
ESPANHA (peseta)	$626	$726
EUA (dólar – notas de 1 e 2)	65$45	67$45
(notas de 5 a 1000)	65$95	67$95
FINLÂNDIA (marka)	14$25	14$85
FRANÇA (franco)	10$90	11$60
HOLANDA (florim)	23$65	24$65
INGLATERRA (libra)	120$95	124$95
IRLANDA (libra)	96$55	100$55
ITALIA (lira)	$048	$058
JAPÃO (iene)	$259	$294
NORUEGA (coroa)	10$65	11$15
SUECIA (coroa)	12$40	13$00
SUIÇA (franco)	30$40	31$50
VENEZUELA (bolivar)	12$95	13$95

Observações:
1. – **No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.**
2. – **Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 3 por mil.**

STAR TURISMO VIAGENS
UMA AGENCIA DE VIAGENS DE SERVIÇO COMPLETO
Lisboa Estoril Porto Guimarães Faro Portimao Madeira e Açores

rádio

ANTENA 1

16.00: Sem Margem – Cinema; **17.00:** Ciclo Musical; **18.00:** Formas de Energia; **18.45:** RDP-Regiões; **19.00:** Títulos do jornal; **20.00:** «Enquanto os Outros Vêm TV» – Jazz; **21.00:** Folhetim; **«Serões na Província», de Júlio Dinis – «Livre e Directo» 23.00:** Títulos do Jornal; **02.00:** Madrugada na RDP-Centro; **05.30:** Programa rural.

Grandes blocos informativos: **13.00:, 19.30 e 23.30.**

Programa 2

16.00: Que quer ouvir?; **17.00**: Mata-borrão; **18.00**: Dossiers sonoros; **18.30**: Peças para piano, de Tchaikovsky; **19.00**: O canto e os seus intérpretes; **20.05**: Bailado; **20.35**: Música religiosa, **21.00**: Música do século XX; **22.00**: O maestro Eugen Jochum; **23.30**: Intérpretes portugueses; **00.00**: Novos discos; **01.00**: Fecho.

Rádio Comercial (283, 290 e 397m)

15.45: Teatro trágico, **16.15**: Os meus segredos de cozinha; **17.03** Todos no top; **18.08**. Hora de ponta; **18.10** Espaço 3 P; **20.03**: Quando o telefone toca; **22.03**: Portugal e a CEE; **22.20**: Mensagens bíblicas; **22.35** Diálogo; **22.40**: Tempo de desporto; **23.08**: 24.ª hora. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.05: Espaço 3 P; **16.03**: Rock em stock; **18.03**: Circulo em FM; **19.03**: Em órbita; **20.03**: Rolls rock; **21.03**: Abandajazz; **22.03**: Café concerto; **00.03**: O vapor da meia-noite. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

16.00: «Aqui e agora»; **17.00:**«Jornal da Mulher»; **18.15:** Igreja em notícia; **18.25:** Palavra do Dia, **18.30:** Transmissão do Terço da Basílica dos Mártires, **19.00:** «Programa da L. A. R.»; **20.00:** «Pajú»; **21.00:** «O Som da Noite»; **21.30:** «Diálogo e Vida»; **22.00:** «Quando o Telefone Toca»; **22.30:** «Meia final»; **23.10:** «Programa Cultural», pela prof. Maria de Lurdes Belchior;**23.55:** «Meditando».

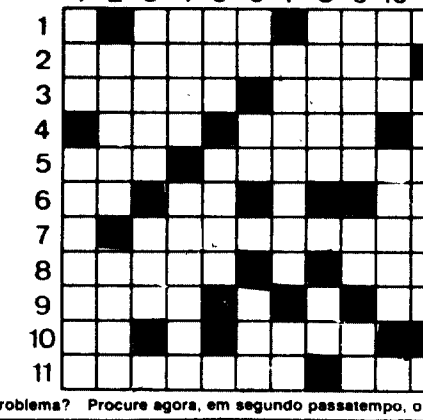
Tiragem média diária do mês anterior: 43 493 exs.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 13 211

HORIZONTAIS:

1 Água congelada que cai das nuvens em flocos brancos e finos. Dar aviso de alguma coisa em voz alta.
2 Travessos.
3 Em cima de. Falsos.
4 Rate. Sacerdote budista.
5 Ofereces. Rifa.
6 Preposição. Miriare. Abreviatura da palavra inglesa mister (senhor).
7 Governariam o navio.
8 Amargo. Espaço de doze meses.
9 Rio do Egipto. Carta de jogar.
10 Concede. Líquido composto do hidrogánio e oxigénio.
11 Aluga. Catedrais.



VERTICAIS:

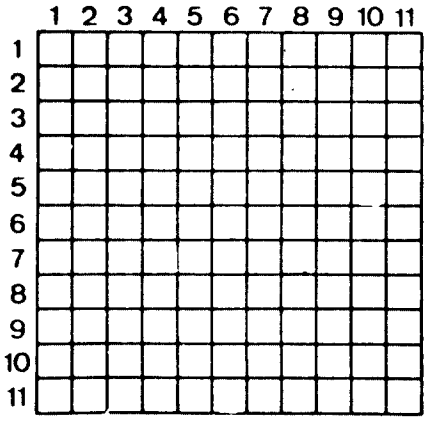
1 Conjunção. Peleja.
2 Habitam. Dar mios.
3 Pessoa estúpida e ignorante (pl.). Desgraça.
4 Vagueia. Espécie de música cafreal.
5 Vá pelo ar com grande velocidade. Léu.
6 Pronome pessoal (inv.). O lado do vento. Madeira.
7 Humilhavam. Gálio (s.q.).
8 Infiltração de serosidade num órgão. Acrescentando uma consoante é eia!
9 Enrubescer. Seguia. Carta de jogar.
10 Membro de ave. Magnetiza.
11 Transpirarmos.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9 071

HORIZONTAIS:

1 Republica da América Central entre a Costa Rica e Honduras
2 Oceano. Altar cristão.
3 Seguia Grita Clima
4 Estive undo por aderência. Acomete.
5 Nome de fruto Um gosto no meio de muitos dissabores.
6 Conjunção Prasiodímio (s.q.).
7 Bário (s q.). Sobrara.
8 Efemina. Trasbordas
9 Tinge Seguia.
10 Grei (pl.)
11 Unirias por casamento



VERTICAIS

1 Fecham as asas para descer mais depressa. Deus do Vinho.
2 Efeminado.
3 Prefixo de negação. Ave pernalta Rã (pop.).
4 Mamíferos ruminantes, fêmeas dos bodes. Madres.
5 Limpo com areia. Rádio (s.q.). Bário (s.q.).
6 Pronome pessoal. Botequim.
7 Irmão de Moisés. Senhor. Níquel (s.q.).
8 Agradecida. Corta.
9 O mesmo que uma (ant. e pop.). Antigo instrumento de tortura em forma de X (pl.). Artigo definido.
10 Irritais
11 Sulcas a terra. Pega.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13 210

HORIZONTAIS:
1 LINDA. CARA.
2 Amarrei. Ofa.
3 Votai. Moçar.
4 Alas. Modas.
5 Dã. Ié. Erin
6 Radiarias.
7 Imo. Aos.
8 Ca. Ao. De.
9 Aterras. Sol.
10 Sairas. Nota.
11 Apares.

VERTICAIS:
1 Lavadeiras.
2 Imola. Tal.
3 Nata. Rocei
4 Dras. Arre.
5 Ari. Ida. Rã.
6 É MEIO. Asa.
7 Cimo. Asas.
8 Oder. Na.
9 Roçaria. Sor.
10 Afasia. DOTE.
11 Ar. NS. Elas. PRO.

PROVERBIO **LINDA CARA, É MEIO DOTE**

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9 070

HORIZONTAIS
1 Cais. Batias.
2 Alma. Eram.
3 Lar. Rio.
4 Montargil.
5 Oriá. Arcos.
6 Cor. Sua. Ia.
7 Sãs. Arpar.
8 Ar. Mês. III.
9 Camaradas.
10 Aca. Ima.
11 Sora. Fa. Rer.

VERTICAIS
1 Carmo. Sacas.
2 Al. Orçara.
3 Im. Nios. Mar
4 Saltar. Maça.
5 Aa. Terá.
6 Berras. Sa.
7 Ar. Grua. Dia.
8 Ta. Içariam.
9 Imolo. Pisar.
10 Siai.
11 Soro. Ar. Ror.

cartaz de cinemas e teatros

abCINE 803055

Centro Comercial de Alvalade

SALA A

Às 14.30, 17.15, 21.30 e 24

– 13 a.
WEST SIDE STORY
c/ Natalie Wood

SALA B

Às 14.45, 17, 19, 21.30 e 23.45
– N. ac. men. 18 a.
LENNY

c/ Dustin Hoffman
Realização de Bob Foss

ALVALADE 897480

Av. de Roma

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Para Todos
LUCKY LUKE A BALADA DOS DALTON
c/ Elliot Gould, Genevieve Bujold e Ricky Schroder
Technicolor

APOLO 763319

Av. Júlio Dinis, 10-A

Às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 23.30
– Int. men. 18 a.
E TUDO O FUMO LEVOU
c/ Cheech Marin e Tommy Chong
Um filme de Lou Adler

4.ª Semana

AVIS 547163

Av. Duque de Ávila, 45

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
Aqui o têm... chegou o revólver mais rápido da fronteira, no mais «emotivo» e terrífico dos duelos do Oeste
AS PEQUENAS PISTOLAS
/ Cantinflas

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
GENTE VULGAR
Com Donald Sutherland, Mary Tyler
Não acons. men. 13 anos

22.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Para Todos
Walt Disney Productions apresenta
O VERÃO MÁGICO DO PATO DONALD
Falado em português

5.ª Semana

CASTIL 530194

Rua Castilho

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– Int. men. 13 a.

Malcolm McDowell, o genial actor de «A Laranja Mecânica», na mais polémica comédia dos anos 70
UM HOMEM DE SORTE

CINE 222 579460

Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

Às 15.15, 18 e 21.30
PRIMEIRA NOITE
A Mulher, o Amor e o Ódio
Não acon. men. 18 anos
às 24.00
Não acons. men. 18 anos
OS TRÊS PANTERAS NEGRAS

CINEBOLSO 573407

R. Actor Taborda, 27-B

Às 12.30, 14.30, 16.45, 19 e 21.30
– Int. men. 18 a.
JÚLIA, UMA MÁQUINA SEXUAL
Pornográfico – Hardcore

Às 24h. Int. men. 18 anos
A ILHA

CINE BLOCO 556824

Gaveto Av. 5 de Out. e Pinh. Chagas

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
VESTIDA PARA MATAR
c/ Michael Caine, Angie Dickinson e Nancy Allen
As 24 h. N. ac. m. 13 anos
A CAÇA

CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15

Às 14.15, 16.30 e 21.30h.
Não acons. men. 13 anos
O ÚLTIMO COMBATE DE BRUCE LEE
Um filme de Raymond Chow
com Bruce Lee, Karim Abdull Jabbar

CITY CINE 549999

Rua Tomás Ribeiro, 34

Às 21.30
CORTINA RASGADA
Não acons. men. 13 anos
2.ª Semana
Às 23.45
Int. men. 18 anos
BONNIE E CLYDE

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2

Às 14 , 16.30, 19 e 21.30
Int. men. 18 anos
AVENTURA NAS CARAIBAS
Realização Philippe Mannier
(Colorido)
5.ª Semana

EDEN 320768

P. dos Restauradores, 21

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
O MISTÉRIO DA ADOLESCENTE VIOLADA
c/ Fabio Testi e Christine Kaufmann
Um filme de Alberto Negrin
Eastmancolor

ESTÚDIO 555134

Alam. Afonso Henriques, 35

Às 15.30 18.30 e 21.30
Int. men. 16 anos
Provem-me sou uma delícia!
UM FILME DOCE (Sweet movie)
C/ Carole Laure, Pierre Clementi e Sami Frei
Um filme de Dusan Makavejev
Este filme contém cenas eventualmente chocantes

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 15.30, 18.30 e 21.30 h.
Int. men. 13 anos
A comédia das suas férias...
VIEMOS PARA GOZAR
Com: Marco Perrin e Sylvain Green

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35

Às 21.30 h
Int. men. 18 anos
A força, o impacto, o choque duma das obras mais imporantes que o cinema apretsentou até hoje
O CAÇADOR
Com Robert de Niro

LONDRES 801313

Av. de Roma, 7-A

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
DAS 9 ÀS 5
c/ Jane Fonda, Lily Tomlin e Dolly Parton
7.ª Semana

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37

Às 21 30 h Estreia
Int men. 18 anos
O MANETA DE FERRO CONTR A GUILHOTINA VOADORA
Tecnicolor

MONUMENTAL 555131

P. Duque de Saldanha

As 15.15 e 21.00 – N. ac. men. 13 a.
BEN-HUR
c/ Charlton Heston, Stephen Boyd e Haya Hararaet
70m
N. B. Não se realiza a habitual sessão das 18.15

MUNDIAL 538743

R. Martens Ferrão, 12-A

Às 15, 18 e 21.15
– N. ac. men. 13 a.
A grande aventura do Homem desde a sua origem
A BÍBLIA
Um filme de John Huston
70mm

NIMAS 574362

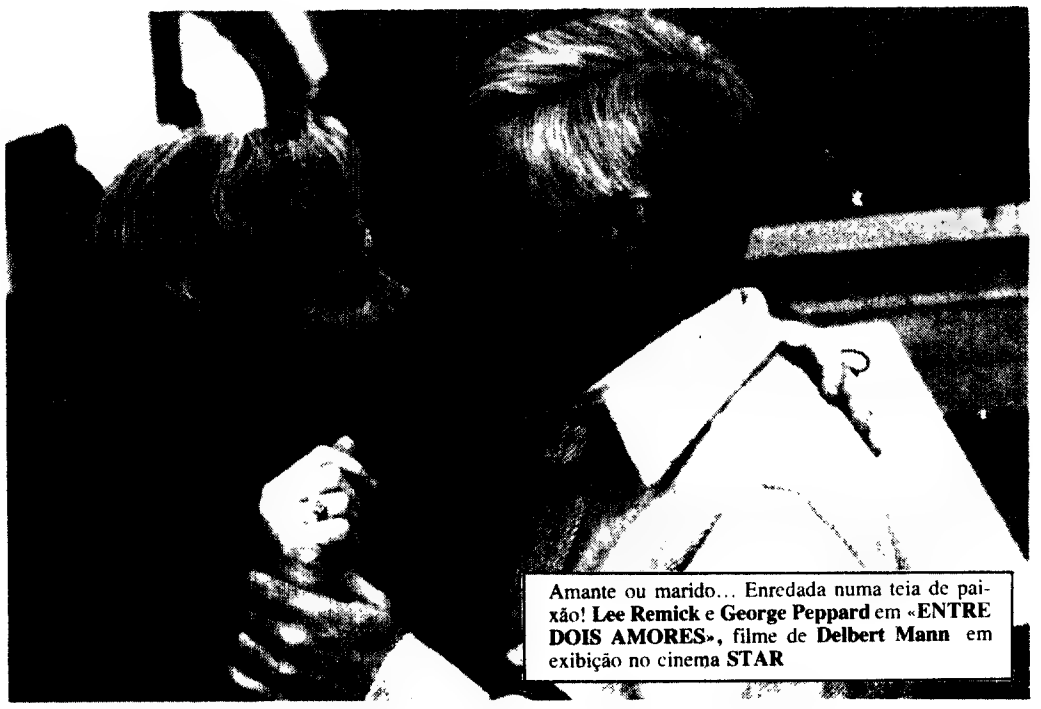
Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14, 16.15, 18.30 e 21.30
– Int. men. 13 a.
A PRIMEIRA FESTA
c/ Claude Brasseur, Brigitte Fossey e Denise Grey
Um filme de Claude Ginoteau

ODEON 328283/4

R. Condes, 12 a 20

Às 15, 18.15 e 21.30
– N. ac men 13 a.
Um poema de amor e violência
QUO VADIS
c/ Robert Taylor e Deborah Kerr
O filme é exibido no início da sessão



Amante ou marido... Enredada numa teia de paixão! **Lee Remick** e **George Peppard** em «**ENTRE DOIS AMORES**», filme de **Delbert Mann** em exibição no cinema **STAR**

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122

Às 14, 16.30, 19 e 21 30
– N. ac. men 13 a.
DO INFERNO À VITÓRIA
c/ George Peppard e Anny Duperey
Colorido

POLITEAMA 326305

R. Portas de St. Antão

Às 21.30 h
Não acons. men. 13 anos
OS ALEGRES AVENTUREIROS
Com Tony Curtis e Louis Gosset Jr.

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16

SALA 1

às 14.30 16.45, 19, 21.15, 23.30
int. men. 13 anos
VIVA ZAPATA
real Elia Kazan

SALA 2

às 15, 17, 19, 21.30, 23.30
int. men. 18 anos
cenas event. chocantes
DOROTHEA
real. Peter Fleischmann

SALA 3

às 14, 16.30, 19, 21.30
int. men. 18 anos
FEIOS, PORCOS E MAUS
real. Ettore Scola
filme de qualidade

SALA 4

Às 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30
– M. 18 a.
TAXI DRIVER
Realização de Martin Scorcese
Filme de qualidade

RESTELO 610375

Av. Torre de Belém

Às 15.30 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
A espectacular superprodução de ficção científica
O CHOQUE DAS ESTRELAS
com Christopher Plummer.

ROMA 887778

Av. de Roma, 14 M-N

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– Para Todos (M. 6 a.)
É só saúde... e gargalhadas na melhor comédia de Les Charlots
OS MALUCOS NO SUPERMERCADO
3.ª Semana

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
AEROPORTO 80
Col.º com Alain Delon e Susan Blakeley

SATÉLITE 562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61

4 sessões, 14, 16.30, 19, 21.30
não acons. men. 13 anos

A FILHA DO MINEIRO

17.ª semana

7.º ARTE CINEMA 730715

Av. da República – (junto ao Apeadeiro da CP de Entrecampos)

Às 14.45-17-19.10-21.30-24
– N. ac. men. 13 a.
007 Vive e Deixa Morrer
com Sean Connery
Domingo às 11 15
BUGS BUNNY E SEUS AMIGOS

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C

Às 15, 18 15 e 21 30
não acons. men. 13 anos
ENTRE DOIS AMORES

com George Peppard e Lee Remick

TERMINAL 371573

Estação do Rossio

Às 11, 13, 15, 17, 19, 21 30 e 23.30
– N. ac. men 13 a.
Sete magníficos soldados numa épica batalha além das estrelas
A BATALHA ALÉM DAS ESTRELAS
c/ John Saxon e George Peppard

TIVOLI 570595

Av. da Liberdade, 188

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
Burt Reynolds, Jackie Gleason, Sally Field em
O COMBOIO DOS MALUCOS
Um filme de Hal Needham – Colorido
Não ac. m. 13 anos

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879

15.15, 18.15 e 21.15
Não acons. men. 18 anos
O DESAFIO DAS ÁGUIAS
c/ Richard Burton Clint Eastwood e Mary

70m/m

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9 – P. Restauradores

Às 21.30 Estreia
Não acons. men. 18 anos
A HISTÓRIA DO BANHO ATRAVÉS DOS TEMPOS
Realização Werner Kuntz – Um filme inédito

outros cinemas

Lisboa

CAPITÓLIO – «Bacanais Escaldantes», às 21.00 e 23.00 (18 anos)
PARIS – «Os Discípulos de Shaolin», às 21.30 (18 anos)
OLÍMPIA – «Suecas Perversas», sessões permanentes (18 anos)
EUROPA – «O Doce Apartamento», às 21.30 (13 anos)
2000 – «A Chama da Liberdade», às 21.30 (18 anos)
PROMOTORA – «Rapazes de Táxis», às 21.30 (13 anos)
CINEARTE – «Não me fales em Casar», às 21.30 (13 anos)
LUMIAR – «Scaramouche, Espada e Mulheres», às 21.30 (13 anos)
ROYAL – «Sublime Sacrifício», às 21.30 (13 anos)

Outra banda

ALMADA – Cinestúdio – «Herói do Ano 2000» às 21.30 (18 anos)
ALMADA – Incrível – «O Arrependimento», às 21.15 (13 anos)
ALMADA – Academia – «Os Duros», às 21.15 (13 anos)

Linha de Cascais

PAÇO DE ARCOS – Oxford – «O Último Abraço», às 21.30 (13 anos)
PAÇO DE ARCOS – Chaplin – «Geração Inquieta», às 21.15 (18 anos)
OEIRAS – Oeiras-Cine – «Febre de Noites de Verão», às 21.15 (18 anos)
PAREDE – Royal-Cine – «Missão Galática», às 21.30 (13 anos)
ESTORIL – Palácio «100 Quartos em Barafunda», às 21.30 (18 anos)
CASCAIS – Impala – «O Desafio das Águias», às 21.30 (13 anos)

Linha de Sintra

DAMAIA – D. João V – «Vivo para a Tua Morte», às 21.30 (13 anos)
AMADORA – Cine Plaza – «Salve-se Quem Puder», às 21.30 (18 anos)
AMADORA – Lido – «A Grande Música Negra», às 21.30 (18 anos)
AMADORA – Cine Estúdio – «A Pantera Volta a Atacar», às 21.30 (13 anos)
MEM MARTINS – Cine Chaby – «Homens Desenfreados», às 21.30 (18 anos)

SACAVÉM – S. José – «Dois Anjos em Fuga», às 21.30 (13 anos)
MOSCAVIDE – Stop – «Brigada Suicida», às 21.30 (13 anos)

Porto

PASSOS MANUEL – «E Tudo o Fumo Levou», às 21.30 (18 anos)
CHARLOT – «Liquirizia», às 21.30 (13 anos)
BEBÉ – «Não Há Duas Sem Três», às 21.45 (13 anos)
JÚLIO DINIS – «Emmanuelle», às 21.30 (18 anos)
FOCO – «O Verão Mágico do Pato Donald», às 2130 (6 ans)
LUMIÈRE-A – «Oxalá», às 21.30 (13 anos)
LUMIÈRE-L – «Amigos para Sempre», às 21.45 (13 anos)
ÁGUIA – «Dá-lhe Agora Tedeum», às 21.30 (13 anos)
COLISEU – «A Chama da Liberdade», às 21.30 (18 anos)
TERÇO – «Grande Competição», às 21.30 (18 anos)
VALE FORMOSO – «Desflorações», às 21.30 (18 anos)
PEDRO CEM – «Jesus Cristo Superstar», às 21.30 (13 anos)
BATALHA – «6000 Km de Pavor», às 21.45 (13 anos)
TRINDADE – «Bullit», às 21.30 (18 anos)
S. JOÃO – «Ben-Hur», às 21.30 (13 anos)
ESTÚDIO – «O Mestiço», às 21.30 (13 anos)
OLIMPIA – «Carambola», às 21.30 (13 anos)
SÁ DA BANDEIRA – «A Angariadora», às 21.30 (18 anos)

Coimbra

GIL VICENTE – «Scrizo Demência Sinistra», às 21.30 (13 anos)
TIVOLI – «O Fantasma», às 21.30 (18 anos)
AVENIDA – «Guerra dos Espiões», às 21.30 (13 anos)

farmácias

SANOFI BLANC

Lisboa

PERMANENTE

ARNALI, R. Escolas Gerais, 88-A (T. 863940); **DILENA**, R. Aliança Operária, 49-A-B (T. 636620); **SANEX**, Av. da Igreja, 31-C (T. 897505); **PROVIDÊNCIA**, R. D. Filipa de Vilhena, 9-C (T. 770324); **BENFICA**, E. de Benfica, 678-E (T. 702532); **ALMEIDA**, R. Silva Carvalho, 136 (T. 681726); **BRANCO**, Av. Duque de Loulé, 61-65 (T. 545048); **CORVO**, R. Ângela Pinto, 32-B-C; **CARRONDO**, R. Padre Sena Freitas, 10-A (T. 842518); **MARLUZ**, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes (T. 880703); **MARCOS NASCIMENTO**, C. Marquês de Abrantes, 36-A (T. 664238); **MIRAFLORES**, R. Dr. António Granjo, 2-B (T. 2101161); **CORREIA**, E. Principal, lote 172 (T. 993148); **CATELA TAVARES**, R. Prof. Dr. Augusto Abreu Lopes, 29-A (T. 915446).

teatros

ABC – «O Escabeche», às 20.30 e 23.00 (18 anos)

TEATRO ABERTO – «Sopa de Pedra», às 21.30

ADÓQUE – «Paga as Favas», às 21.30 (18 anos)

VARIEDADES – «Há Petróleo no Beato», às 21.30 (13 anos)

MARIA MATOS – «A Tragédia da Rua das Flores», às 21.30 (13 anos)

POUPE COMBUSTÍVEL
Partilhe o seu automóvel com outras pessoas que façam habitualmente o mesmo percurso.

REFORÇO

GUERRA, R. Andrade, 32-36 (T. 845513); **ALCÂNTARA**, Av. da República, 74-A (T. 771379); **CORTEZ**, R. São Nicolau, 93 (T. 325378); **ZIRA**, P. Casas Novas, lote 66 (T. 311216); **BELÉM**, R. Tristão Vaz, 10-A (T. 612248); **GASPARINHO**, R. Dr. Gama Barros, 54-A (T. 890465); **SÃO BARTOLOMEU**, Vila Paulo Jorge, 1 (T. 790969); **CENTRAL DA LAPA**, R. dos Navegantes, 10 (T. 661734); **J. RIBEIRO**, E. da Luz, 199-A (T. 780969); **MADRE DE DEUS**, R. da Margem, 15-B (T. 382470); **SAGRES**, Av. Luís Bivar, 69-71 (T. 547213); **VAZ MARTINS**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **NOVA**, R. Açores, 11-A (T. 910305); **PIMENTEL**, Az. dos Bezouros, lote R-8; **MATOS**, T. Prioras, Vivenda Morgadinho (T. 2519939).

Linha de Sintra

AMADORA: Ciabel, R. António Sardinha, 23-D (T. 938551). Permanente; **Amadora**, Pt. 25 de Abril, 3-A (T. 935518). **Até às 22 horas; DAMAIA: D. João V**, Av. Gurgel do Amaral, 2-A (T. 970461). Permanente; **QUELUZ: Queluz**, Av. Miguel Bombarda, 123-A (T. 951841); **CAMARATE: Nova da Charneca**, R. Cidade de Lisboa, 94 (T. 2518726); **AGUALVA-CACÉM: Rodrigues Garcia**, Av. dos Bons Amigos, lote 5-D; **MEM MARTINS: Cristina**, Av. Vitorino Nemésio, 14-A (T. 2914820). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T. 2915275). Das 9 às 13 e das 15 às 21 horas; **RIO DE MOURO: Riomouro**, Av. Oscar Monteiro Torres, 8 (T. 2960194). Das 9 às 23 horas; **S. PEDRO DE SINTRA: Valentim** (T. 980456). Permanente; **COLARES: Abreja** (T. 299088).

Linha de Cascais

TIRES: Guimarães, L. Duartes, lote A-r/c (T. 2441616). Até às 21 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, B João P. Correia, 40-B (T. 2690363). Até às 21 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 21 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**. Até às 21 horas; **PAÇO DE ARCOS: Pergana**, Av. Eng. Bonneville Franco (T. 2435147). Até às 24 e das 0 às 9 horas; **OEIRAS: Oeiras**, L. Henrique Paiva Couceiro (T. 2430485). Até às 22 horas; **NOVA OEIRAS: Leal**, Quinta das Palmeiras, lote 24-r/c (T. 2478737). Até às 21 horas; **CARCAVELOS: Central**, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Até às 22 horas; **Vilar**, Av. Maria da Conceição, lote 8 (T. 2470777). Até às 24 e das 0 às 9 horas; **S. DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, Av. Sabóia, 29-B (T. 260085). Até às 21 horas; **PAREDE: Macau**, R. J. Elias Garcia, 60-C (T. 2471785). Até às 24 e das 0 às 9 horas; **Junqueiro Mendes**. Até às 21 horas; **AMOREIRA: Amoreira** (T. 262313/267314). Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL: Suíça**, Cruzeiro (T. 260087). Até às 21 horas; **CASCAIS: Misericórdia**, R. Regimento 19, 41 (T. 280141). Até às 21 horas; **Cascais**, R. Conde Monte Real, B. Caixas (T. 282407). Até às 24 e das 0 às 9 horas.

Outra banda

ALMADA: Silva Júnior, Av. Frederico Ulrich, 9-2.º piso (T. 2768030); **COVA DA PIEDADE: Castro Rodrigues**, L. 5 de Outubro, 62-63 (T. 270121); **LARANJEIRO: Oliveira Sérgio**, Álamos, 2-A (T. 2298464); **COSTA DA CAPARICA: Chai**, Av. General Humberto Delgado, 7-C (T. 2403218); **SESIMBRA: Lopes**, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028); **BARREIRO: Mascarenhas Neto**, R. Almeida Garrett, 1 (T. 2076454); **AMORA: Matos Lopes**, R. 1.º de Maio, lote 401 (T. 2216355); **SEIXAL: Soromenho**, R. Paiva Coelho, 38 (T. 2218560); **MONTIJO: Higiene**, R. José Joaquim Marques, 142 (T. 2310370), **MOITA: Silva Rocha**, P. da República, 16 (T 239029), **ALHOS VEDROS: Portugal**, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 204250); **ALCOCHETE: Nunes**, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T 234137).

SETÚBAL – Lisboa – R. Dr Paulo Borba; **Salão** – Av da Portela, 55.

LOURES – Saraiva – Av República, 29 (Telef. 2530027). Até as 22 horas; **MOSCAVIDE – Banha** – Av. Moscavide, 22 (Telef. 2518518). Até às 22 horas; **SACAVÉM – Soares** – R. José L. Morais, 15 (Telef. 2518025). Permanente.

●

Porto

(De dia e só até às 22 horas)

MAGALHÃES – Rua de Serralves, 565 Tel. 63561; **CORREIA** – Pr. Mouzinho de Albuquerque, 78. Tel. 60869; **CORUJEORA** – Rua de S. Roque da Lameira, 1473; Tel. 51928; **LAPA** – Rua Antero de Quental, 211. Tel. 480697; **LUSO-FRANCESA** – Rua Sá da Bandeira, 14. Tel. 26134; **CENTRAL** – Rua 31 de Janeiro, 203. Tel. 21684; **GOMES CARNEIRO** – Rua de Cedofeita, 348. Tel. 23420.

(De dia e toda a noite)

FOZ – Rua Senhora da Luz, 360. Foz..Tel. 680127; **COUTO** – Largo de S. Domingos, 106. Tel. 25963; **ALIRIO DE BARROS** – Rua de Costa Cabral, 240. Tel. 400593; **NOVA DE MONSANTO** – Rua de Monsanto, 148. Tel. 490889.

●

Coimbra

(Das 9 horas às 9 do dia seguinte)

DONATO – Rua Ferreira Borges, 2 e 6 (Telef. 22603).

PORTE PAGO

DL

PROPRIEDADE, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Serviços Técnicos e Publicidade:
RUA LUZ SORIANO, 44 – 1200 LISBOA
Telefones: 321154/5 – 320271/2/3
Publicidade: 368740

Agentes, Assinaturas e Contabilidade:
Rua Castilho, 185-1.º – 1100 LISBOA
Telefones: 654531/2/3

Serviço de noite (depois das 21)
Porteiro: 321154
Redacção: 320271/2/3
Mensagens gravadas: 320229

Endereço telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL

Delegação do Porto:
Rua do Almada, 30-2.º – 4000 PORTO
Telefones: 20954/5

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR BAIXA-MAR

Dia 27
2.13 3,7 m 7.55 1,2 m
14.35 3,9 m 20.30 1,0 m
Dia 28
3.03 3,8 m 8.40 1,1 m
15.22 4,1 m 21.13 0,9 m

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS

VIANA DO CASTELO	15º
BRAGANÇA	23º
VILA REAL	22º
PORTO	14º
P. DOURADAS	25º
COIMBRA	15º
C. CARVOEIRO	17º
PORTALEGRE	26º
LISBOA	21º
ÉVORA	22º
SINES	–
BEJA	22º
SAGRES	24º
FARO	26º
P. DELGADA	21º
FUNCHAL	28º

últimas

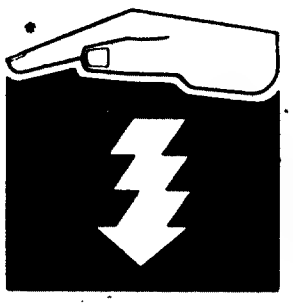
TRUCIDADA NA PASSAGEM DE LINHA em Carreço próximo de Viana do Castelo, por um comboio, Glória dos Santos Silva, de 72 anos, doméstica natural e residente no lugar de Paço daquela freguesia. A septuagenária não se terá apercebido da aproximação da composição quando pretendia atravessar.

APREÇO E RECONHECIMENTO PÚBLICO da Câmara Municipal de Caminha para com a corporação de bombeiros daquela vila e de Praia de Âncora, pela sua acção decisiva e eficiente no ataque aos incêndios florestais. A Câmara vai ainda propor à Assembleia Municipal a atribuição de mais de mil contos a cada uma daquelas corporações de bombeiros.

MANIFESTAÇÃO NA RÉGUA contra a central nuclear de Sayago está marcada para o próximo dia 26 de Setembro. A central prevista para construção naquela povoação da província de Salamanca ficará situada a 15 quilómetros de Miranda do Douro. Participarão autarcas dos distritos de Bragança, Guarda, Vila Real e Viseu além das terras marginais a jusante de Miranda do Douro, por se temer que o aquecimento das águas do rio venha a afectar a ecologia de toda aquela região.

TÉCNICOS EM SOLDADURA representando mais de trinta países vão reunir-se de 6 a 12 de Setembro na Faculdade de Economia do Porto. A reunião será integrada na 34.ª assembleia Anual do Instituto Internacional Soldadura.

QUARENTA E TRÊS CASACOS DE PELE foram a noite passada furtados de um estabelecimento situado na Avenida S. Pedro, lote 5, na Pontinha. Os propirietários da firma calculam o prejuízo em trezentos e cinquenta contos.



POUPE ELECTRICIDADE

"Voyager 2" já vai de Saturno para Urano

• A NASA considera que a missão foi um êxito

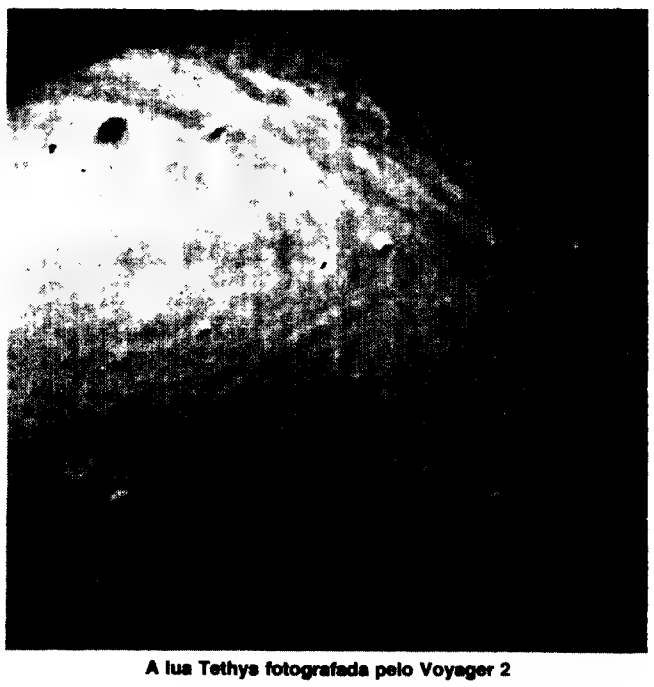
«Um sucesso considerável» – assim classificam os técnicos da NASA a missão da «Voyager 2» a Saturno. A nave espacial registou ontem uma avaria em duas câmaras fotográficas, e, por algum tempo, a decepção instalou-se nos centros de controlo de Pasadena, EUA. A curto prazo, porém «ordens» dos comandos puseram de novo a nave a funcionar e as imagens voltaram. Deve ter sido uma colisão com alguma partícula, na opinião dos cientistas.

A nave está agora a deixar Saturno, encaminhando-se para Urano, a uma velocidade de 19 quilómetros por segundo. Chegará a Urario dentro de cinco anos. Depois, se entretanto não se registarem anomalias decisivas na execução dos planos, deixará Urano e avançará para Neptuno, chegando, ainda que à mesma velocidade a que está a ganhar distância, em 1989.

Esta manhã, depois dum curto período de decepção registado ontem, o optimismo voltou a reinar na NASA. Este optimismo era maior em face dos resultados já obtidos em termos de imagens enviadas pela nave. Resultados impressionantes, segundo os cientistas, que, todavia, não deixam de assinalar que, entretanto, aumenta o número de enigmas à volta de Saturno, e designadamente acerca dos seus satélites e dos seus anéis.

As milhares de imagens de Saturno e seu envolvimento enviadas para a Terra representam um esforço técnico de incrível complexidade. Os sinais de rádio enviados pela sonda, a mais de bilião e meio de quilómetros, demoram cerca de uma hora e meia a chegar à terra. Uma vez captados, são transformados em números, ou sinais digitais e «traduzidos» em seguida por computadores sob a forma de pontos mais ou menos escuros nos «écrans» de televisão do «imaging system» do «Jet Popusion Laboratory», da NASA.

Seiscentos e quarenta mil pontos constituem uma imagem completa. Os técnicos da NASA, através da magia dos computadores, podem facilmente tornar essas imagens mais contrastadas ou mais claras, ampliar um pormenor ou transformar o preto e branco em cor: basta-lhes premir um teclado semelhante a uma máquina de escrever.



A lua Tethys fotografada pelo Voyager 2

O conjunto das comunicações com a «Voyager 2» passa por três estações situadas em Goldstone (Califórnia), Madrid (Espanha) e Camberra (Austrália). Cada uma destas estações está equipada com três antenas, sendo a maior, parabólica de 74 quilómetros de diâmetro. Segundo a rotação da Terra, há sempre pelo menos uma dessas estações em contacto com a nave.

Os sinais vêm do espaço, e, uma vez «limpos» de ruídos parasitários, são transmitidos das estações no solo para Pasadena, ao ritmo de 44 800 «bits» ou sinais individuais por segundo.

Carga da PSP provocou vários feridos

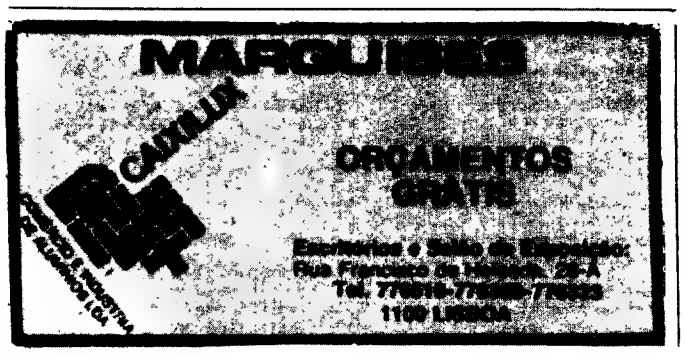
Manifestação de pescadores dispersa a tiro em Portimão

Uma força da PSP de Faro carregou ontem de manhã, em Portimão sobre algumas centenas de pescadores que, acompanhados das mulheres e dos filhos se manifestavam frente à Capitania local, contra a apreensão, ocorrida no dia anterior, em Albufeira, de redes de emalhar com dimensões consideradas ilegais. Os agentes, que actuaram armados de G-3, bastões, viseiras e capacetes, investiram contra os manifestantes causando vários feridos, dois dos quais com gravidade (Raúl da Conceição Sousa, de 57 anos, que teve de levar catorze pontos na cabeça em virtude de uma bastonada, e António Manuel Ramos, ferido com uma bala de G-3 num joelho). Contactado pelo «DL», o comissário Serra, do comando-geral da PSP, referiu também a existência de dois feridos entre a força de intervenção, na qual alguns elementos chegaram a disparar várias rajadas, na sequência de pedradas que teriam sido atiradas contra elas pelos manifestantes.

O Estado-Maior da Armada, entidade que neste caso centralizou as informações, emitiu um comunicado ao fim da noite de ontem, no qual refere que «no dia 26 de Agosto pelas 9 horas e 30 minutos em Portimão, um grupo de cerca de quatrocentas pessoas, que incluia pescadores e familiares, concentrou-se frente à Capitania daquele porto, acabando por ocupar parte das instalações». De acordo com a mesma fonte, que lamenta que incidentes desta natureza tenham lugar num Estado de Direito», a atitude do grupo basear-se-ia na apreensão de redes de emalhar em algumas embarcações, que queria fossem devolvidas, pretendendo ainda que a Marinha permitisse, durante a acção de fiscalização da pesca, o uso de redes de emalhar de quarenta milímetros. A Capitania do porto informou os pescadores presentes de que a apreensão das redes se devida à sua utilização em zona de reserva e com dimensões que largamente infringiam a legislação em vigor (malhas inferiores a quarenta milímetros e comprimentos superiores a três mil metros, quando a lei determina sessenta milímetros de malha e o comprimento máximo de quinhentos metros). Face ao sucedido, foi solicitada a colaboração da Polícia de Segurança Pública, tendo as instalações sido evacuadas cerca das 14 horas».

Registe-se que as determinações expressas no comunicado do Estado-Maior da Armada, e que estiveram na origem da apreensão das redes, vêm expressas na Portaria 9/73 de 6 de Janeiro deste ano, relativa às redes de malho ou tresmalho e artes sem licença. De acordo com o diploma, as redes em questão não podem ser inferiores a seis e onze centímetros de malha, para as diversas espécies de arte. Segundo informações que recolhemos, os pescadores acusam a portaria de pôr em causa a sua capacidade de sobrevivência, exigindo a sua revogação. Ao mesmo tempo que denunciam aquilo que consideram um «contrasenso e uma discriminação», porque – afirmam – este tipo de pesca é permitido aos arrastões, traineiras e barcos de maior porte». Alguns pescadores de Quarteira dizem mesmo possuir em seu poder filmes com imagens onde se observam arrastões a pescar de forma ilegal. Comentando este facto, um elemento das Relações Públicas do Estado-Maior da Armada, disse ao «DL»: «Mas se eles têm esses filmes que os tragam até nós, pois são documentos com um interesse evidente».

A mesma fonte justificou ainda o recurso à PSP pelo facto dos efectivos existentes na Capitania de Portimão serem manifestamente insuficientes para uma acção como aquela que foi necessário realizar.



CASA DA SORTE

Informação dos números mais premiados na extracção de hoje da LOTARIA NACIONAL:

1.º PRÉMIO – 56.020 – 24.000 CONTOS
2.º PRÉMIO – 62.282 – 4.800 CONTOS
3.º PRÉMIO – 32.375 – 1.800 CONTOS

O 3.º Prémio foi vendido aos balcões da CASA DA SORTE

Consulte a Lista Oficial e habilite-se para a próxima extracção. aos balcões da CASA DA SORTE em LISBOA - PORTO - COIMBRA - BRAGA - SETUBAL - FARO.

OUTROS PRÉMIOS

APROXIMAÇÕES AO 1º PRÉMIO
56.019 – 321.900$00
56.021 – 321.900$00

PRÉMIOS DE 60 CONTOS

36; 1.164; 2.726; 3.203; 4.121; 4.366; 5.957; 6.048; 8.019; 11.722; 13.086; 14.296; 21.498; 21.845; 23.567; 26.398; 27.743; 33.367; 33.911; 33.976; 38.773; 39.119; 44.043; 44.852; 44.899; 45.940; 46.104; 48.095; 52.351; 54.170; 56.297; 57.745; 58.192; 58.980; 59.147; 60.067; 63.127; 66.218; 66.497; 67.878.

PRÉMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

12.000$00 – 523; 573; 602; 616; 650; 657; 662 e 824.
6.000$00 – 020; 282 e 375.
3.600$00 – 91 e 98
1.800$00 – 0 (terminação)

PRÉMIOS DE 3.000$00 (CENTENAS)

32.301 a 32.400; 56.001 a 56.100 e 66.201 a 66.300.

NOTA: O direito aos prémios prescreve em 01/03/82

ESTA INFORMAÇÃO NÃO CONTEMPLA A ACUMULAÇÃO DE PRÉMIOS, NEM DISPENSA A CONSULTA DA LISTA OFICIAL

Lisboa, 27/08/81

DL

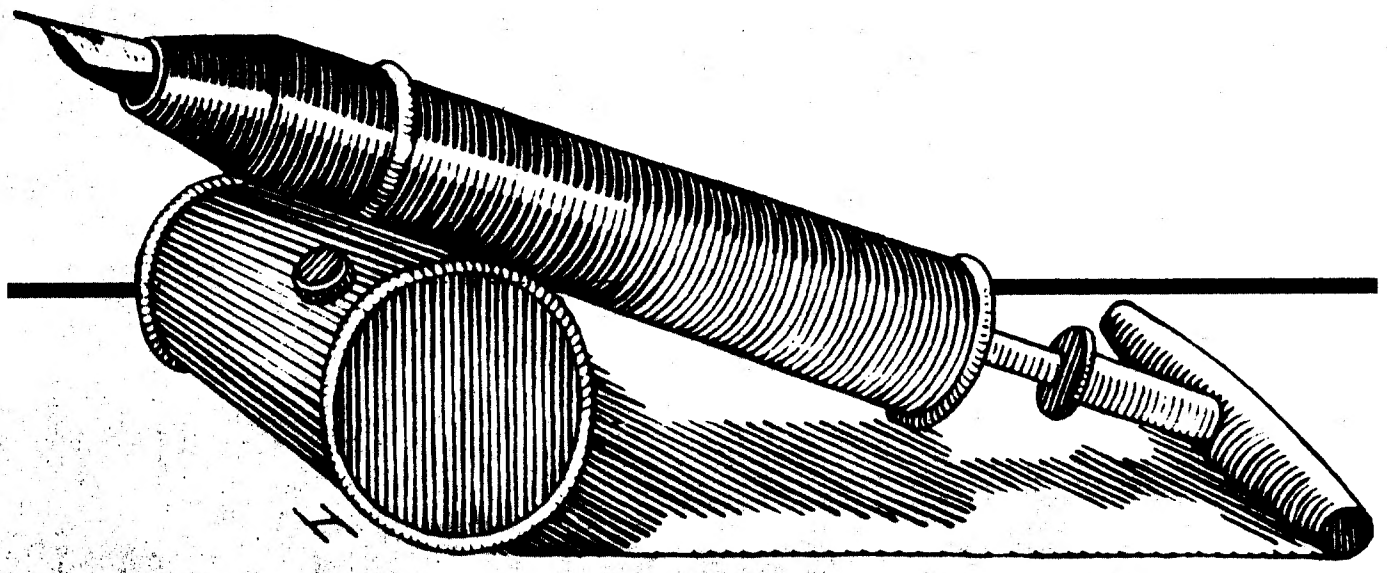
ler/escrever

N.º 25 • 27 de Agosto de 1981

Suplemento Literário

Rigor, rigorismo

Luís Miranda Rocha



Há tanto se utiliza tão abusadamente a palavra rigor no discurso crítico – que começa a ser tempo de repararmos um pouco no carácter muitas vezes gratuito de tal utilização. Quem como nós começou a sua aprendizagem destas coisas aqui, há cerca de dez anos ou pouco mais, raro conseguiu evitar o praticamente lugar-comum em que o recurso à palavra a pouco e pouco se tornou. Durante muito pareceu obrigatório. Falou-se de rigor a propósito de tudo: rigor semântico, rigor verbal, rigor articulatório, rigor construtivo, rigor formal, por exemplo – a propósito de aspectos particulares ou pormenorizados da poética, da poesia, do poema, da sua elaboração, do seu labor, e, a propósito de aspectos mais gerais ou mais amplos do que tais pormenores próprios deste trabalho específico da linguagem, falou-se, além do inevitável ou assim chamado rigor de (ou da) linguagem de não sei quantos e multiqualificados rigores – tanto que, em boa verdade, e por causa da superabundante utilização da palavra, bem se pode dizer que a dada altura, rigor, rigoroso, o falar comum já há muito se deve ter distanciado bastante de um conceito definido do que isso quer dizer. Na melhor das hipóteses pode ser que perdure e prevaleça ainda uma certa noção do que no âmbito da linguagem, do texto e do discurso científicos, a palavra rigor significa. Pode ainda ser que se guarde com alguma fidelidade uma noção correcta do campo e dos limites semânticos da expressão do rigor no domínio ideológico. Mas aqui devemos estar avisados: se a palavra se vulgarizou e banalizou até quase a degradação e o insuportável, em muito para isso contribuiu a prática ideológica e a sua propensão para a facilidade. O recurso táctico, não raro irreflectido, ao conceito, ou noção, retirou à palavra (ao conceito, à noção) muita da sua força estratégica. Quando hoje se fala de rigor pode fundamentalmente logo a seguir perguntar-se o que é isso, na certeza de que não haverá uma resposta pronta que restitua à palavra e à nossa relação habitual com ela o fundamento, a pertinência – mas sobretudo a difícil coerência e a custosa identidade que aí deveria haver, na palavra, nas nossas relações com ela, na estratégia global do nosso discurso onde ela aparece tantas vezes como um dos primeiros e mais imediatos recursos ao alcance, na táctica mais própria do momento em que esse recurso nos serve, não raro como único, pela simples razão de que se nos torna menos dispendioso utilizá-lo sem o pôr em questão do que será pô-lo em questão exigentemente para termos de o dispensar depois, se queremos furtar-nos ao lugar comum superpovoado e não mais habitável, ao massacre imponderável da incessante repetição.

Fala-se do rigor a propósito da crítica, mas não se esquece que há outra actividade a propósito da qual o rigor ocorre também com grande frequência: a poesia. É isto – a poesia, o texto e o discurso poético –, particularmente: alargando o âmbito das nossas referências, poderíamos falar, na generalidade, do texto literário, do discurso literário. Mas a problemática da prosa – que não é muito diferente do plano em que se trata disto aqui – não é o que agora nos ocupa.

Agora ocupa-nos a problemática da poesia, e nomeadamente o que se passa com alguma poesia portuguesa de hoje, destes anos que correm, num confronto sempre inevitável com a poesia portuguesa dos últimos dez, vinte anos.

Fala-se de rigor a propósito de crítica, mas num sentido preciso: talvez porque foi da crítica, do discurso crítico, a responsabilidade maior na quase exacerbação a que se chegou pela utilização excessiva e mais do que frequente da palavra rigor. No fundo, porém, há-de reconhecer-se que, se isto aconteceu, foi menos por iniciativa criativa da crítica do que por sugestão ou mesmo exigência do empreendimento original que sempre a poesia é. Por outro lado, é evidente que estas coisas não se processam tão separadamente como às vezes se supõe e, a dada altura, deixa de ser fácil ver como pelo menos em certos casos, as sugestões de cada processo sobre o outro são não apenas mútuas mas indestrinçáveis. Pensa-se por exemplo naqueles poetas onde transparece, de par com preocupações mais caracterizadamente criativas, uma poderosa consciência crítica ou autocrítica que se impõe à prática e sobre ela exerce uma severa e exigente vigilância que pelo menos não permite o cair nas facilidades mais frequentes. Para ilustrar, pode lembrar-se, por exemplo, um tipo de escrita poética próprio de certa tendência (não tanto dominante como inadvertidamente se pensa) dos anos 60,

Continua na pág. 4

UM POEMA BENGALI

O GATO

Jibanananda Das é um poeta bengali que, segundo os críticos, rompeu com a tradição local. É dado como tendo assimilado Yeats e alguns poetas simbolistas franceses, mantendo-se fora da influência de Tagore. Nos anos 30, quando da publicação dos seus livros, Das foi considerado como um modernista audacioso pelo facto de haver trazido para a poesia imagens e palavras nunca antes utilizadas pela tradição bengali. Com o correr do tempo, foi-lhe prestado o devido reconhecimento, sendo hoje considerado como um dos nomes que maior influência exerceu na poesia bengali contemporânea.

Vi o gato ao longo do dia, e através dos muitos tempos do dia, ora aqui, ora ali.

Na sombra da árvore, no sol que circunda a árvore, na penumbra das folhas.

Entre também brancas espinhas de peixe.

Enlaçando o esqueleto de luz e sombra que sombra e luz depositam na terra – e enrolado como um enxame de abelhas pronto a mudar de posição.

As unhas subindo pelo tronco da árvore e o sono escondendo no cimo da copa.

Vagueando indiferente com o sol pendurado na cauda.

Estando e não estando, sendo e não sendo.

Com brancas patas macias acariciando o disco vermelho do sol – e súbito, numa tarde de Outono, agarrando com as unhas os pequenos novelos da escuridão, um a um, e lento os dispersando por sobre a terra inteira. Assim o gato, onde o gato agora...?

Jibanananda Das

(Tradução livre de Pedro Alvim a partir da versão inglesa)

Não há novidade, Joaquim Namorado

Compadre, cá ouvi a tua voz. Alta, nítida e, como sempre, bem hajas tu, firme e directa aos assuntos que há a tratar.

«Teria eu safado ao bronze, para a derradeira e suprema danação, ao menos uma perna?» – eis a dúvida que pões. Também a mim, de véspera, me veio a indecisão moer. Vou, não vou? Mas, negar-me era já uma vaidade, decidi-me. E safei a perna. A perna e o resto.

Pois acaso esta minha resposta te chega como o distante ressoar de um dobre de campa? De um lento, lamentoso e lamentável dobrar a finados? Longe esteja o bronze e o portão onde ele é cravado a chumbo na pedra fria!

No entretanto, tornemos ao que, por mero comodismo, os meus patrícios usaram de chamar homenagem, coisa muitíssimo solene e circunspecta. Homenagem! . . . Foi como se a Tuna do Zé Jacinto saísse de novo à rua, raivando violas e bandolins, rasgando de alto abaixo o quebranto da vila!

Claro, nem as senhoras, nem os senhores gostaram – fizeram má cara para a Tuna: «Quê, outra vez? Não nos bastava já o 25 de Abril! . . .» E, felizmente já o esperava, não foram à festa. Nenhum.

Ausentes as senhoras e os senhores, o perigo do bronze sumia-se. A festa era outra. Nem se falou de literatura. Os especialistas, quer colectivos, quer individuais, não apareceram. A única especialidade concorrente foi a convivência. E da boa.

Numa aberta da conversa, deu-me para recordar. E, digo eu: «Quando da Ditadura, numa campanha eleitoral, há uns trinta e três anos, falava nesta mesma sala, enquanto camionetas de metralhadora, guardas e polícias rondavam pelas ruas.» Mal tinha acabado, chega-nos, nesse preciso momento, a notícia da entrada na vila de camionetas de polícias. «Por causa da nossa festa?» – admira-se alguém. «Ao que parece . . .» – responde um outro. Logo, uns tantos, exclamam: «Temos de lutar pelas conquistas de Abril!» Em consequência, falou-se do governo. Um governo medroso. Medroso e corrupto como todos os governos capitalistas.

Tomando parte no ataque, eu respirava fundo. Em verdade, estava afastada por completo a mais remota possibilidade do bronze.

Daí, eram horas, fomos jantar. Não houve consagração, nem palmas, nem discursos. Nem sequer o mínimo vislumbre de ameaça de discurso. Que é como dizer que a convivência continuou, melhormente amenizada pela bela da comida e pela excelência do vinho, de grau e gosto como se quer. Noite fechada, toda a gente foi, e não era pouca, ouvir, de gosto, ao ar livre e num amplo terreiro, música, canto e recitação. Ao outro dia, em Valverde, um arredor lá de Santiago, houve sardinhas assadas, resumindo gordura, que um vinho branco, fresquíssimo, desvanecia.

O entardecer demorava-se sob as árvores altas, frondosas. Do meio do Povo, que éramos, aí, todos, veio indagar se consentia me desse uma lembrança. E, abrindo a branca e limpa, puída toalhinha, que trazia no regaço, destapou um pão, que me ofereceu, nas mãos estendidas, com o delicado gesto de quem pede: «Aceita, camarada, que é de boamente.»

No silêncio, uma voz comovida, cheia, poderosa, ergueu as voltas de uma velha moda. Todos cantámos, graves e unidos, como a situação requeria. A esperar-nos, sobre a toalhinha, em cima da mesa de pinho, à luz do quarto crescente, o pão lá estava, como o emblema da compreensão e da amizade entre os homens.

Pode lá alguma vez ser-se de bronze com gente como esta, Joaquim Namorado!

Um abraço de carne e osso do

Manuel da Fonseca

JAPÃO

Os romances mais notáveis da última década

O ano de 1980 foi o ano literário mais importante que o Japão conheceu na última década. As princípais obras surgidas nos escaparates foram nomeadamente **Kyoofuki** («Vento louco»), de Jun Ishikawa, **Shinsei Kigeki** («A comédia sagrada»), de Kyojin Onishi, **Aki** («O Outono»), de Shinichiro Nakamura, **Samurai,** de Shussaku Endo, e **Tsukareta hito** («O ser possesso»), de Mitsuharu Inoue. Estas obras, tal como as publicadas há dez anos, não deixarão de ser mais um ponto de referência na literatura japonesa não só do período do após-guerra, como também do período que ficou conhecido pelo do «romance longo», iniciado nos anos 30.

«Comó escrever romances longos» foi o tema escolhido pelo círculo literário **Sengo bungaku,** cuja actividade recrudesceu após a derrota japonesa, imbuída do propósito de encorajar a criação de uma nova literatura. Na realidade, essa tentativa vinha já dos anos 30, e era seu propósito a contestação do chamado romance intimista, uma forma degenerada do romance naturalista.

Mas os esforços para impor e criar o estilo peculiar do «romance longo» só se concretizaram após a guerra. Foram os romancistas do grupo **Sengo bungaku** o motor do movimento. Esses escritores estudaram a génese do romance moderno na Europa, ao mesmo tempo que alargaram a sua visão na detecção dos fenómenos da sociedade.

O estudo da teoria romanesca europeia não conduziu forçosamente o Japão a uma imitação do romance ocidental – e os «roamnces longos» japoneses merecedores de atenção estão impregnados de particularidades que não se encontram em parte mais alguma do mundo.

Hiroshi Noma, por exemplo, criou, em **Seinen no wa,** um universo que, embora influenciado pelo estudo de Gide e de Joyce, não deixa de ser a expressão de um regionalismo profundo, o de Osaka, reforçado pela dialéctica das personagens. O espaço íntimo do romance é dominado por uma óptica «visionária», fluída e mutável, ausente dos romances cuja intriga se situa em Tóquio.

O romance mais representativo de 1980 é, sem dúvida, **Kyofuki** («Vento louco»). O autor, Jun Ishikawa, que pertence à mesma geração de Marcel Arland, principiou como tradutor das «Caves do Vaticano», de Gide, há cerca de cinquenta anos. Desde o princípio, Ishikawa opôs-se ao círculo do romance naturalista, siblinhando antes a universalidade da corrente modernista da literatura do século XX. Publicou sucessivamefte novelas e romances.

Kyofuki mostra-se difícil de ser resumido devido à intriga complicada em que se desdobra. Em Susono, um lugar desconhecido onde as imundícies se amontoam, vive um homem de nome Mago. Surge uma mulher, Hime, que trabalha numa empresa funerária. O mundo de Mago vacila perante esta mulher indefinível – e, então, é todo um entrecruzar de lendas do **Kojiki** (antiquíssimos anais do século VIII). O romance, no começo realista, oscila a certa altura entre o fantástico e o estranho. A quanlidade de **Kyofuki** fica-se a dever em grande parte a uma língua altamente refinada como é a japonesa. Uma espécie de magia. de sortilégio, anima a narração. A noção do tempo encontra-se totalmente excluída deste universo que, página a página, se transforma numa abstracção. Os romances de Ishikawa são uma mistura bem sucedida do romance-folhetim da época Edo (1603/1868) e do romance surrealista: dois géneros que são alheios ao moderno japonês.

Outro romance que prendeu as atenções:**Shinsei Kigeki** («A comédia sagrada»), de Kyojin Onishi. Romance em cinco volumes, o mais longo publicado depois de **Seinen no wa,** de Noma.

Debruça-se esta obra sobre um grupo de jovens soldados de um regimento de artilharia estacionado em Tsushima, durante três meses do ano de 1942, isto é, nas vésperas da eclosão da guerra no Pacífico. As personagens pertencem a meios sociais diversos. Através da sua descrição, desenha-se a sociedade japonesa da época. Analisando a organização do Exército imperial da época, o romance gira à volta de três temas: o da irresponsabilidade do oficial face aos seus subordinados; o do horror de uma sociedade dominada pelo sistema imperial, reflectido pelo Exército; e o da mentalidade japonesa. O segundo tema é desenvolvido através da vida de um soldado **burakumin** (casta discriminada, uma espécie de classe cuja convivência é tida como desonrosa). O terceiro tema apoia-se muito em citações de poemas extraídos do **Manyoshu** (a mais antiga antologia poética nipónica, datando do século VIII).

Aki («O Outono»), de Shinchiro Nakamura, faz parte de uma série de obras **(Shiki,** «As quatro estações», e **Natsu,** «O Verão»). Será necessário esperar pela publicação do quarto volume para emissão de um juízo global sobre a obra. Mas desde já se pode adiantar que **Aki** descreve em profundidade os arcanos das paixões amorosas através de experiências sentimentais vividas pelo seu herói. O autor concebeu o romance com referências implícitas a Marcel Proust.

Em «O Outono», Nakamura expõe sobretudo os começos do amor e o absurdo desse mesmo amor. Este romance tem analogias com «Jeunes Filles», de Montherlant. Trata-se, em suma, de uma espécie de variação daquele romance francês.

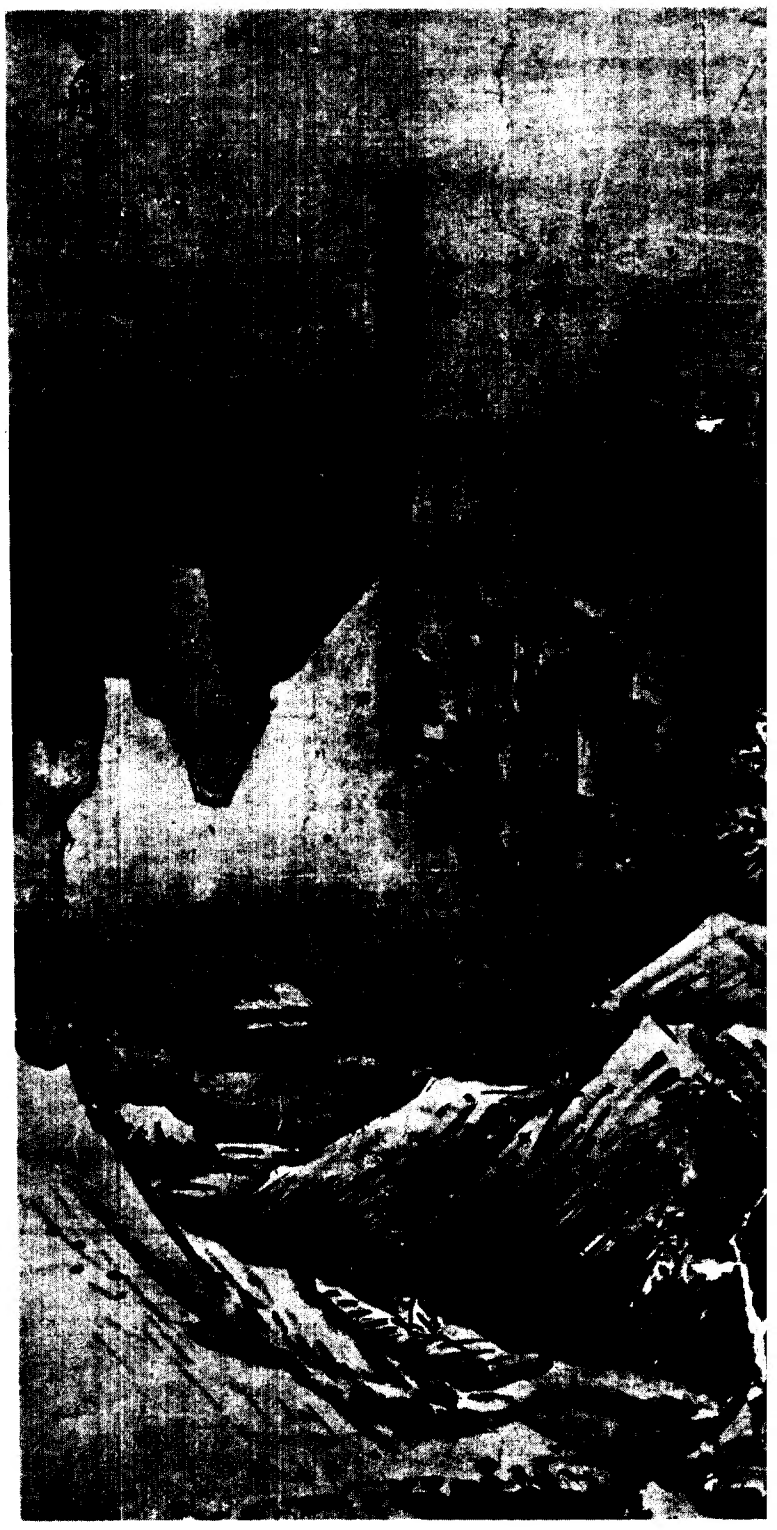
Samurai, de Shusaku Endo, é um romance idealista com base num facto histórico do século XVII. Obedecendo ao seu soberano, um samurai desloca-se à Europa para um encontro com o Papa. O mensageiro é sempre designado por «sumarai», o que ausenta a acção de toda e qualquer referência histórica precisa, permitindo descrever com desenvoltura o drama interior de um japonês que se sente, contra a sua vontade, atraído e fascinado pelo Deus cristão. O samurai não atinge os fins políticos e económicos da missão de que está incumbido, mas a sua aventura premite sublinhar as particularidades do espírito japonês.

Tsukareta Hito («O ser possesso»), de Inoue, tem como cenário uma cidade mineira do Kyushu, ilha meridional do arquipélago. O autor utiliza o tempo de maneira admirável (passado, presente e futuro), oscilando entre a guerra e a actualidade. O tema é a investigação de um assassínio, atribuído à personagem principal, que se afirma inocente de tal. O assunto não será esclarecido: cada um limita-se a apresentar a sua versão, nela fazendo finca-pé.

Refira-se, por fim, uma obra notável à margem da produção romanesca: a **Introdução à literatura japonesa,** de Shuichi Kato. Apresentar mil e quinhentos anos de literatura é, em princípio, uma tarefa difícil de cumprir. Mas Kato conseguiu cumprir essa tarefa. E mais: se até à data os estudos empreendidos nesse sentido se limitavam às obras escritas em japonês moderno, Kato apresenta e comenta as que foram escritas em ideogramas chineses, que, nos começos da sua literatura, os japoneses utilizaram. Uma obra notável, na verdade, no domínio do estudo literário. ●

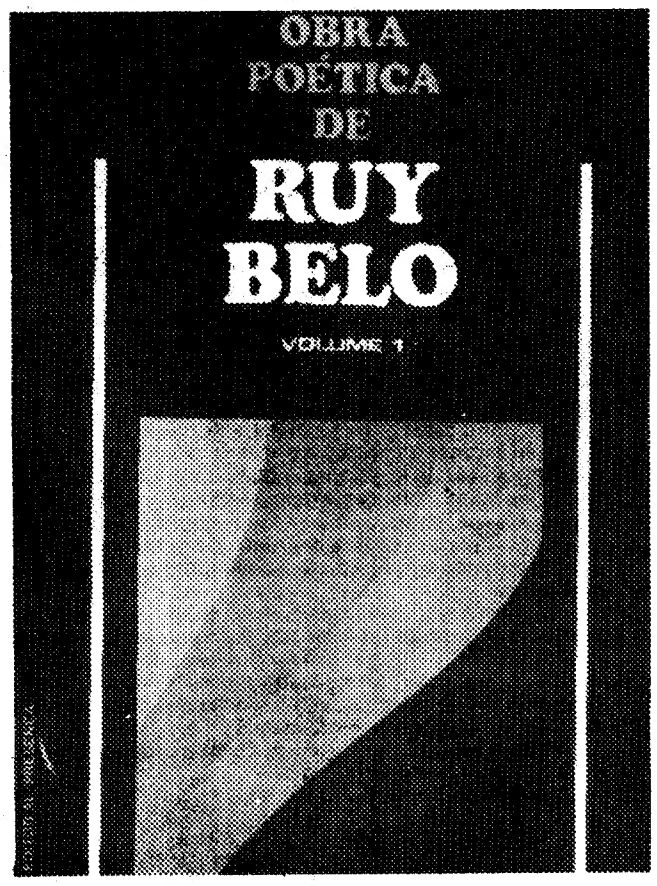
Hajime Shinoda

(Crítico literário e professor na Universidade de Tóquio)



Paisagem de Inverno, pintura de Sessu To

RUY



Agora que estou dentro da manhã sem comboio na algibeira,
sem o torpor fresco e quotidiano, monte abaixo, sono, dentro o
chão do corpo a pedir bica..
Agora que passados quantos anos? dou comigo noutro
verão Agosto outra casa nova, a mulher no peito um filho
quase, palavrando-lhe o interior do ventre apertado já, prestes
a brotar.
Agora despedia-me de ti moro a três prédios do que serias, lá
para o fim da semana ias para férias, levavas a grande testa no
tecto e a barriga no chão, à chegada havias de reconhecer a
água.
Onde mais uma vez não te afogavas por espírito de contradição.
(agora repara: há quem se mostre esta semana em várias
colunas
descontente do modo como, por tal e tal razão, te apresentam
ao mundo lusitano em obras completas volume um

Por dentro passo revisão ao material: passados quantos anos?
não me cabes
em um nem três volumes está à solta, passas de um poema a
outro por
frestas entre as letras, aprendo-te, dedo a dedo a mão e rio)

me mais do silêncio que te rodeia que das palavras deixadas
nos sulcos dos versos, encontroto-te mais dissolvido na água
que acalmaste as palavras apenas me alimentam ou sufocam
conforme
Será talvez que ao te abrir em livro recebo na enorme barriga
das palavras o som do mar. Será senão que ao ouvir o mar, se
me distraio, recebo como estalos palavras tuas já sem barriga
acabando de parir noutra praia pois à tua não fui
Morreste
e falar contigo e por tu é como acreditar no deus que nunca
conseguiste matar nesse peito esmagado pela trampa erecta
dos vencidos do catolicismo: Deus esse que apaguei a tempo e
só em ti não nego nem preciso violentar.
Falo-te dizia tu morto que não acredito poderes ouvir-me.
Estranho, não é? de todos os meus mortos seres o único que
não me convence.
Mas repara: a nossa amizade evoluiu. Já não te teria decerto
nenhum respeito.
Não falo agora de palavras no esgoto e limpo-as antes que
mordam o papel.
Onde está limpo, mando vir a minha bica e o teu bagaço.
Faço que te dou uma enorme descasca, que isso de apodrecer
as tripas com álcool e o coração com pírulas, um dia estar
digamos frágil e vai com sorte, partir de vez para outra, sem
despedida aos amigos, e os que não tiverem sequer tempo
para ser amigos?
Agora passaram quantos anos quantos? e o Verão é mais
quente mais seco o girassol por esta hora desfez-se em pó,
anda pelos trigais feito única hipótese de mar eco do grito esse
meu grito...
Passaram quantos anos? que o resto de tempo no teu bolso
já nem chega para a minha bica quanto mais para o teu bagaço
e eu que nem esse resto tive, merda, consolo-me com quê?
Passaram anos quantos? Com as tuas obras completas volume um? E chega?
E o nosso quintal?
O que eu queria, no fundo, não era escrever, era ter amigos.
Passaram anos? Só?
E os dias, não contam? ●

Manuel Cintra

u Togo

A ALEMANHA À PROCURA DA SUA IDENTIDADE

A Alemanha de hoje tenta perceber o seu passado depois de o ter recalcado durante cerca de trinta anos. Sociedade de consumo, a RFA procura essa compreensão nomeadamente através de exposições gigantescas, a última das quais, consagrada à Prússia no passado domingo em Berlim-Oeste.

Milhões de visitantes vindos de todos os cantos da Alemanha acorreram, nos últimos anos, às exposições de Stutgart e Munique, para encontrarem as suas raízes na história dos grandes imperadores alemães da Idade Média ou da dinastia bávara dos Wittelsbacher. Esta identificação com um passado longínguo era fácil. O império dos Honestaufen que ia da Sicília do Mar do Norte faz parte do património europeu. A Baviera, que se tornou reino graças a Napoleão, sempre assumiu a sua história.

Ora o caso da Prússia é muito diferente. A exposição «Prússia: tentativa de um balanço histórico», que estará patente até 15 de Novembro, no «Martin-Gropiusfbau», o antigo Museu das Artes e Ofícios de Berlim, faz reviver um Estado riscado do mapa.

Destestada por uns e admirada por outros, a Prússia morreu a 25 de Fevereiro de 1947. Foi nesse dia que um marechal soviético e três generais, um americano, outro britânico, o terceiro francês, assinaram a sua certidão de óbito, a lei n.º 46 do Conselho de Controlo aliado que abolia a Prússia, «símbolo do militarismo e da reacção em todos os tempos».

Pela primeira vez na história, um Estado foi assim interdito. Mas muitos anos antes, em 1918, a Prússia tinha já perdido o seu estatuto real e, finalmente, a sua alma, em 1934, quando foi integrada no Reich.

Quando o antigo burgomestre reinante de Berlim-Oeste, Dietrich Stobbe, tinha lançado em 1977 a ideia de uma exposição prussiana em Berlim-Oeste, não podia prever que desencadearia uma verdadeira vaga de livros, exposições e conferências sobre a prússia. A celebração este ano do bicentenário de Karl Friedrich Schinkel, o grande arquitecto prussiano criador da Berlim moderna, contribuiram largamente para fazer de 1981 o grande ano prussiano.

Mas será possível falar de «um renascimento da glória e da grandeza da Prússia» no espírito dos alemães? A exposição de Berlim não se presta a tal.

Com efeito, ela é muito crítica em relação ao Estado prussiano, cujas acções têm ainda hoje consequências dolorosas para a Alemanha. «A glória prussiana» é ridicularizada nas 33 salas que traçam a história da Prússia, desde os primórdios da ordem teutónica até ao nacional socialismo.

Contudo, são também mostradas «as virtudes prussianas» e o espírito de vanguarda da Prússia em particular no século XIX. Na sala central do «Gropius-Bau» estão expostas as peças apresentadas nas Exposição Universal de Paris, em 1867. Os organizadores quiseram mostrar a vontade da Prússia dessa época de se afirmar como potência económica, tecnológica e militar face ao resto do mundo. O «Gropius-Bau», metade restaurado, está colado contra o cinzento do muro de Berlim. Rodeado por terrenos vagos, o «Gropius-Bau» fica entre a Potsdamer Platz e as ruinas do Anhalter-Bahnhof, antiga gare de Berlim. Seria difícil evocar nesta zona, tão devastada pela II Segunda Guerra Mundial, «A glória e a grandeza da Prússia».

A poucos passos, abriu também no mesmo dia, num belo palácio do classicismo alemão, uma exposição sob o título «O museu sentimental da Prússia».

Os amadores da «pequena história» ficarão contentes com a exposição. Desde a caixa de rapé de Frederico o Grande que lhe salvou a vida na batalha de Kunersdorf até às ementas de Guilherme II, passando pelos lenços da Rainha Luísa, tudo lá se encontra.

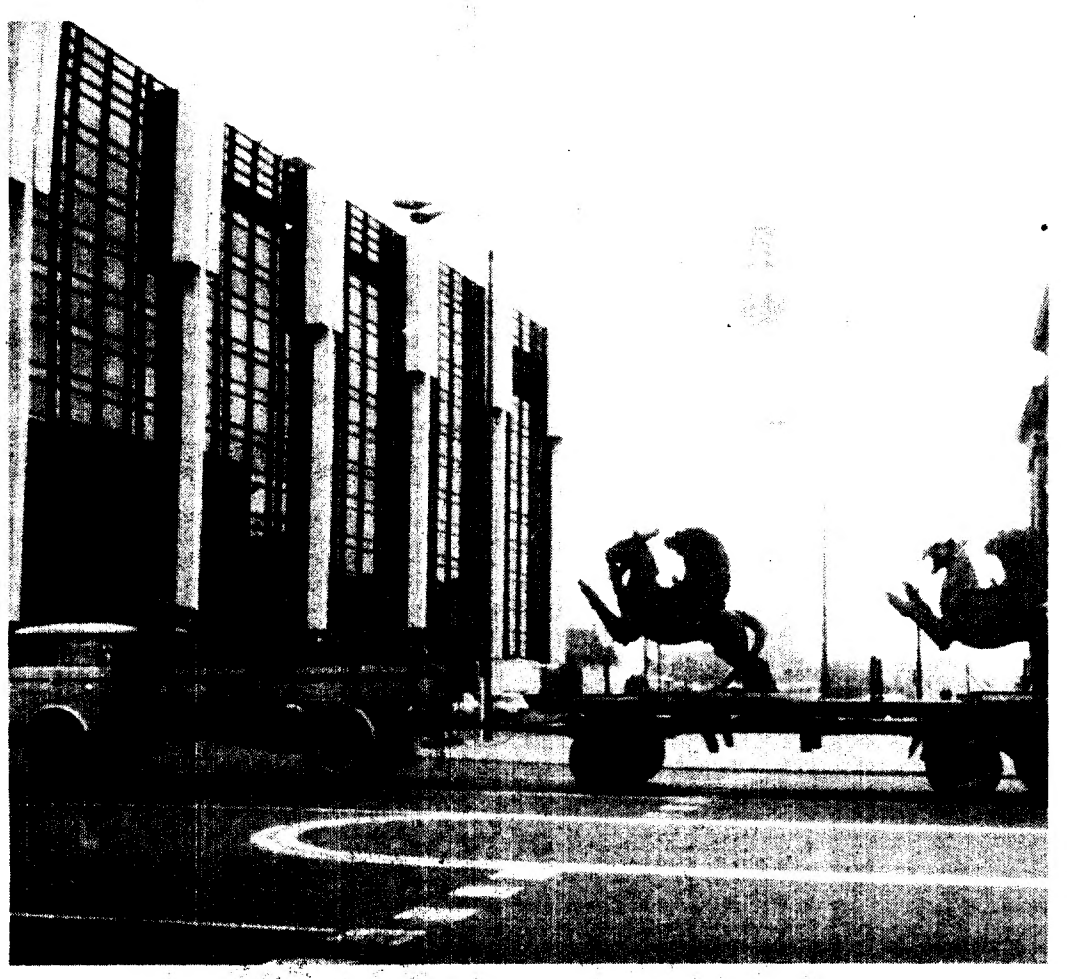
O mau gosto, desta vez pretendido, surge a cada canto da sala nesta exposição surpreendente, habilmente concebida.

É necessário citar a cadeira de escritório de Guilherme II, em forma de sela num tronco de cavalo em madeira, e o equipamento de um soldado alemão, datando da Primeira Guerra Mundial, incluindo papel higiénico cuja embalagem de origem tem a inscrição«o indispensável para os nossos queridos soldados», tal como preservativos das marcas «Venus» e «Bubikopf».

Depois desta forte dose de história prussina, encontramos a Berlim de hoje: os «Peep--Shows» e as «Sex-Shops» à volta da Igreja da Memória, os marginais do «Bahnhof Zoo», etc.

Perguntamo-nos o que é que esses alemães poderão realmente fazer do credo prussiano marcado por um pragmatismo considerado hoje «inumano»... ●

Karl Heinz Baab.



NOTÍCIAS • NOTÍCIAS • NOTÍCIAS • NOTÍCIAS • NOTÍCIAS •

«TRÊS DIAS DE INFERNO»: último livro de ficção de Vicente Campinas. Assunto: o da emigração nas décadas do obscurantismo português. Tempo sobretudo de Salazar, mas também de Marcelo. Diz o autor à guisa de introdução: «Escrever sobre a emigração portuguesa é um dever de quem teve de emigrar. De todos aqueles que, pela força das dificuldades económicas, na sua terra, transformada em severa madrasta (...) se viram forçados a procurar na estranja um lugar ao sol. Um lugar de trabalho. Um lugar de luta pela subsistência. E de exílio, voluntário ou forçado. Mas, de qualquer maneira, exílio.» Um impressionante testemunho de quem viveu longos anos sob céus estranhos. Edição, muito cuidada, do «Jornal do Algarve», com, na capa, desenho de Mário Silva.

ALEXANDRE CABRAL, via Edições «Terra Livre», surge com «Camilo Castelo Branco – Roteiro dramático de um profissional das letras». Do grande romancista, este parágrafo que abre o livro: «Eu inclinava o peito crivado de dores sobre uma banca para ganhar, escrevendo e tressuando sangue, o pão de uma família. A luz dos olhos bruxuleava já nas vascas da cegueira. E eu escrevia, escrevia sempre.» Fotos de um desenho de Tòssan.

ESCRITOR EM FUGA. Jack Henry Abbot era há um mês o autor mais celebrado da elite literária norte-americana, um estreante que descreveu uma vida infernal passada atrás das grades num livro de sucesso e que começava uma promissora vida nova.

Hoje, Abbot é um fugitivo que se esconde possivelmente no México, tentando escapar a uma acusação de homicídio e procurando não mostrar as letras J, A, C, K, que estão tatuadas nos quatro dedos da sua mão esquerda.

Desde meados de Julho que a única coisa que escreveu foram duas cartas endereçadas a sua irmã, em Salt Lake City, nomeando-a destinatária dos lucros do seu último livro, «In the belly of the beast», um conjunto de cartas que Abbot enviou ao escritor Norman Mailer acerca da vida na prisão.

A Polícia afirma que no dia 18 de Julho, seis semanas depois de ter saído de uma prisão do Utah, Abbot teve uma discussão com um empregado, o qual anavalhou e matou.

O «curriculum» de violência de Abbot, hoje com 37 anos, começou aos 14 no reformatório e culminou em 1966 com uma condenação por ter morto um companheiro.

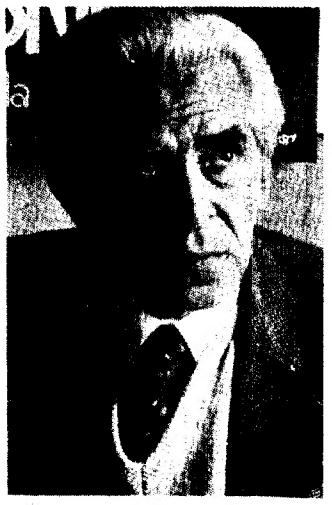
Desde os 14 anos, Abbot apenas teve 10 meses de liberdade, passando todo o resto do tempo detido. «É uma pessoa basicamente incapaz de viver numa sociedade livre», afirma o detective William Majeski, responsável pela caça ao homem.

Majeski diz que, embora Abbot nunca tenha mostrado sinais de paranoia ou violência ao seu protector Norman Mailer ou ao agente literário de ambos, Scott Meredith, ele é incapaz de resolver problemas de rotina.

«Nunca mostrou o mais leve sinal de uma tendência para a violência. Seria capaz de sair a qualquer lado com Jack, coisa que não posso dizer em relação a todos os meus clientes», afirma Meredith.

No entanto, para Thomas Bona, director da unidade de segurança máxima da prisão de Utah, a atitude e o comportamento de Jack Abbot «indicavam uma psicose».

«In the belly of the beast» vai já na terceira edição e deverá dar a ganhar ao seu autor pelo menos uns 250 mil dólares (16.250 mil escudos), uma vez incluídas as vendas no estrangeiro. Abbot já recebeu cerca de 16 mil dólares (1040 mil escudos) a maioria dos quais foram para pagar aos advogados.



Vicente Campinas

Alexandre Cabral

«CONTOS DA SÉTIMA ESFERA»: eis aqui um livro que surge ao leitor como exemplo gozado da arte de contar histórias. O autor, Mário de Carvalho, insere-se no leitor não só devido a uma grande imaginação como também pelo ritmo que confere a todo o livro. Raramente, nas últimas edições, tem aparecido um livro como este. Contos como «A definitiva história do professor Pfigizz e seu estranho companheiro». «A simetria» e «O enigma da estátua mutilada encontrada nos fundos de Shandenoor» (e só para citarmos alguns), empolgam e ficam como pontos de referência da nossa actual escrita. Talvez não incorramos em erro se nos atrevermos a dizer que um conto como o do «Professor Pfigizz» anuncia um verdadeiro escritor, na posse das palavras, da intriga e daquele «it» que leva à leitura sem quebra de atenção. Edição «Vega», na colecção «O chão da palavra.» ●

NADINE GORDIMER

O lento fim do «apartheid»

«July's People» é o último romance de Nadine Gordimer, considerada como a maior escritora sul-africana da actualidade. Aos 57 anos, Nadine, ao longo deste romance, defende a tese de que a África do Sul conhecerá, em tempo oportuno, um evento de grande repercussão internacional: a liquidação pela população negra do poder da minoria branca. Página após página, as cidades ardem, os aeroportos são paralisados, as estradas cortadas...

Entre as personagens, Bamford e Maureen Smales, um casal liberal de Joanesburgo, pais de três crianças. Quando os massacres ocorrem um pouco por toda a parte, Maureen e Bamford procuram protecção junto de July, um negro que os serviu durante 15 anos. O negro transporta-os para a sua aldeia natal, situada cerca de 500 quilómetros de Joanesburgo. Esta retirada cumpre-se ao longo de três dias e três noites de grande angústia. Depois, uma certa paz.

Mas as dificuldades não tardam. Embora as crianças se adaptem facilmente à terra primitiva, simples, para onde foram conduzidas, o mesmo não acontece com os pais, que, apesar de toda a sua boa vontade, se arrepiam com as casas «feitas de lama». O alimento escasseia, as condições sanitárias não são nenhumas, e as febres espreitam do ribeiro mais próximo. Nunca foi tão difícil beber um pouco de água colhida na palma da mão!

July é acometido por outras preocupações. Embora tente manter a sua numerosa família em ambiente de calma e discernimento, não consegue, no entanto, que outras pessoas da aldeia se não inquietem com o facto de haver uma família branca ali escondida. De um momento para outro pode surgir uma patrulha negra – e o medo fazer com que uma ou outra boca denuncie a presença da família Smales...

Bamford e Maureen dão-se conta de que alguma coisa mudou na verdade: dependem inteiramente de July. O antigo criado (se não até escravo...) tornou-se no senhor. July insiste em ter na sua posse a chave do esconderijo (uma «roullote»). O casal mostra-se relutante em que as suas vidas dependam assim tanto de July. July, no entanto, não exterioriza qualquer espécie de sobranceria. Cumpre ainda uma rotina. Ainda serve o casal: de manhã surge com o chá e durante o dia procura alimentos preferidos pelos brancos. Mas Bamford e Maureen perguntam-se se esta situação não é degradante, dolorosa, uma vez que eles não se integram na vida da aldeia. Estão, por assim dizer, marginalizados. A mulher branca encontra-se impossibilitada de se integrar na rotina das mulheres negras, e o seu marido não tem quaisquer poderes, não é mais do que «um arquitecto jazendo numa cama posta numa cabana de lama, um homem sem um veículo...»

O facto dos Smales terem aceitado a independência negra não lhes minora a existência. Passam os dias atentos a uma aparelho de rádio que conseguiram salvar de sua casa, esperando a todo o momento uma «música marcial» que anuncie o sucesso final da revolução. Estão numa encruzilhada. Sabem de que lado se encontra a razão, mas sabem também que podem ser mortos de um momento para o outro. Lê-se: «Tinham assistido aos combates nas ruas, vislumbrado o perigo que corriam os filhos, e sentido a necessidade de defender as suas vidas em nome de ideais desaparecidos numa sociedade branca destruída em que já não acreditavam... Acontecesse o que acontecesse, os Smales não podiam já voltar à sua casa de Joanesburgo. E um problema se põe (a que só o tempo, em situações semelhantes, dará resposta): os Smales podem ser «pessoas de July» naquela aldeia perdida, simples, primitiva, mas uns e outro(s) continuarão separados pelo lapso histórico do colonialismo. São, em suma, negros e brancos – e só os dias a vir insinuarão lentas graduações entre essas duas cores. As barreiras da cor irão sendo destruídas num compreensivo jogo de xadrez, onde, em confronto, as peças são precisamente brancas e pretas... ●

RIGOR, RIGORISMO

Continuação da pág. 1

com prolongamentos ou sobrevivências – notáveis, por vezes – na década seguinte, e ainda hoje: aquela escrita processada assentemente na linguagem assumida com a sua densa espessura material e elaborada através de um construtivismo textual minucioso, de uma minuciosa organização discursiva muito atenta a valores clássicos recuperados actualizadamente em função de um tempo de escassez generalizada e opressão – do regime, do sistema, das condições gerais e materiais da vida e da existência. Pois bem: muito criticamente se discursou sobre os textos que dessa tendência se nos propunham, muito ainda fatalmente se teorizou sobre isso. E o rigor confeccional dos textos que se nos propunham transformou-se depressa num dos pontos críticos e teóricos mais **batidos** por todo esse discursar. Chegou por vezes a parecer instituída a ideia de que a poesia ou era essa arte de poupança, essa prática de economia, esse exercício de austeridade (verbal, articulatória, semântica, sintáctica, etc., etc.), ou não valeria a pena: – esbanjamento, dispêndio inútil de forças e recursos, de energias e meios, de potencialidades e expedientes. Valeu que esta ideia teve sempre de suportar desafios e não póde por isso instituir-se e dominar, fora de um estrito formalismo a que, de resto, nunca deixou reduzir-se inteiramente. Isto, pelo menos no que respeita à crítica, e à sua subjacente teorização – com referências mais fortes a ter em conta e que normalmente não a deixariam ancilosar-se nos antípodas do impressionismo que tanto combateu com empenho, paixão e até ferocidade. Isto, pelo menos, nos melhores casos. Mas isto que não se passou com a crítica – onde a atenção dos que a isso se dedicam não pode obstinar-se em urgentes referências particulares (luxo reservado mais aos chamados criadores), e deve antes ter uma perspectiva ampla, sincrónica e diacrónica, das coisas, dos seus coevos –, é muito possível que se tenha passado com alguns exemplares dos chamados criadores, poetas, no caso da poesia de que aqui se trata. Certos poetas, vamos lá. Mais, todavia, poetas que haveriam de revelar-se depois. O fenómeno do epigonismo, com os casos inumeráveis que aqui se poderia referir, para ilustrar.

Não é reduzir os epígonos, a sua importância – que a têm, maior ou menor, e seja mesmo que somente para valorizarem, de algum modo, com o relativo trabalho só aparentemente novo a que se dedicam – o trabalho já feito antes por aqueles que os precederam. (Se o epigonismo não existisse, mais dificilmente nos aperceberíamos do interesse que têm aquelas referências em função das quais se fala de epigonismo; e a obra de um poeta maior de algum modo valoriza-se quando se torna referência de que se sustentam os trabalhos dos poetas menores). Também não é recusar a importância que teve, que tem, todo aquele trabalho crítico, teórico, parateórico ou simplesmente valorativo que se fez por escrito (texto, discurso) desenvolvendo o conceito, a noção de rigor atribuída de um valor estratégico ou táctico preponderante. Esse trabalho já produziu efeitos suficientemente sensíveis para o podermos subestimar, e não faltariam argumentos para lhe avalizar a actualidade ainda hoje em dia. Dele resultou, além de mais ou antes de mais, uma exigência do texto e do textual na leitura e na análise que a breve trecho se generalizou e sem a qual dificilmente hoje se admite que possa haver crítica susceptível de assim ser chamada com seriedade. Esse trabalho, enfim, mantém-se actual e faz parte das nossas mais elementares referências. O que se pretende dizer é apenas que alguma coisa se processou e está adquirindo cada vez mais proporções meramente históricas. É a sorte que cabe aos excesso demasiados, às exacerbações extemporâneas e tardias. Mas não é o rigor que está em causa, e sim outra coisa, ou duas: por um lado, a preponderância crítica, táctica, teórica e estratégica da palavra, do conceito, da noção, do significado, da palavra rigor – e isto no domínio do discurso que os críticos fazem sobre os textos que lhes são propostos pelos poetas; por outro lado – e agora no domínio dos textos que os poetas escrevem, das escritas que os poetas fazem, para sobre aqueles e estas os críticos reflectirem e discursarem –, o interesse prático da exigência de rigor para o trabalho poético, para o labor poético da linguagem, e isto designadamente nos casos em que o chamado rigor se reveste de aspectos, se não exclusivamente, pelo menos preponderantemente formalistas, casos em que rigor se confunde com o que se chama rigorismo (expressão que, cremos, aparece quase sempre numa acepção pouco positiva, ou é numa acepção assim que aqui a utilizamos).

Rigor segundo Moraes

Um dicionário como o de Moraes, por exemplo, dá uma ideia do âmbito semântico da palavra rigor dizendo que ela pode significar, entre outras coisas, dureza, força, fortaleza, rigidez, tensão demasiada, inflexibilidade, serenidade, crueldade, aspereza, intensidade, força, insensibilidade, indiferença, concisão, exactidão, forma exacta, sentido preciso e necessário, interpretação restrita, etc., etc.. No falar comum, a palavra rigor não aparece nunca na acepção de algumas destas equivalências semânticas; não se diz rigor querendo dizer fortaleza, força, por exemplo. E só num falar especioso se utiliza, em vez de rigor, uma palavra como, por exemplo, aspereza, ou dureza. O falar corrente pode significar rigor recorrendo a palavras como tensão (demasiada) concessão, exactidão, ou precisão, forma exacta, sentido preciso e necessário. Implica já o alargamento ou mesmo até uma certa distorção semântica o recurso, para significar rigor, a palavras ou designações como dureza, rigidez, inflexibilidade, insensibilidade, intensidade, indiferença, severidade, crueldade.

Este reporte ao dicionário não será de todo inútil em conta do que se trata aqui: a ocorrência frequente de «rigor» no falar apreciativo das obras literárias.

Todos aqueles que lêem o que se escreve neste âmbito de interesses já repararam certamente na frequência com que a palavra rigor ocorre, por exemplo, no discurso crítico sobre uma obra sem que a propósito se fale de rigor. Dezenas, centenas, milhares de vezes se tem dito do rigor com que os escritores escrevem os seus textos; rigor verbal, rigor semântico, rigor sintáctico, por exemplo, e nos casos em que se trata de escrita criativa, utilização criativa da linguagem, na poesia ou na prosa. Diz-se ainda do rigor metodológico, por exemplo, falando da pesquisa, do ensaio, da investigação, da interpretação, do estudo, da análise dos textos, das obras. Mais amplamente diz-se do rigor processual: é um conceito ou uma noção de rigor apontando para aspectos globais, gerais, da composição de uma obra, da confecção de um texto. O próprio discurso crítico que fala do rigor tende muito a inflectir-se a questionar-se, em função de determinados valores que com o rigor se prendem ou nele (na noção, no conceito que se tem ou faz dele) estão implicados. Assim, e por exemplo, não há discurso crítico que não se reclame rigoroso, ao mesmo tempo que assinala o rigor (ou denuncia a falta de rigor) nos textos de que se ocupa. O rigor assumiu proporções incalculáveis de valor superior. Para um certo formalismo, este valor é autónomo e soberano, imprescindível: um texto rigorosamente construído vale; outro texto que revela falta de rigor, já não – ou vale muito menos. A crítica informada e animada de preocupações ideológicas furta-se a esse formalismo mas não se afasta da obsessão do rigor: há ainda o rigor ideológico. Em qualquer caso onde a questão do rigor se põe, trata-se sempre, no fundo, de outra coisa: coerência, unidade, coesão, consistência; ausência de contradições e diversidades (não assumidas e enfrentadas pelo menos); inexistência de desvios, de deslizes (pelo menos não ponderados); falta de ordem, de lógica interna, de organização, de estrutura.

Mas de tanto se ouvir falar de rigor tende-se a não reparar grande coisa no que rigor e dizer rigor significa, e começa-se a suspeitar de que rigor, dizer rigor, pode não significar coisa assim tão importante. As palavras estão sujeitas ao tempo e à incessante erosão que o uso e o abuso delas produzem sobre o seu significado, as possibilidades significantes, as potencialidades denotativas e conotativas. E um conceito, se começou por ser uma noção, volta também a assumir as proporções de noção na generalização excessiva e desgastante dos lugares-comuns, das repetições incessantes. Mais tempo menos tempo já nem tais proporções assume. ●

DOIS POEMAS INÉDITOS DE JOSÉ MANUEL MENDES

1

existe outro álcool
outro navio
para a esperança:

um punhado
de terra

os trigos da planície
deste amor
levedado

2

como se outra vez as aves
da tormenta

até aos olhos pedes
o espasmo do fogo
os deuses sanguíneos
da esperança

como se outra vez o clandestino
acender da vida

entre cabras
e uma flauta

até ao corpo recomendas
o cisco e a treva
o leito errante
as certas águas
à porta das manhãs